



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE MEDICINA**

**Juliana Cunha**

**ACIDENTES DE TRABALHO COM ADOLESCENTES:  
COMPREENDENDO AS CONSEQUÊNCIAS AOS JOVENS  
TRABALHADORES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina,  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita  
Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de  
Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dionísia do Amaral Dias

**Botucatu  
2018**

Juliana Cunha

**ACIDENTES DE TRABALHO COM ADOLESCENTES:  
COMPREENDENDO AS CONSEQUÊNCIAS AOS JOVENS  
TRABALHADORES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dionísia do Amaral Dias

Botucatu  
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÊC. AQUIS. TRATAMENTO DA INFORM.  
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CÂMPUS DE BOTUCATU - UNESP  
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ROSEMEIRE APARECIDA VICENTE-CRB 8/5651

Cunha, Juliana.

Acidentes de trabalho com adolescentes : compreendendo as consequências aos jovens trabalhadores / Juliana Cunha. - Botucatu, 2018

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Medicina de Botucatu

Orientador: Maria Dionísia do Amaral Dias  
Capes: 40602001

1. Saúde do trabalhador. 2. Acidentes do trabalho.  
3. Saúde do Adolescente. 4. Promoção da saúde.

Palavras-chave: Acidentes de trabalho; Adolescente trabalhador; Saúde do adolescente; Saúde do trabalhador.

**JULIANA CUNHA**

**ACIDENTES DE TRABALHO COM ADOLESCENTES: COMPREENDENDO AS  
CONSEQUÊNCIAS AOS JOVENS TRABALHADORES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Dionísia do Amaral Dias  
Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP

---

Prof. Dr. Ildeberto Muniz de Almeida  
Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Francisca Bezerra Gemma  
Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP

**Botucatu, 01 de março de 2018.**

*Dedico este trabalho àqueles que me apoiaram direta e indiretamente para a realização da pesquisa, em especial, ao meu pai e minha mãe.*

*A todos os adolescentes trabalhadores que iniciam cedo a sua vida laboral, por motivos diversos. Pelo anseio de um futuro próspero e digno, para que tenham melhores oportunidades de trabalho, aliados a um estudo que valorize o desenvolvimento das habilidades e competências de cada um.*

## AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram, apoiaram e auxiliaram para que eu conseguisse conquistar esta etapa do Mestrado. Vejo esta jornada como crescimento profissional e pessoal, que obtive com esta pesquisa, além do grande aprendizado teórico.

Agradeço a Deus, por permitir que eu ficasse sempre firme em todos os momentos.

Agradecimento especial ao meu pai, Osmarino e à minha mãe Rute pela paciência, pelo apoio, pela demonstração de amor e tantos auxílios. Também agradeço à minha família como um todo, pelo apoio incondicional, mesmo à distância. À Lara e à Maísa, amores da dinda Ju.

Agradeço imensamente à professora orientadora Dionísia, pelo aceite como orientadora e por acreditar na minha capacidade de realizar esta pesquisa, assim como a oportunidade de aprendizagem e reflexão proporcionadas nas orientações.

À CAPES pela disponibilização da bolsa de estudo, auxílio este, muito importante para que a pesquisa se concretizasse.

Ao grupos de estudos em Saúde do Trabalhador, GEPESAT, coordenado pelos professores: Dionísia, Ildeberto e Adriano, e ao grupo de estudo em Psicologia Histórico-Cultural e Saúde Coletiva coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Sueli Terezinha: obrigada por oportunizarem conhecimento, aprendizagem, possibilidade de crítica e visão ampliada dos assuntos discutidos.

Ao professor Rodolfo Vilela, coordenador do Projeto Temático “Acidente de trabalho: da análise sociotécnica à construção social de mudanças”, no qual o meu projeto está inserido, pela total abertura, atenção e dedicação. A todos os pesquisadores e equipe envolvidos no Projeto Temático.

Aos jovens trabalhadores que concederam as entrevistas, pela disponibilidade para participar da pesquisa, meu infinito agradecimento.

Aos professores das disciplinas da Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Agradeço às pessoas que trabalham na Secretaria do Departamento de Saúde Coletiva e especialmente ao Wagner, pela disposição para auxiliar, sempre muito paciente.

À Equipe do CEREST de Piracicaba, por colaborarem de forma ímpar para a realização da pesquisa, em especial à Coordenadora Clarice, os colegas Marcos, Paulo e Sandra.

À Equipe do CEREST de Botucatu, pela colaboração na pesquisa.

A todos os amigos queridos que me deram apoio nesta trajetória: Fabiane, Marco Antônio, Taís, Audrey, Lisi, Paula, Maicon, Ecléa, Argemiro. A TODOS os amigos, alguns distantes e sempre muito presentes: Dai, Ale, Ana, Day, Jaque, Karol, Jupyra, aos Txutxucos, Monalisa, Vitor W., Selma, Rafa, Jerusa e Dali, Trio Parada Dura, Ecléa, Vitor S., Dudu e demais amigos, igualmente importantes.

Às amigas Focolarinas, que, em todos os momentos estivemos juntas, em unidade.

Aos professores da Banca Examinadora pelas contribuições para esta pesquisa.

---

**RESUMO**

**CUNHA, J. ACIDENTES DE TRABALHO COM ADOLESCENTES: COMPREENDENDO AS CONSEQUÊNCIAS AOS JOVENS TRABALHADORES.** 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2018.

O desenvolvimento das pessoas envolve aspectos psíquicos e físicos, bem como sociais e culturais, segundo a perspectiva socio-histórica. A adolescência configura-se como período importante no desenvolvimento do indivíduo, determinante para a qualidade da vida adulta. Neste sentido, a relevância do presente estudo que trata do tema acidente de trabalho com menores de 18 anos. O acidente de trabalho atinge milhares de trabalhadores diariamente, causando muitas vezes incapacidade temporária ou permanente, ou mesmo a morte. Por esta razão, o acidente de trabalho ocorrido com adolescentes é foco de atenção na Saúde Pública. Para os adolescentes trabalhadores a dimensão negativa do trabalho no modo de produção capitalista, pode ser ainda mais danosa, visto que as oportunidades de trabalho não levam em conta os aspectos do desenvolvimento infanto-juvenil. Assim, realizou-se a presente pesquisa com o objetivo de compreender a vivência de adolescentes trabalhadores que sofreram acidente de trabalho em empresas do município de Piracicaba. A pesquisa caracterizou-se como estudo de caso de abordagem qualitativa, ancorado na perspectiva teórico metodológica da Psicologia Socio-Histórica. A pesquisa iniciou-se com uma fase exploratória de contextualização, realizando análise global de dados com acidentes de trabalho ocorridos de 2010 a 2016, envolvendo menores de 18 anos, os quais foram notificados por unidades de saúde sentinela no Sistema de Vigilância em Acidente de Trabalho de Piracicaba. A segunda etapa consistiu na realização de estudo de aprofundamento do problema, realizando-se entrevistas individuais com quatro adolescentes, para compreender os impactos do acidente de trabalho em suas vidas. Constatou-se que foram notificados no período estudado o total de 67.839 acidentes de trabalho no município e 981 deles envolveu adolescentes trabalhadores, com 136 dos acidentes lesões graves ou moderadas. Nos anos de 2015 e 2016, a atividade econômica com maior número de ocorrências para os adolescentes foi o comércio. A análise das entrevistas conduziu a dois núcleos temáticos: 1) o acidente, o qual é abordado pelas dimensões: a) atividade realizada no momento da ocorrência; b) possíveis causas que levaram à ocorrência do acidente de trabalho como: não ser a atividade habitual, sobrecarga e imprevisto; c) cuidados imediatos: primeiros cuidados e atendimento em serviço de saúde; d) consequências: imediatas/temporárias, médio prazo e de longo prazo; e) sentimentos relacionados ao acidente: impotência, dor, medo, raiva; 2) o trabalho, compreendido a partir de: a) motivos para trabalhar; b) condições de trabalho; c) futuro, conforme desejos do momento atual; d) estudo concorrente com o trabalho. O acidente de trabalho levou a um afastamento do trabalho e da escola, trouxe sentimentos negativos, acarretando em marcas físicas e psicológicas. O evento ocorreu por fatores multicausais, destacando-se na situação dos entrevistados as inserções e condições laborais precárias. A situação do acidente de trabalho com jovens revelou-se semelhante a ocorrência com trabalhadores adultos. O trabalho dos jovens, não respeitou as necessidades específicas desta fase de vida e não propiciou condições para o pleno desenvolvimento ao prejudicar sua atividade criadora, a saúde física e mental. Conclui-se, que há necessidade de mobilização social para proteger os adolescentes da lógica capitalista adoecedora, propiciando inserções que conduzam a um desenvolvimento e amadurecimento saudável, orientadas por atividades com possibilidade de fluidez da criatividade.

**Palavras-chave:** acidentes de trabalho; adolescente trabalhador; saúde do adolescente; saúde do trabalhador.



---

**ABSTRACT**

CUNHA, J. **ACCIDENT OCCUPATIONAL WITH ADOLESCENTS: UNDERSTANDING THE CONSEQUENCES OF YOUNG WORKERS.** 2018. 120f. Dissertation (M.Sc. Public Health) – School of Medicine, São Paulo State University, Botucatu, 2018.

The development of people involves psychic and physical as well as social and cultural aspects, according to the socio-historical perspective. Adolescence is an important period in the development of the individual, which determines the quality of adult life. In this sense, the relevance of the present study dealing with the subject of occupational accidents with minors under 18 years. The occupational accident reaches thousands of workers daily, often causing temporary or permanent disability, or even death. For this reason, the occupational accident occurred with adolescents is a focus of attention in Public Health. For working adolescents, the negative dimension of labor in the capitalist mode of production can be even more damaging, since job opportunities do not take into account aspects of child and youth development. Thus, the present research was carried out in order to understand the experience of adolescent workers who suffered an accident at work in companies of the municipality of Piracicaba. The research was characterized as a case study of a qualitative approach, anchored in the theoretical methodological perspective of Socio-Historical Psychology. The research began with an exploratory phase of contextualization, performing a global analysis of data with occupational accidents occurred from 2010 to 2016, involving minors under 18 years old, who were notified by sentinel health units in the Occupational accident Surveillance System of Piracicaba. The second stage consisted in carrying out a study to deepen the problem, with individual interviews with four adolescents, to understand the impacts of the occupational accident on their lives. It was verified that in the period studied the total of 67,839 occupational accidents in the municipality and 981 of them involved working adolescents, with 136 of the accidents serious or moderate injuries. In the years 2015 and 2016, the economic activity with the highest number of occurrences for adolescents was trade. The analysis of the interviews led to two thematic nuclei: 1) the accident, which is approached by the dimensions: a) activity performed at the time of occurrence; b) possible causes that led to the occurrence of the occupational accident as: not the habitual activity, overload and unforeseen; c) immediate care: first care and care in health service; d) consequences: immediate / temporary, medium term and long term; e) feelings related to the accident: impotence, pain, fear, anger; 2) work, comprised of: a) reasons to work; b) working conditions; c) future, according to the wishes of the present moment; d) study concurrent with work. The occupational accident led to a move away from work and school, brought negative feelings, leading to physical and psychological marks. The event occurred due to many causes factors, highlighting in the situation of the interviewees the insertions and precarious working conditions. The situation of the occupational accident with young people was similar to that with adult workers. The work of young people did not respect the specific needs of this stage of life and did not provide conditions for full development by impairing their creative activity, physical and mental health. It is concluded that there is a need for social mobilization to protect adolescents from the adventurous capitalist logic, providing insertions that lead to a healthy development and maturation, guided by activities with the possibility of fluidity of creativity.

**Key word:** accident occupational; adolescent worker; adolescent health; occupational health;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Acidentes de Trabalho Registrados no SIVAT Piracicaba, de 2010 a 2016. ....	54
Gráfico 2 – Acidentes de Trabalho com Menores de 18 anos Registrados no SIVAT Piracicaba, de 2010 a 2016. ....	55
Quadro 1 – Número de Acidentes de Trabalho Graves e Moderados com Menores de 18 anos registrados no SIVAT Piracicaba, de 2015 a maio de 2017.....	49
Quadro 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa .....	57
Quadro 3 – Caracterização dos acidentes de trabalho ocorridos com os participantes da pesquisa.....	58

---

**LISTA DE ABREVIATURAS**

CAT	Comunicação de Acidente de Trabalho
CEREST	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNAE	Classificação Nacional de Atividade Econômica
COT	Centro de Ortopedia e Traumatologia (de Piracicaba)
DIESAT	Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RAAT	Relatório de Atendimento ao Acidentado
RENAST	Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SIVAT	Sistema de Informação de Vigilância de Acidente de Trabalho
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

---

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>OBJETIVO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ACIDENTES DE TRABALHO NO BRASIL .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Acidentes de Trabalho com Adolescentes Trabalhadores .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 2 – ADOLESCÊNCIA E TRABALHO .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Adolescência: Desenvolvimento Socio-Histórico .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 O Trabalho na Adolescência .....</b>	<b>38</b>
<b>2.2.1 Consequências do Trabalho na Adolescência .....</b>	<b>45</b>
<b>CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 Percurso .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1.1 Estudo Exploratório .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1.2 Estudo Principal .....</b>	<b>48</b>
<b>3.2 Análise dos Dados .....</b>	<b>50</b>
<b>3.3 Procedimentos Éticos .....</b>	<b>51</b>
<b>CAPÍTULO 4 – TRABALHO E ACIDENTE: IMPACTOS NA VIDA DOS ADOLESCENTES .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1 Contexto dos Acidentes de Trabalho com Menores de Dezoito Anos no Município de Piracicaba .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1.1 Acidentes de trabalho com adolescentes no município de Piracicaba .....</b>	<b>54</b>
<b>4.2 A Violência no Trabalho dos Adolescentes .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2.1 Caracterização dos entrevistados .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2.2 Análise e discussão das entrevistas .....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

Segundo normas do Sistema Único de Saúde (SUS), o acidente de trabalho deve ser visto como a junção de vários determinantes, como o ambiente e as condições de trabalho, e pode causar sequelas, incapacidade temporária, permanente ou mesmo ser fatal.

Os acidentes de trabalho são considerados eventos imprevisíveis, que podem ser prevenidos e trazem impactos para a vida das pessoas, familiares, sociedade e empresa. No Brasil, acontecem acidentes de trabalho em quantidade expressiva, diariamente, e neles estão inclusos os acidentes ocupacionais com os jovens. As consequências impactam diretamente a saúde, bem como afetam outras áreas da vida de quem o sofre. Por esta razão, o tema é foco de atenção na Saúde Pública. A ocorrência de acidente de trabalho com menores de dezoito anos é conceituada como grave, portanto, é objeto de notificação compulsória em todo o território nacional, uma vez que revela um episódio de risco à vida de pessoas vulneráveis.

A adolescência configura-se como período de suma importância no desenvolvimento do indivíduo, determinante para a qualidade da vida adulta. Daí a relevância deste estudo que trata do tema acidente de trabalho com menores de 18 anos, fato traumático que poderá afetar as suas vidas em todas as dimensões.

Existem poucas pesquisas qualitativas sobre acidente de trabalho com menores de dezoito anos, o que seria importante para a compreensão mais aprofundada de determinado acontecimento do ponto de vista da vítima. É um assunto complexo, que necessita ser discutido a partir de diversas vertentes, política, econômica e social, já que, muitas vezes, os jovens iniciam a vida laboral por questões financeiras, de dignificação, que o trabalho representa em nossa sociedade e por acreditar que na ideologia de que o trabalho levará a uma condição de vida melhor no futuro. A legalização da idade para iniciar no mercado de trabalho não é garantia de que os jovens terão boas oportunidades e condições favoráveis ao desenvolvimento físico e psíquico, e tampouco de que não serão explorados como mão de obra barata.

A compreensão da fase de transição vista a partir da psicologia Socio-histórica se faz necessária, por se tratar de um período com diversas transformações do sistema psíquico interno, época na qual, qual os adolescentes passam por inúmeras instabilidades e através do equilíbrio do sistema interno, vai ocorrer o pleno desenvolvimento, dependendo das condições do ambiente em que vive. Por se tratar de uma preparação para a fase adulta, as conexões psíquicas internas estão mais avançadas do que a fase anterior e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem se transformarão em pensamento abstrato, conduzindo a uma

formação de conceitos. O trabalho precoce interfere no desenvolvimento tanto em aspectos positivos quanto em aspectos negativos, dependendo do ambiente em que está inserido.

Para os adolescentes, a dimensão negativa do trabalho diante do modo de produção capitalista, pode ser ainda mais danosa, visto que as oportunidades de inserção laboral não levam em conta os aspectos do desenvolvimento infanto-juvenil, e apresenta-se como uma violência, principalmente quando existe a ocorrência de acidente de trabalho.

Diante do exposto, o problema de pesquisa apresenta-se da seguinte forma: Quais as consequências psicológicas do acidente de trabalho para o jovem trabalhador? O trabalho precoce traz prejuízos ao desenvolvimento psíquico dos jovens? Em que aspectos a ocorrência do acidente de trabalho agrava a situação do trabalho precoce?

Assim, buscou-se nesta pesquisa, contribuir com esta temática de relevância, com o aprofundamento na compreensão da vivência de adolescentes trabalhadores que sofreram acidente de trabalho.

Trata-se de um estudo qualitativo, utilizando a perspectiva teórico metodológica da Psicologia Socio-histórica. Desta forma, a dissertação foi organizada em quatro capítulos, conforme apresentação que segue.

O cenário brasileiro dos acidentes de trabalho em geral e com jovens trabalhadores, é apresentado no capítulo 1, como forma de refletir sobre as inserções laborais e a desproteção aos trabalhadores.

O capítulo 2 aborda a temática do adolescente, discutindo o processo de desenvolvimento nesta fase de transição, a partir da abordagem da Psicologia Socio-Histórica, fundamental para o entendimento dos impactos do trabalho para os adolescentes, e com isso as consequências da relação trabalho na adolescência e saúde.

No Capítulo 3, são descritos os procedimentos metodológicos envolvidos na pesquisa, explicando o percurso em duas etapas: estudo exploratório para aproximação do problema, através de levantamento dos acidentes de trabalho ocorridos em Piracicaba no período de 2010 a 2016; e estudo principal em que foram realizadas entrevistas individuais com os adolescentes menores de dezoito anos, que sofreram acidente de trabalho no município de Piracicaba.

O capítulo 4, intitulado Trabalho e Acidente: impactos na vida dos adolescentes expõe os resultados e discussão da pesquisa dos acidentes de trabalho de forma geral, e também dos adolescentes menores de 18 anos, vítimas do acidente de trabalho, apresentando o contexto do município de Piracicaba. Após essa contextualização, apresenta-se a análise e

discussão das entrevistas realizadas com quatro jovens trabalhadores, que passaram pelo trauma do acidente de trabalho.

## **OBJETIVO**

### **Objetivo Geral**

- ✓ Compreender a vivência de adolescentes trabalhadores que sofreram acidente de trabalho em empresas do município de Piracicaba.

### **Objetivos Específicos**

- ✓ Levantar os acidentes de trabalho notificados por Unidades Sentinelas no SIVAT de Piracicaba;
- ✓ Verificar a situação de trabalho dos jovens em desenvolvimento;
- ✓ Mostrar a dimensão e impactos do acidente de trabalho na vida dos jovens trabalhadores.



## CAPÍTULO 1 – ACIDENTES DE TRABALHO NO BRASIL

A Saúde do Trabalhador é um direito previsto na Constituição Federal de 1988, cabendo ao Sistema Único de Saúde (SUS) a execução de ações voltadas aos trabalhadores, incluindo o meio ambiente laboral. O trabalho é uma categoria fundamental, sendo um importante determinante do processo saúde-doença (BRASIL, 2013).

O ambiente de trabalho conforme apresentado na legislação brasileira, está vinculado às condições em que o trabalhador ou trabalhadora exerce sua atividade, e o desempenho da função depende também do local de trabalho, influenciando negativamente na saúde, caso as condições não se apresentem adequadas. A adequação do ambiente de trabalho depende também de fatores como o processo produtivo e a forma de gestão. A não adequação como a falta de proteção de máquinas e equipamentos, falta de autonomia no trabalho, sobrecarga de tarefas, ambiente ruidoso, dentre outras tantas, trazem consequências à saúde do trabalhador, podendo conduzir a situações de acidentes de trabalho.

No âmbito da saúde, a definição de acidente de trabalho é apresentada da seguinte forma (BRASIL, 2006):

Acidente de trabalho é o evento súbito ocorrido no exercício da atividade laboral, independentemente da situação empregatícia e previdenciária do trabalhador acidentado, e que acarreta dano à saúde, potencial ou imediato, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que causa, direta ou indiretamente (concausa) a morte, ou a perda ou redução permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. Inclui-se ainda o acidente ocorrido em qualquer situação em que o trabalhador esteja representando os interesses da empresa ou agindo em defesa de seu patrimônio; seja como aquele ocorrido no trajeto da residência para o trabalho ou vice-versa (p. 11).

O acidente de trabalho é uma construção social, não sendo possível prevenir e evitar todos, mas grande parte deles poderia e deveria ser prevenido, sendo necessário para isso, maior atenção aos sistemas de produção e de segurança (AREOSA, 2009; AREOSA; DWYER, 2012; VILELA; RICARDI; IGUTI, 2001; BINDER; ALMEIDA, 2003).

Nas últimas décadas, o enfoque está na prevenção, eliminação dos riscos, análise voltada para as práticas gerenciais, como explicação para acidentes, sofrimento e doenças relacionadas ao trabalho, e também como peça elementar para formulação de políticas de saúde e segurança nas empresas. No Brasil, a adesão das empresas da concepção da análise e à gestão dos riscos não é uma realidade recorrente. Geralmente, o evento do acidente ocorre, para depois se tomar providências, tendo ainda a culpabilização da vítima, considerando o

evento como ato inseguro, não havendo punição de alto custo para as empresas (PORTO, 2000).

Llorry (2014) afirma que o desgaste da segurança organizacional vai acontecer, porém, é adiado ou mesmo estagnado, quando a empresa é resiliente por fenômenos sucedidos no interior da organização e ao não conseguir se adaptar a esses fenômenos de desgaste, a situação estaciona até chegar ao acontecimento, conduzido pela via de uma ou mais falhas diretas. Os desgastes na segurança segundo Reason (1997, apud Llory, 2014) acarretam em condições latentes nocivas.

Almeida e Jackson Filho (2007) destacam que o aumento do número de estudiosos do tema acidente de trabalho, levou ao questionamento da abordagem tradicional, surgindo outras possibilidades de enxergar as teorias, ou mesmo uma aproximação com o enfoque sociotécnico ou psico-organizacional. Há discussões técnico-científicas para eliminar o paradigma da abordagem tradicional, enfoque que ainda prevalece no país, as quais evidenciam o entendimento limitado deste paradigma sobre o acidente de trabalho, compreendendo-o como um evento simples, com direção e causa única e decorrendo sempre da mesma forma, o que geralmente leva a conclusões de que os acidentes ocorrem por falhas humanas devido o não cumprimento de normas e padrões de segurança, entendido como ato inseguro, tendo origem nas questões psicológicas dos trabalhadores. Esta forma equivocada e limitada de compreensão dos acidentes de trabalho, não contribui para os sistemas produtivos e não preserva a vida dos trabalhadores (VILELA; IGUTI; ALMEIDA, 2004).

O acidente de trabalho constitui-se em um problema de Saúde Pública, transcorrendo em prejuízos para a população que o sofre, sendo alarmante no Brasil a quantidade de ocorrências deste evento. Ele é sistêmico, tem várias causas e pode deixar marcas irreversíveis, portanto não deve ser visto como um acontecimento simples, nem centrado apenas na pessoa, para que se possa agir preventivamente (BINDER; ALMEIDA, 2013; VILELA; IGUTI; ALMEIDA, 2004).

Analisar as causas do acidente se faz necessário, e a incorporação de fatores sociais e organizacionais contribuem para a análise. São diversos aspectos que podem ser verificados para o entendimento da gênese do acidente na abordagem sociológica, tais como: decisões tomadas pela empresa, tecnologias utilizadas, disposição dos postos de trabalho e plano das tarefas, gestão de manutenção, gestão dos incidentes, adaptação da empresa a mudanças, existência de normas e regras, padrão e organização para prevenção dos acidentes (legislação), dificuldades com fornecedores (AREOSA; DWYER, 2012).

No Brasil, as mudanças na estrutura produtiva trazidas pelo capitalismo, e a modificação da força de trabalho, abarcado pelo deslocamento da mão de obra do setor secundário para o terciário, proporcionou queda nos registros de acidentes de trabalho, o que foi observado em estudo ecológico dos acidentes de trabalho notificados à Seguridade Social entre 1970 e 1995, considerando que o risco de acidente de trabalho é menor no setor de serviço do que na indústria (WÜNCH FILHO, 1999). Dados do DIEESE (2016) demonstram a inversão no perfil dos acidentes de trabalho nas décadas seguintes: no ano de 2003 e de 2013, houve maior número para atividades econômicas do setor de serviços, com respectivamente 149.752 e 360.207, enquanto que no setor industrial ocorreram 140.973 e 308.816 acidentes de trabalho nos mesmos anos.

Estes dados demonstram as mudanças de cenário causadas pelas alterações do mundo do trabalho, as quais se caracterizam principalmente, pela redução da quantidade de postos de trabalho na indústria, e aumento no setor de serviços, intensificação da precarização com trabalho parcial, temporário, subcontratado e terceirizado (ANTUNES, 1998; ANTUNES; PRAUN, 2015).

O acidente de trabalho é um evento que pode ocorrer em qualquer situação de trabalho, e com qualquer pessoa que esteja exposta: adultos, jovens ou mesmo crianças. Porém, quando atinge os trabalhadores precoces, configura-se como evento ainda mais alarmante e, infelizmente, ainda é presente este tipo de situação.

A concepção original do trabalho infanto-juvenil ainda se torna bastante atual nos países em desenvolvimento, como também em países centrais do capitalismo. Da mesma forma, não está confinado aos setores tradicionais e não competitivos da economia. A incidência de acidentes de trabalho com crianças e adolescentes é motivo de preocupação, mesmo em setores que empregam grande quantidade de mão-de-obra em relação ao capital investido, incluindo indústrias modernas, principalmente aquelas que são estimuladas pela terceirização. (Minayo-Gomez e Meirelles, 1997, p. 136).

Estudos mostram que a terceirização é uma forma de precarização do trabalho, e que pode ser danoso à saúde dos trabalhadores, e aumentar a ocorrência de acidentes do trabalho (MINAYO-GOMEZ; MEIRELLES, 1997; BRITO, 2000; NEVES; PEDROSA, 2007; FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010). Como acrescentam Barreto e Heloani (2015), a globalização, o aumento do lucro e a cobrança pela competição imposta pelo mercado, levam a estrutura de produção a se reorganizar adequando, assim, o trabalho a esta realidade, trazendo implicações diretas aos trabalhadores. Esses autores, assim apresentam as características do trabalho precarizado, e prejuízos trazidos ao trabalhador:

[...] exigências de maior competitividade e produtividade com menores gastos; terceirização e precarização das condições de trabalho associado aos baixos salários e jornadas prolongadas, ocultadas sob o manto de banco de horas ou mesmo trabalho em casa associado ao permanente contato por e-mails e celulares, ainda que fora do horário de expediente, caracterizando uma jornada estendida; perda de autonomia e sobrecarga de tarefas, favorecendo o desgaste em consequência do processo de trabalho, o que leva a abalos na relação saúde-doença graças à eclosão de novos riscos que contribuem para o advento de danos à saúde, seja na esfera do sistema osteomuscular ou mental.[...]. (BARRETO; HELOANI, 2015, p. 553)

Quanto maior a precarização das condições de trabalho e tipo de contratação, maior a vulnerabilidade e danos em relação à saúde dos trabalhadores. No caso de trabalho informal, sem direitos garantidos, com maior risco e em ambiente desfavorável, torna-se menor a possibilidade de registro do acidente de trabalho, visto que, este trabalhador não está gozando de direitos trabalhistas e previdenciários.

A divisão internacional do trabalho trouxe novas modalidades de acidente e doenças profissionais, com verificação mais frequente em grandes empresas, por apresentarem maior tecnologia, informatização e meios de comunicação mais elaborados. Contudo, ela não é exclusiva dessas empresas, e repercute ao longo da cadeia de produção. Os trabalhadores em postos de trabalho com sistemas complexos de tecnologia e máquinas modernas, estão mais expostos à flexibilização e à intensificação do ritmo de atividades. A máquina realiza uma boa parte da produção, porém os comandos são conduzidos pelos operadores, e é justamente essa tecnologia que, através das práticas da empresa, com o objetivo de produzir e lucrar mais vai instituindo a multifunção, polivalência, equipes de trabalho não dependentes e a submissão feita pelas pressões psicológicas (ANTUNES; PRAUN, 2015).

Para Lancman e Uchida (2003), quando se fala em precarização do trabalho, é inevitável ter em mente a perda de direitos adquiridos, e todas as garantias previstas na legislação, que serviam de proteção social, mas também de uma proteção psíquica dos trabalhadores.

Os acidentes de trabalho são considerados um tipo de violência, e refletem também os problemas da sociedade, como o contexto de desemprego e a falta de assistência, na inserção de trabalhadores desempregados, fatores que levam a um aumento da violência urbana e da criminalidade. A violência, dentro das relações de trabalho, pode ocorrer de diversas maneiras: (1) contra o trabalhador no local de trabalho, caracterizado por acidente e doenças do trabalho, e por assédio psicológico e moral; (2) relações de trabalho precárias, representada pelo trabalho escravo e de crianças; (3) exclusão social, por falta de amparo

adequado do Estado; (4) dentro das relações de gênero, por conta do assédio sexual no trabalho, e os conflitos entre pares (BRASIL, 2001).

No caso de acidente de trabalho, o registro é importante tanto no âmbito individual, para assegurar direitos previdenciários ao trabalhador, quanto no coletivo, gerando informações epidemiológicas para ações preventivas, e de responsabilização de empregadores.

No âmbito da Previdência Social, os acidentes de trabalho devem ser comunicados ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em 24 horas após a ocorrência, como obrigação do empregador, porém, na realidade, grande parte dos eventos não chega ao conhecimento do órgão previdenciário. Na Saúde, o acidente de trabalho, é evento de notificação epidemiológica compulsória desde 2005 pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)<sup>1</sup> (BRASIL, 2007).

Na Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública, encontram-se os seguintes casos em relação a acidente de trabalho: acidente de trabalho fatal, acidente de trabalho mutilante (grave), acidente de trabalho com exposição à material biológico e acidente de trabalho com menores de 18 anos de idade (BRASIL, 2016). A Notificação Epidemiológica Compulsória é dever de todo profissional e serviço de saúde (BRASIL, 2016).

A notificação epidemiológica auxilia no levantamento de ocorrências de um evento, contribuindo para informar os riscos aos quais está exposta a população de um município ou região, e serve para mostrar o panorama real de cada localidade, já que existe a predominância de diferentes atividades econômicas atuando em cada região, o que influencia até no predomínio de certos tipos de ocorrência do acidente. A partir da informação epidemiológica, é possível criar estratégias para ações preventivas e de promoção da segurança e saúde dos trabalhadores.

Em 2008, o INSS concedeu 356.336 auxílios doença por acidente de trabalho, em uma prevalência estimada de 94,2 por 10.000 vínculos. Os grupos diagnósticos, segundo CID-10, mais prevalentes, respondendo por 92,5% da casuística, foram os referentes a: “Lesões, envenenamentos e algumas outras consequências de causas externas”; “Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo”; “Transtornos mentais e comportamentais (ALMEIDA; BARBOSA-BRANCO, 2011). Segundo os autores,

---

<sup>1</sup> O SINAN tem por objetivo informar pela notificação e investigar casos de doenças e agravos apresentados na lista nacional de doenças, que exigem a notificação compulsória. As informações epidemiológicas são notificadas, obrigatoriamente, por municípios, estados e Distrito Federal.

a idade avançada do trabalhador poderia ser considerada como potencial fator de proteção contra as lesões, provavelmente devido à maior experiência, à menor exigência física e à menor exposição aos riscos traumáticos quando comparados aos mais jovens (p.203).

De 2006 a 2011, Unidades Sentinelas<sup>2</sup> no Brasil, registraram 5.353 casos de acidentes graves envolvendo crianças e adolescentes, sendo uma média de 2,99 acidentes graves por dia (OIT, 2013). Em 2009, 6,7% da população em situação de trabalho estava na faixa etária de 15 a 19 anos e 1,4% entre 10 e 14 anos, segundo dados da PNAD<sup>3</sup> (BRASIL, 2009). Neste mesmo ano (2009), a Previdência Social concedeu 21.922 benefícios em decorrência de acidentes de trabalho para trabalhadores até 19 anos, o que corresponde a 3% do total<sup>4</sup>. Dados mais recentes mostram que o número de trabalhadores afastados com idade até 24 anos por motivo de acidente de trabalho típico, foi de 43.298 casos, no ano de 2014 (DIEESE, 2016).

A situação é ainda mais alarmante, ao constatar-se que no Brasil, há sub-registro das ocorrências de acidentes de trabalho, seja pela não notificação dos eventos, seja pela grande quantidade de trabalhadores em situação de informalidade na relação de trabalho, o que os exclui dos dados previdenciários.

Existem estudos que mostram a omissão ou não notificação de acidentes ou mortes ocorridas em relação ao trabalho, e discutem estratégias para busca de informação mais fidedigna (CORDEIRO et al., 2005(a); BARATA, RIBEIRO e MORAES, 2000; WALDVOGEL, 2003; dentre outros). A falta de informação real sobre os registros de acidente de trabalho podem ser um problema para a vigilância em saúde do trabalhador.

Um dos problemas da ocorrência do acidente de trabalho são os danos para o trabalhador e para a família, às vezes irreversíveis, além dos impactos econômicos. A questão é que, as pessoas não podem prescindir de seu trabalho para garantia de sua sobrevivência, de sua inserção social, de desenvolvimento pessoal, com importante valor social.

Os acidentes de trabalho representam também gastos, os quais podem ser diretos - como os decorrentes de assistência à saúde, benefícios previdenciários como o auxílio doença, aposentadoria por invalidez ou a pensão por morte etc. - e indiretos - como a perda salarial não compensada em alguns casos pelo benefício previdenciário, a substituição do

---

<sup>2</sup> A rede de unidades sentinela são serviços de saúde habilitados para reconhecer agravos ao trabalho, e servem para fortalecer a capacidade de diagnósticos precoces, além de obtenção dos dados para planejamento e avaliação de estratégias na RENAST.

<sup>3</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE em 2009

<sup>4</sup> Anuário Estatístico da Previdência Social 2009.

trabalhador, além dos encargos trabalhistas, danos patrimoniais, dentre outros que estejam associados ao evento do acidente de trabalho (ALMEIDA; BARBOSA-BRANCO, 2011).

Esta situação não atinge somente os adultos, visto que muitos adolescentes e até mesmo crianças, são inseridos precocemente na atividade trabalho. Em geral, são aqueles cuja renda familiar não permite um caminhar confortável, com dedicação apenas ao estudo e outras atividades compatíveis com sua etapa de vida, sendo obrigados ao trabalho remunerado, ou mesmo impulsionados pelas políticas públicas com vistas a um aprendizado profissional. Os dados sobre o trabalho infanto-juvenil e acidente ocupacional nos dão uma amostra de como há muito que ser feito para combater este tipo de violência contra crianças e jovens brasileiros. O desafio está justamente em conseguir combater o trabalho precoce e as desigualdades sociais no país.

### **1.1 Acidentes de Trabalho com Adolescentes Trabalhadores**

Os acidentes de trabalho têm sempre algum impacto na vida de suas vítimas, seja devido aos traumas físicos e psíquicos, seja pela interferência na renda do trabalhador e/ou familiares, e até mesmo no desempenho educacional ou de outras atividades sociais. É por isso que este tipo de violência deve ser discutido, ainda mais em se tratando de pessoas iniciando a vida laboral, como os adolescentes e jovens.

Verificou-se um número ainda tímido de pesquisas em relação a acidente de trabalho com adolescentes, sendo a maioria delas quantitativa. Algumas pesquisas qualitativas dão voz aos jovens, o que demonstra o respeito à participação dos mesmos.

O acidente de trabalho ocorrido com adolescente, assim como com o adulto, acarreta consequências de curto, médio ou longo prazo, dependendo da gravidade da lesão, por tempo indeterminado ou momentâneo. As más condições da inserção laboral podem ser um condutor para os agravos à saúde dos jovens. Criar oportunidades de trabalho não danosas é um desafio, visto que o sistema de produção, ao contrário, exige destes trabalhadores cada vez mais agilidade e disposição para realizar qualquer tipo de atividade, características que muitos jovens sem experiência laboral apresentam o que é valorizado nos atuais modelos de organização do trabalho (BERNARDO, 2009).

A erradicação do trabalho infantil há muito está na pauta de estudiosos e das instituições voltadas para o cumprimento da legislação. Não restam dúvidas quanto aos prejuízos à saúde de crianças e adolescentes inseridos precocemente no trabalho. Porém, a condição socioeconômica da população brasileira e os interesses do sistema de produção,

ainda mantêm aproximadamente 2,7 milhões de crianças e adolescentes em situação de trabalho (BRASIL, 2016).

Segundo o Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (DIESAT), a partir de 1970, quando se iniciaram os registros sistemáticos dos acidentes de trabalho no Brasil, foram contabilizados mais de 30 milhões de acidentes notificados, e o registro para trabalhadores jovens e produtivos em situação de acidente, foi maior que 100 mil óbitos no período (CORDEIRO et al., 2006).

Crianças e adolescentes são mais vulneráveis a doenças e acidentes de trabalho, por possuírem características que devem ser consideradas no desempenho do trabalho, como por exemplo, imaturidade e inexperiência, distração, curiosidade, baixa resistência física, coordenação motora ainda em processo de formação, desconhecimento dos riscos no trabalho, atividades acima da capacidade suportada para a fase, padrão geralmente adotado para trabalho de adultos (ROBAZZI et al., 2007).

A vivência do acidente de trabalho é uma situação que deixa marcas em quem passa por essa experiência. Alguns a levarão ao longo de suas vidas, incorporando às suas trajetórias, com mais ou menos intensidade, dependendo do tipo da lesão, trauma ou mesmo pelo sentido da vivência. Tanto os adultos quanto os jovens podem não apresentar uma compreensão complexa sobre o acidente de trabalho. As pessoas que não possuem um aprofundamento sobre a questão do acidente de trabalho, não conseguem realizar uma reflexão mais complexa, segundo Areosa e Dwyer (2012),

os discursos leigos sobre os acidentes foram sendo reajustados ao longo das últimas décadas (independentemente de serem produzidos pelos próprios protagonistas ou por simples observadores), mas continuam fortemente dominados pela ideia de que os acidentes são fenômenos isolados, descontínuos, que surgem de forma imprevisível e, por isso mesmo, são insusceptíveis de apreensão racional que vá muito para além de uma análise casuística. (p. 2)

É possível fazer a desconstrução de uma visão de acidente de trabalho como evento isolado, sem conexão com outros fatores, desenvolvendo ações para a ampliação da compreensão do mesmo, como evento complexo inserido em um sistema organizacional, que apresenta desequilíbrios. No caso de adolescentes trabalhadores, demandaria maior articulação entre os profissionais envolvidos em seu processo de desenvolvimento, como os profissionais de saúde, o corpo escolar, setores sociais, que fazem atendimento abordando esta temática. Este é um desafio que pode ser superado: mesmo em longo prazo, este assunto deve ser colocado em pauta principalmente com aqueles que estão iniciando a vida laboral.



Uma pesquisa sobre acidente de trabalho com estudantes do ensino fundamental e médio constatou que 40% sofreram lesão no trabalho atual e as condições de trabalho que apresentaram maior risco foram: calor, trabalhar com máquinas e equipamentos potencialmente perigosos, uso de produtos tóxicos e os trabalhos com demanda de esforço físico elevado. Estes autores apontaram que o uso de equipamentos de segurança não foi um impedimento para a ocorrência de lesão no trabalho e provavelmente os trabalhos com utilização de equipamentos de segurança deviam ser mais perigosos. O não uso ou uso de equipamento de segurança de forma incorreta também foram apontados como fator causal de acidentes (FISCHER et al., 2003b).

Estudo realizado por Santana et al. (2003a), estimou a incidência anual e descreveu as características dos acidentes de trabalho não fatais em jovens entre 10 e 20 anos com dados de um inquérito conduzido na cidade de Salvador (BA). A incidência anual de acidentes de trabalho não fatais foi alta, de 6,4%, apresentando-se mais elevada entre as mulheres do que entre os homens, reduzindo-se com a idade em ambos os sexos. O estudo observou a predominância de acidentes em ambiente de trabalho doméstico entre as mulheres e acidentes em via pública para os homens.

Costa et al. (2012), realizaram pesquisa com adolescentes trabalhadores matriculados no ensino médio com idades entre 12 e 22 anos e constataram que 23% haviam sofrido acidentes de trabalho. Os autores consideram uma taxa elevada, e ponderam que as atividades laborais devem estar voltadas para a aprendizagem e que vários desses jovens podem apresentar marcas físicas e psicológicas permanentes, influenciando em sua trajetória profissional. Na realidade, os acidentes de trabalho podem ser evitados, mas os equipamentos de proteção individual são considerados, pelas empresas, como a alternativa mais importante, quando não a única, para a não ocorrência do acidente, dando margem para culpabilização da vítima, sem efetivamente adotar medidas preventivas. Os jovens pouco conseguem refletir sobre as outras possíveis formas de evitar um acidente de trabalho. Eles também não têm consciência de que os equipamentos poderiam estar de acordo com as suas condições físicas.

A inserção precoce do ponto de vista da ocorrência de um evento de acidente ocupacional pode ser compreendida como uma forma de violência ao jovem, apresentada pelo risco de incapacidade permanente, temporária ou mesmo de perder a vida (SANTOS et al., 2009). Estes autores apontam que os adolescentes estando em fase de desenvolvimento e crescimento, possuem limitações de trabalho, portanto há diferença em relação ao que é realizado pelo adulto. Também alertam para as situações de inserção de adolescentes trabalhadores em locais considerados insalubres e sem as devidas proteções, o que pode gerar

maior vulnerabilidade e risco à saúde. Em sua pesquisa, os autores verificaram que 42% dos adolescentes trabalhadores da amostra, sofreram acidente de trabalho, e destes, 14,9% tiveram afastamento devido ao acidente. Se o adolescente frequenta a escola, tem-se o prejuízo na atividade escolar, motivado pelo acidente de trabalho, com afastamento. O estudo não deveria estar em conflito ou competição com o trabalho (SANTOS et al., 2009).

Robazzi et al. (2007), verificaram registros de um hospital público durante dois anos, para levantar casos de acidente de trabalho, e constataram 618 casos, sendo que 22 eram de crianças e adolescentes, dois casos encontravam-se na faixa etária de 6 a 10 anos, 12 casos na faixa 11 a 15 anos e oito deles na faixa de 16 e 18 anos. Esta pesquisa demonstra uma estratégia para identificar a existência da situação de acidente com esta população, o que é difícil em dados oficiais, não somente pela subnotificação geral, mas, sobretudo pela ilegalidade do trabalho infantil.

Os jovens não possuem ainda, formação psicológica totalmente desenvolvida, que possibilite uma compreensão sobre a sua situação de trabalho, e são inexperientes em relação aos diversos aspectos da vida social e cotidiana, e a inserção precoce pode trazer a falsa impressão de uma expectativa de vida melhor. Porém, o trabalho os coloca em situação de vulnerabilidade, que os deixa mais submetidos aos adultos, sobretudo os que representem o empregador, por diversos motivos: condições laborais desfavoráveis; inexperiência laboral, muitas vezes com desconhecimento de direitos; situação de relação de poder com adultos, o que os deixa em maior assimetria do que o adulto trabalhador; medo de perder o emprego, assim como ocorre com os adultos, porém podendo gerar maior instabilidade emocional. Nesta situação pode ocorrer a não notificação do acidente de trabalho, amenização da situação, ou mesmo deixar de buscar auxílio, ao sofrer o acidente ou outro tipo de violência no trabalho (MINAYO\_GOMEZ; MEIRELLES, 1997; OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

## CAPÍTULO 2 – ADOLESCÊNCIA E TRABALHO

As mudanças no desenvolvimento humano do período da infância para o período adulto, ocorrido na adolescência, compreendem uma clara diferenciação biológica e também em relação às funções psíquicas internas. O processo de desenvolvimento da adolescência é fundamental na compreensão de toda a formação psíquica, tratando-se de um ser que é formado pelo social. Desta forma, este capítulo busca apresentar um entendimento das funções e meios responsáveis para a geração das transições dos adolescentes, inclusive quanto a determinantes sociais como o trabalho, que afetam o processo de desenvolvimento, a saúde e outras dimensões da vida.

A delimitação do período denominado de adolescência não é um consenso, sendo infância, adolescência e juventude conceitos construídos histórica e culturalmente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que o termo adolescente, pode também, se referir ao uso do termo jovem, compreendendo a faixa etária dos 10 aos 24 anos, e engloba a transição da criança para a idade adulta, demonstrada por características físicas, culturais, mentais, emocionais e em relação ao desenvolvimento social (WHO, 1986). Diversos autores brasileiros e organizações baseiam-se na definição das Nações Unidas para caracterizar a juventude, referindo-se a pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos ou utilizam o termo jovem para a faixa etária de 10 a 24 anos, abrangendo uma gama ampliada do conceito de infância, adolescência e juventude (UNFPA, 2010).

No caso do Brasil, o termo adolescente é apresentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>5</sup>, considerando a proteção integral à criança e ao adolescente, sendo considerada criança a pessoa até doze anos incompletos e o adolescente aquele com idade entre doze e dezoito anos (BRASIL, 1990a).

No presente trabalho, optou-se pela utilização da nomenclatura adolescente para os participantes, foco da pesquisa, conforme delimitação do ECA, a qual abrange os menores de 18 anos, dentro da faixa etária na qual é permitido o trabalho no Brasil<sup>6</sup>.

Salles (2005, p. 35), discute que “a distinção criança e adulto fez com que a adolescência começasse a ser percebida como um período à parte do desenvolvimento humano”. Assim, diversos estudos têm sido direcionados à compreensão deste período da vida humana e muitos deles apresentam as características distintas desta fase. Schoen-

---

<sup>5</sup> Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

<sup>6</sup> De acordo com o ECA é proibido o trabalho a menores de 16 anos, exceto na condição de “aprendiz” a partir dos 14 anos; é também vedado o trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 anos (BRASIL, 1990).

Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2010), apontam, porém, que “as experiências vividas ao longo de sua vida marcam o indivíduo como ser único, apesar de compartilhar algumas características com outros jovens” (p.228).

Algumas características são consideradas como parte da natureza humana de ser adolescente, são elas: desenvolvimento do corpo, mudanças hormonais, instabilidade emocional, desenvolvimento do raciocínio lógico, tendência à bagunça, tendência à oposição, busca da identidade, busca de independência, rebeldia, conflitos e crises, uso de drogas (BOCK, 2007; OZELLA; AGUIAR, 2008). Outros autores trazem a relação dos riscos presentes na adolescência, através da curiosidade e pela experimentação atribuídos a essa fase (HORTA; SENA, 2010).

Segundo Rezende (2008), o contexto familiar pode interferir no crescimento e desenvolvimento normal de seus membros, sendo a família, protetora para o adolescente, fornecendo amor, afeto, carinho, compreensão, respeito e o diálogo, essenciais principalmente, nesta etapa da vida. O autor compreende que o comportamento agressivo, forma de chamar a atenção, por meio do uso de drogas e outras vias de exteriorizar esse sentimento, pode ser pela falta de apoio familiar.

Outra característica de suma relevância nesta fase, é a influência da imagem corporal, diretamente relacionada à autoaceitação. Daunis (2000), afirma que o peso e a imagem idealizados de padrão de beleza, podem influenciar no aparecimento de distúrbios alimentares em meninas que querem emagrecer ou mesmo levar a risco de vida. O autor traz a outra vertente que seria a “ansiedade, tédio, frustração, falta de carinho ou de sucesso (escolar ou profissional), sentimento de vazio ou solidão podem, no caso levar à obesidade” (p.133). Braga, Molina e Figueiredo (2010), destacam que nos meninos o corpo musculoso e forte prevalece, e nas meninas é o cabelo, cor de pele, adornos de moda, características ditadas igualmente pela sociedade, com a mídia cumprindo o papel de transmitir ideias que interessam ao mercado, encaminhando a economia capitalista.

Novaes (2007) compreende que, atualmente a adolescência é ambivalente, com as questões familiares e da sociedade, em busca de autonomia, o adolescente está sempre em conflito e negociação. Para ela a violência faz parte da vida dos jovens, por serem vítimas ou participando dos delitos. Outra perspectiva deste autor, diz respeito às transformações do mundo do trabalho e a violência que afeta os adolescentes por estarem em desvantagem socioeconômica e em situação mais vulnerável aos processos de desestruturação, flexibilização e precarização nas relações laborais, tendo aumentada a probabilidade de

fazerem parte de estatísticas de mortes violentas. Há uma variedade de interesses entre esse público:

[...] os(as) jovens de hoje também se diversificam em termos de orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, galeras, turmas, grupos, torcidas organizadas, entre outros. Assim, diferentes segmentos juvenis formam um complexo caleidoscópio, cujas múltiplas figuras são sempre compostas por desigualdades e diferenças. (NOVAES, 2007, p. 99)

Silva, Correia e Lima (2010), apontam que os novos conhecimentos, criações e a adaptação adquirida por meio da tecnologia da informação e comunicação, poderiam contribuir com a inclusão social neste período da sociedade tecnológica, contudo, existe a impossibilidade de acesso à tecnologia digital, distanciando a população desfavorecida. Eles indicam que a inclusão social não se efetiva apenas pela distribuição de renda. As oportunidades individuais e coletivas também fazem parte desta participação.

Pode-se verificar a influência que os adolescentes têm, inclusive na produção de bens de consumo e na mídia. Conforme Pereira, Rocha e Pereira (2009), existem produtos voltados à diversas faixas etárias com representação jovem, identificação jovem, dando visibilidade na hora da venda de produtos, marcas ou idéias, e nas palavras dos autores, “muitas vezes, analisando com mais atenção e profundidade, percebe-se que ser jovem é, ela mesma, a ideia que se está vendendo” (2009, p.8). Além disso, a juventude representa, na mídia, uma fusão de posição de felicidade, amizade, liberdade e modernidade.

Não há dúvidas das diferenças entre as gerações, devido às transformações ocorridas durante as décadas, já que o desenvolvimento humano é um processo dinâmico e construído social e historicamente.

Novaes (2007) aponta que a tecnologia pode contribuir na comunicação intergeracional, ampliando as formas de socialização e visão de mundo. A reflexão que o autor faz, é no sentido de, mesmo existindo imensas desigualdades sociais, a tecnologia possibilita que diferentes grupos acessem as mesmas informações, o que pode expandir o diálogo e a participação juvenil nas políticas públicas, contribuindo para a construção da democracia.

A apreensão do momento atual, seja local ou global, é visível pelas características do momento histórico, vivenciado por todos:

[...] nunca houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão profundos os sentimentos de desconexão e tão agudos os processos de exclusão. Por um lado, como já foi dito, exacerba-se o individualismo, o consumismo, a indiferença perante o sofrimento alheio, o medo imobilizador. Por outro lado, geram-se novas demandas e motivações

para a participação juvenil. Assim como existem elementos na sociabilidade contemporânea que impõem limitações à participação dos(as) jovens [...]. (NOVAES, 2007, p. 101)

Castro (2008) critica as decisões das políticas públicas serem feitas por pessoas que não vivenciam determinada situação, como no caso dos jovens, onde nem sempre a escolha se dá pelo que é justo e favorável aos jovens, e em geral, estas decisões são tomadas de forma prematura ou em medidas de urgência.

Para jovens com possibilidade de dedicação aos estudos, sem a obrigação de trabalhar, podendo usufruir de tempo livre e possível prolongamento da adolescência, a vivência será completamente diferente daqueles com obrigações de estar trabalhando com remuneração, conciliando com o estudo ou abandonando-o para trabalhar, assumindo a vida adulta precocemente (CONTI, GAMBARDELLA, FRUTUOSO, 2005; HORTA, SENA, 2010).

Daunis (2000) apresenta a tipologia dos momentos vividos pelas gerações, conforme elaboração de Fend, que as discute através das contribuições de Weber e Habermas, considerando a diferença existente em nossa sociedade de convivência híbrida e sincrética.

Iniciando por um breve olhar sobre a tipologia pré-moderna, período da produção agrária, em que o jovem inicia sua experiência profissional precoce, para a sobrevivência da família. A liberdade dele é restrita, não possibilitando desta forma, um direcionamento próprio de sua vida. Existe a limitação de espaço cultural e de localidade. As ameaças estavam ligadas à morte prematura, doenças, catástrofes, fome, guerras, alcoolismo, dentre outros. A educação e a sociedade tinham base no respeito, obediência à família e às autoridades, tradições, zelo pelo trabalho, colaboração, organização social da vida e do trabalho de cada um. No quesito sexualidade corporal, havia repressão. A política era dominante e com grau total de aceitação (DAUNIS, 2000).

Na tipologia da ordem moderna, as pessoas são autônomas e a tradição já não prevalece. Entra a era da razão e das ciências, com a finalidade de organizar a vida social e pessoal. As pessoas deslocam-se para mais longe, e o individualismo e a realização pessoal podem projetar um futuro. A ética e o trabalho qualificado fazem parte dos indivíduos, com isso maiores exigências e aumento da responsabilidade surgem. Tem-se um olhar para um mundo melhor e com aumento do ritmo de trabalho, por vezes exagerado. Também a justiça social aumenta. A democracia dá o direito de decidir nos processos políticos dos governos. Pessoas com visão mais crítica são libertas do poder político e do religioso. As relações sociais acontecem por terem parceria conjugal, colegas de trabalho, outras amizades de

cultura e lazer. É grande o desejo pelo trabalho. Existem os riscos considerados, como o de não ser eficiente no trabalho, a depressão, medo do fim do mundo e das crises econômicas. Quanto à educação, baseia-se na profissionalização direcionada para as faixas etárias. A vida em geral, passou a ser definida por fases de desenvolvimento, onde aumentaram as competências e as qualificações e com isso também as exigências. Nesta época era importante aprender a aprender de maneira autônoma (DAUNIS, 2000).

Por fim, a tipologia da era pós-moderna, quando se tem o predomínio da subjetividade, tendo uma exigência direcionada para a individualização. A base são as experiências pessoais. Deve-se ter uma disponibilidade para adequar-se ao mundo, porém a pretensão de mudá-lo, não está presente. Existe desconforto com processos que tentam organizar a natureza humana, também o ser humano passa a ser visto pela totalidade. Busca-se a satisfação no trabalho e no lazer. Os grupos são organizados para superar a dominação de alguns sobre outros, por isso, a hierarquia não é aceita. A educação tem por base o relacionamento. Quanto às relações, são baseadas em amizades íntimas, confiança, conversa entre pares com vistas a uma vida satisfatória e bem-sucedida no futuro. Os alunos ficam nas escolas e universidades por mais tempo, ocorrem exigências de aprendizagem, não tornando este processo de capacitação mais eficaz para conseguir emprego e profissões desejadas. Sua formação é voltada para o capital, sem o intuito de educar. Desta forma, os pais, com pouco tempo disponível, jogam a responsabilidade para a escola e a escola cobra a base dos pais. A mídia provoca comportamento social estereotipado ao determinar as ideias e pensamentos (DAUNIS, 2000).

As contribuições apresentadas esclarecem algumas das características presentes na fase de transição, a diferença entre as gerações identificando as questões sócio-históricas de cada época, as diferenças das classes sociais e a influência da tecnologia para este público. Contudo, o desenvolvimento psíquico humano, compreendido a partir da abordagem sócio-histórica, se faz necessário para auxiliar na compreensão de como o trabalho e seus eventos traumáticos podem afetar a vida dos adolescentes.

## **2.1 Adolescência: Desenvolvimento Socio-Histórico**

A adolescência é uma construção histórica e social, permeada pelas relações sociais e culturais concebidas pelos homens, refletindo em repercussão subjetiva (BOCK, 2007).

Para que se tenha uma compreensão de adolescência para além das mudanças fisiológicas, é conveniente o conhecimento do processo de desenvolvimento psíquico. A abordagem aqui adotada é da Psicologia Socio-histórica, a qual abrange a formação do indivíduo constituinte do meio circundante, trazendo as questões biológicas, apreensões culturais, localizado dentro de um determinado momento histórico.

A abordagem Socio-histórica, ao contrário de outras teorias de desenvolvimento, considera que toda a construção humana é introduzida por meio da vida social, a pessoa tendo participação e modificando o meio em que vive, através da interação com o exterior, em um determinado contexto histórico, e ao mesmo tempo se modificando.

O desenvolvimento psíquico envolve diversas funções e cada uma delas tem um papel específico (memória, consciência, atenção, pensamento, linguagem etc.), porém, nem todas são ativadas ao mesmo tempo, mas existe uma interligação entre elas. Este processo necessita de uma formação qualitativa para poder alcançar outro nível mais elevado de desenvolvimento, desde que haja condições do meio e das relações humanas presentes neste ambiente que são apresentados à criança. A passagem de uma fase a outra ocorre de forma gradual, da construção mais simples para a com maior complexidade, e é proporcionada pelo motivo, transformando também as relações sociais, sempre num processo dinâmico que possui uma singularidade para cada um. A contribuição de Leontiev (1984) sobre a apreensão singular de cada pessoa é expressa da seguinte forma:

[...] a atividade prática entra no objeto de estudo da psicologia, mas é circunscrita a seu particular conteúdo que aparece como sensação, percepção, pensamento ou, em geral, na forma de processos e estados psíquicos internos do sujeito (p. 73).<sup>7</sup>

Lev Semenovich Vigotski foi o precursor da abordagem Socio-histórica, buscando como referência o método do materialismo histórico-dialético, tornando a psicologia uma ciência psicológica (LEONTIEV, 1984). Leontiev, um dos seguidores de Vigotski, é um dos autores que contribuiu na teoria psicológica do desenvolvimento humano, explicando-o a partir da categoria atividade, principalmente. O percurso utilizado foi uma visão de que o homem é um ser social, diferenciado dos animais, aonde todas as novas transformações nos processos psíquicos, conduzem para o desenvolvimento da consciência. A partir do momento em que se analisou a divisão social do trabalho, foi possível estudar a organização social e a relevância da função atividade dentro do ambiente no qual o indivíduo está inserido (LEONTIEV, 2004).

---

<sup>7</sup> Tradução livre da autora.



Cabe salientar, que na Psicologia Socio-histórica não é usado o termo fase, período, estágio ou etapa para distinguir as transformações de cada diferenciação ocorrida no desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos adultos. O uso destes termos será apenas para obter melhor clareza quanto à ocorrência de mudança da atividade principal, que são as características de cada ciclo de desenvolvimento. Leontiev (1987, p. 57), afirma que “cada um destes períodos, que tem significação essencial na formação da personalidade da criança, possui suas características próprias”.

Conforme Vigostski (2012), para compreender o processo de desenvolvimento psicológico dos seres humanos, é preciso entender o problema da orientação, das forças impulsionadoras das atrações e aspirações das crianças, porque em cada etapa, as atrações e os desejos são diferentes, e o que diferencia o homem do animal é o interesse, pelo fato do desenvolvimento dos interesses estar implícito no desenvolvimento cultural e psíquico do adolescente.

Cada fase de desenvolvimento tem como movimento impulsionador, forma motriz, a atividade principal, gerada por um motivo. Para a criança, a atividade principal é o brincar e as relações concretas com o objeto que é apresentado a ela, para o escolar é o estudo além do lugar que ocupa nas relações, para o adolescente entram a relação íntima, o pensamento e a linguagem que são determinantes nesta fase, para o adulto é o trabalho (LEONTIEV, 2004).

A relevância do pensamento e da linguagem faz parte do significado obtido pelo indivíduo, durante a sua construção. Então, o significado é a redução dos fenômenos do pensamento e da linguagem (VIGOTSKI, 2009). Os saltos que ocorrem de um momento a outro na vida dos indivíduos, são sempre dinâmicos e dependerão do momento histórico no qual estão inseridos, e este movimento, propicia a passagem de uma etapa à outra, como veremos.

A criança desde o nascimento está permeada por relações. É apresentada ao mundo que a circunda pelos adultos, primeiramente os mais próximos e íntimos, conhecendo os objetos por sons, pelo tato, explorando o objeto expressado por palavras, até o momento em que consegue, por meio de novas ligações psicológicas, criar outras utilidades diferentes para o objeto, tendo aos poucos o domínio da linguagem, introduzida pela interação com os adultos próximos a ela. Essas apropriações são modalidades dos anos iniciais, quando também ocorre a troca de afetos, existe a necessidade de uma maior dependência durante este período, e é quando se inicia a construção da consciência. A real posição da criança nas situações que são apresentadas a ela e as descobertas do mundo das relações humanas definirão o lugar que

a criança de fato ocupa dentro destas relações, e elas tem o valor de motivo (LEONTIEV 2004).

O entendimento do recurso que regula a passagem de uma etapa à outra é essencial e tem por base o salto qualitativo, determinado pela atividade principal e as condições do meio circundante, acontecendo por um conjunto de sistemas psíquicos interligados. No período pré-escolar, a atividade principal é mediada através do jogo e da brincadeira. Essa apropriação dos objetos do meio social em que a criança convive, vão dar a oportunidade de reproduzir vivências apresentadas pelo adulto. Ao brincar/jogar com objetos, ela adquire junto a esta atividade principal desempenhada, a função social que representa e a consciência da existência do objeto. Como não desenvolveu funções complexas, fato dado pela estrutura psíquica em formação, a atividade lúdica proporciona a possibilidade e ação, porém não nas mesmas condições dos adultos (FACCI, 2004). Para Leontiev (1987), esta fase é importante por ser o início da formação da personalidade; na fase pré-escolar as novas transformações e relações originadas da atividade da criança, como são de natureza social e não biológica, aparecem e tem o seu desenvolvimento numa única etapa deste processo e são determinadas pelo contexto, portanto são influenciadas pela educação.

A aquisição de conhecimento, habilidade e domínio, conduz a criança a entrar em outro tipo de relação humana quando começa a fazer parte da vida escolar. A atividade principal passa a ser o estudo, e a criança tem grande responsabilidade com a sociedade. A concretude das ações, o papel que constrói para o futuro, demarcará de forma alinhada, passando a ser consequência, o conteúdo da sua vida de forma geral. O desenvolvimento dos processos psíquicos acontece de forma organizada, trazendo um equilíbrio das modificações internas. Existem outras atividades que a criança realiza ou continua a desempenhar, porém, o estudo como a atividade principal aparece nas novas relações e a forma de comunicação nova, na qual a criança passa a assimilar o mundo, está inserida no resultado da avaliação (LEONTIEV 2004).

O próximo período, da adolescência, é de transição entre ser criança e ser adulto. É um momento em que o indivíduo forma suas concepções do mundo, da sociedade, das pessoas e de si mesmo. Para tanto, as condições devem favorecer uma gama de possibilidades aos adolescentes, permitindo ampliar a perspectiva de colocar em prática a criatividade, ampliar suas relações, e, assim, viver e apreender o mundo, em um processo de pleno desenvolvimento (DIAS, 2007).

Os círculos de relacionamentos sociais permitem nesta idade que o adolescente se insira em determinados grupos de interesse, movimentos sociais. A mudança, também é

percebida pelo novo lugar que ocupa na convivência com os adultos e na vida familiar. Os adolescentes apresentam certas características similares às dos adultos, como a força física, o conhecimento e a capacidade, e acreditam serem superiores aos adultos em certo momento (LEONTIEV, 2004). Uma das características relevantes nesse período, no quesito das relações humanas é a relação íntima, onde o companheirismo, amizade, respeito mútuo entre os adolescentes estabelece um código moral nessa relação entre os pares.

Sobre a importância nas relações humanas, Mesquita (2010) relata:

Pela primeira vez, não é a aproximação aos adultos e a entrada no seu mundo a motivação principal da Atividade, mas os contatos íntimos entre os próprios adolescentes. Uma vez que o estudo era a principal forma de adentrar o mundo do adulto, é esperado que deixe de ser a Atividade guiada quando aos adolescentes importa menos entrar no mundo adulto. (p. 92)

Este autor coloca que a crise da adolescência pode ser drástica por este motivo. Os adultos deixam de ser referência, e o papel da escola como atividade principal, deixa de fazer sentido. Por isso, os adolescentes fazem vínculos entre eles, com comunicação que estabelecem entre os pares, e em certo momento, o estudo acaba por ser deixado de lado.

Vigotski (2012), afirma que a crise e a síntese simbolizam os vários momentos deste estágio de desenvolvimento e incorporam o processo de maturação, havendo uma ligação com a maturação sexual, a qual aparece também neste período.

Se passamos a estudar o conteúdo das fases principais das quais se compõem o desenvolvimento dos interesses na idade de transição, deveríamos assinalar que todo esse desenvolvimento se baseia nas mudanças orgânicas relacionadas com os processos de maturação sexual. A maturação sexual significa que no sistema das atrações orgânicas aparecem novas necessidades e impulsos, isto é o que constitui a base de todas as mudanças no sistema dos interesses do adolescente. A maior demonstração disto é o fato de que os processos de mudança de interesses geralmente coincidem plenamente no tempo, com o início das mudanças orgânicas. (Vigotski, 2012, p.27)<sup>8</sup>

As mudanças internas acompanham as mudanças externas nos adolescentes, assim como os interesses também se modificam.

Esta fase é uma preparação para a vida adulta. Apesar de a formação de conceitos estar presente desde a primeira infância, as modificações que vão ocorrendo não são iguais às outras etapas do desenvolvimento. Vigotski (2009), em seus estudos, apresenta a visão de outros teóricos sobre este momento de transição e concorda com Ach e Rimat, os quais afirmam que na adolescência, após os doze anos, é que se inicia o movimento de formação dos conceitos e o pensamento abstrato, o que é importante por possibilitar ao adolescente

---

<sup>8</sup> Tradução livre da autora.

perceber a sua realidade interna a partir da vivência e da palavra, além de permitir o entendimento na comunicação, se faz entender.

Vigotski (2014), afirma que neste momento da vida, os processos psíquicos apresentam um desequilíbrio psicológico infantil, um importante acontecimento, pois necessita de mais transformações psíquicas para busca de novo equilíbrio, e assim, por sua vez alcançar a fase adulta. Diante disto, importantes processos devem ser explicados para entender o amadurecimento psíquico na adolescência.

São determinantes para o processo de desenvolvimento psíquico, segundo Vigotski (2009), as características originadas no período da adolescência: a conceituação e o pensamento abstrato, possibilitados ao adolescente por meio do amadurecimento da capacidade de dar significado e a abstrair os conceitos. Pelas novas conexões que são permitidas pelo desenvolvimento destas capacidades, intensifica-se uma abertura à criação, à imaginação e à fantasia. Através do processo de abstração, a pessoa é capaz de ter consciência de si mesma e desvincula o abstrato do material. Os significados ficam mais claros e seu conhecimento toma maior proporção (DIAS, 2007).

O desenvolvimento da consciência neste momento permite que os adolescentes transmitam um comportamento crítico diante das exigências, de como agir, quanto às qualidades pessoais dos adultos e há o surgimento de interesses teóricos novos. Nos adolescentes mais velhos, além de interesse em conhecer a realidade, eles vão além para saber o que tem por detrás desta realidade, realizando um aprofundamento da teoria. Quando o adolescente passa da vida de estudante para a de um trabalhador, ele ocupa um novo lugar, a vida tem um novo conteúdo, mudando a sua visão de mundo, mas este novo lugar não quer dizer que houve o desenvolvimento, podendo ser considerado apenas um patamar num dado momento do desenvolvimento. O que realmente determina o desenvolvimento psíquico é o percurso da vida, do desenvolvimento da atividade interior e exterior destes processos, também determinada pelas condições de vida (LEONTIEV, 2004).

Dentro do desenvolvimento dos interesses, existem duas etapas: uma, quando aparecem novas atrações (base orgânica do novo sistema de interesses) e a outra, que é a maturação desse novo sistema alocado sobre as novas atrações. A primeira fase tem uma duração em torno de um ano. Vigotski (2012) cita Peters e concorda ser esta fase a manifestação negativa dos interesses, na qual os adolescentes apresentam extrema irritabilidade geral, não definida e demorada, excitação maior que o normal, cansaço e esgotamento, mudança de humor brusca, variação nas disposições e quebra de valores.

A influência do trabalho na vida do adolescente está ligada ao desenvolvimento psíquico e físico, e pode repercutir de maneira positiva ou negativa em sua vida, dependendo diretamente dos interesses, da vontade, força impulsionadora e das relações. Um dos caminhos propostos na teoria Vigostskiana diz respeito às etapas que diferenciam o processo psíquico dos adolescentes:

Si no sabemos diferenciar en el desarrollo psíquico del adolescente el proceso de formación de los hábitos del proceso de desarrollo de los intereses jamás podremos explicar el hecho – central para toda esa edad – de que los hábitos no cambian de manera muy esencial a lo largo de uno o dos años. (VIGOTSKI, 2012 p. 23)

O que ocorre é que os mecanismos do comportamento existentes se tornam a base para novos comportamentos e os interesses, ou seja, as necessidades movimentam esses mecanismos e eles têm alterações drásticas.

Vigotski traz uma visão dessas duas fases para um adolescente trabalhador.

[...] Peters constata que la juventud del muchacho obrero comienza más tarde y termina antes, que todo su período de desarrollo transcurre bien em forma reprimida, bien desinhibida em dependencia de si son favorables o adversas las condiciones económicas, sociales, culturales y otras. [...] se refieren a los adolescentes obreros de los países capitalistas (VIGOTSKI, 2012, p. 29).

Vigotski (2012) considera que, no caso do estado mais crítico ocorre uma diminuição no rendimento escolar e o impulsionamento de hábitos antes estabelecidos em situação de trabalho produtivo, de caráter criativo. A primeira fase no adolescente “trabalhador” dura o mesmo tempo que no adolescente “burguês”<sup>9</sup> e pelas condições de vida, se manifestam com maior gravidade. Já a fase seguinte, a dos interesses, tem menor duração e se limita em seu desenvolvimento natural, cessada pela necessidade de trabalhar precocemente e em condições difíceis de vida.

Existem casos em que o negativismo da fase, é menos violento, e em outros aparece como atividade destrutiva. As vivências subjetivas, que são os afetos da vida interior, mais precisamente, a vida íntima do adolescente, apresenta uma característica hostil, conflitando com a disciplina. A negatividade que aparece aqui, também aparece em outros momentos, na passagem de outras etapas da vida e é própria de toda mudança. Por este motivo, é bom esclarecer que, a esfera negativa faz parte do processo de desenvolvimento durante a vida (VIGOTSKI, 2012).

---

<sup>9</sup> Ao utilizar a classificação adolescente “trabalhador” e “burguês” Vigotski está se referindo a distintas classes sociais e não à condição individual do adolescente, na perspectiva da condição social e cultural que é fundamental no desenvolvimento do psiquismo.

A segunda fase, dos interesses, é chamada de fase positiva, denominada de jogo sério por W. Stern. Este autor, segundo Vigotski (2012), compreende que as expressões mais importantes da idade de transição, podem ser explicadas pela teoria biológica do jogo, criada por K. Gross. Através do jogo, é possível verificar as aptidões naturais da criança, e é uma preparação para a vida futura. Desta forma, consegue desenvolver habilidades que necessitará mais tarde. O jogo, no adolescente, pode ser definido como um jogo sério. Este lugar que ocupa, de inexatidão, nem criança, nem adulto e ao mesmo tempo misto, é a maneira ímpar da idade, que exhibe o interesse do adolescente.

Vigotski (2014) mostra que a fantasia que aparece no desenho da criança, vai perdendo a força, e na adolescência, estabelece postura crítica com esta atividade anterior, não obtendo mais satisfação na atividade. No adolescente, a atividade criadora mais comum, aparece pela escrita literária, permitida pela subjetividade das vivências, com experiências mais abrangentes que na fase anterior, e a vida íntima predomina de forma mais intensa. É a maneira de exteriorização da subjetividade.

Vigotski (2014) define imaginação ou fantasia para a psicologia, como a atividade criadora do cérebro humano, permitida na combinação entre estas palavras, e está presente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. A imaginação é percebida desde quando a criança é muito pequena, e está ligada diretamente à memória. É dentro deste processo de desenvolvimento da imaginação, que se tem a base para o pensamento abstrato e a formação de conceitos, que permitem o salto para o desenvolvimento humano maduro. A criatividade faz parte da natureza de todo ser humano. Destacam-se todos os objetos criados, seja para uso de utensílios, uso cotidiano ou pela arte e mesmo a ciência.

Desde muito pequena, a criança vai ampliando o desenvolvimento da atividade criadora. A relevância que esta atividade tem, na vida dos seres humanos, é a possibilidade de criar algo sempre novo, a partir das experiências já possuídas. Para que isso ocorra, existem algumas funções básicas ligadas à memória, repetindo ou reproduzindo situações experimentadas na vivência própria ou pela de outra pessoa (VIGOTSKI, 1999).

O desenvolvimento das formações psíquicas internas apresenta duas formas de imaginação, chamadas de: 1) imaginação plástica (exterior); 2) imaginação emocional (interior). A compreensão sobre a imaginação plástica é dada pela construção de impressões exteriores e a imaginação emocional, ocorre por elementos interiores, ambas com sua distinção característica dessa fase de transição (VIGOTSKI, 2014, p. 41).

Quando ocorre uma ruptura dos interesses, onde a imaginação não consegue ser colocada em prática e a criatividade é reprimida pelo tipo de trabalho desempenhado, existe uma grande possibilidade de o adolescente trabalhador entrar em sofrimento psíquico prejudicando seu desempenho laboral presente e futuro, pois sua capacidade criativa é simplesmente esnobada em determinados processos de trabalho, que exigem mais do físico do que de sua capacidade criativa, que neste momento da vida está no seu ápice, podendo embotar o processo de desenvolvimento psíquico.

## 2.2 O Trabalho na Adolescência

O trabalho é considerado uma categoria fundamental e de grande relevância na vida humana, envolvendo uma dinâmica complexa, diferenciada da atividade animal. Como afirma Leontiev (2004):

Esta nova forma de acumulação da experiência filogênica pode aparecer no homem, na medida em que a atividade especificamente humana tem um caráter produtivo, contrariamente à atividade animal. Esta atividade produtiva dos homens, fundamental entre todas, é a atividade do trabalho. (p. 176)

O trabalho humano diferencia-se da atividade de outros animais, essencialmente pelo seu caráter social, e o aparecimento da consciência. Para além de sua importância fundamental à espécie, o trabalho é também, atividade essencial aos indivíduos adultos, não só para a sobrevivência dos mesmos e do coletivo, mas por contribuir com o desenvolvimento de identidade social e pessoal.

Contudo, em se tratando de crianças e adolescentes, existem situações sociais, econômicas e culturais impostas a esta população, que colocam o seu desenvolvimento e a sua saúde em risco, como é o caso do trabalho.

O trabalho infanto-juvenil tem sua história marcada muito antes do processo de industrialização, pois, em sociedades escravocratas, as crianças e jovens já se encontravam no desempenho de funções laborais.

Com a Revolução Industrial, marcada por um contexto de expansão de mercado, era preciso inserir mão-de-obra suficiente para dar conta do processo produtivo. Com isso, era necessário que crianças e adolescentes entrassem no mundo do trabalho, não sendo consideradas suas peculiaridades quanto ao momento de desenvolvimento, e sem diferenciação quanto às cargas e jornada de trabalho (KASSOUF, 2007).

Segundo Sochaczewski (2016), “desde os primórdios do capitalismo, foi preciso que todos trabalhassem homens, mulheres e crianças, pois a exploração capitalista e sua legitimação se dão no próprio processo de trabalho” (p. 90).

O modelo de organização de trabalho Taylorista traduz as novas exigências aplicadas pela introdução do capitalismo, intensificando a produção, e para isso houve mudanças significativas dentro das empresas, como descreve Lucas (2016, p. 657): “[...] esse sistema preconizava a criação de departamentos de planejamento, a cronometragem dos movimentos, a fixação de tarefas rígidas para os trabalhadores e a definição de critérios de pagamento por peça”. Esta concepção transformou o mundo do trabalho, trazendo a divisão do trabalho e do conteúdo da atividade. Cada trabalhador exercia sua função, conforme a análise minuciosa de técnicos para aumentar a produção, sistematizando o processo produtivo, e com isso, modificando as relações de trabalho. Esta mudança no processo produtivo trouxe consequências para o mercado e para as empresas, mas principalmente para os trabalhadores, sobretudo crianças e jovens.

No Brasil, a primeira política pública dirigida a crianças e jovens, o Código de Menores criado em 1927, tinha a intenção de limpar os espaços públicos. Esta lei era uma forma de proteção das crianças ou com intuito de proteção da sociedade contra delinquentes infratores (AYRES, CARDOSO e PEREIRA, 2009). Desde então, houve mudanças na legislação brasileira, conforme avanços históricos na concepção de infância, culminando com a compreensão contida na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considerando a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, incluindo a proteção integral e dando prioridade absoluta, já que estão em condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Neste sentido, a legislação estabelece a idade mínima de 16 anos para início do trabalho formal e permite o trabalho protegido a partir de 14 anos, ou seja, como aprendiz (BRASIL, 1990a). A profissionalização prevista no ECA, não especifica a condição peculiar à qual pertence os adolescentes em fase de desenvolvimento, não compreende da mesma forma o tipo de capacitação profissional que seria mais adequada (BRASIL, 1990a).

No entanto, mais recentemente o trabalho de jovens passou a ser prioridade, no sentido da inserção desses atores no mercado de trabalho, dentro da Agenda Hemisférica para Promoção do Trabalho Decente, apresentada pela OIT em 2006, e foi um compromisso assumido pelo governo brasileiro, com a assinatura do Memorando de Entendimento que prevê o estabelecimento de um Programa Especial de Cooperação Técnica para a Promoção de uma Agenda Nacional de Trabalho Decente, em consulta às organizações de empregadores



e trabalhadores (DIESAT, 2010). Seu objetivo central, em relação à juventude, é “promover sua maior formação e melhor inserção no mercado de trabalho” (OIT, 2009).

Aquino (2009) revela que o aumento estrutural na distribuição etária no final do século XX, ocasionou o aumento da população economicamente ativa e impactando positivamente sobre o desenvolvimento econômico, assim, a juventude deixa de ser considerada problema, e passa a protagonista do desenvolvimento econômico.

Desta maneira, abre-se mais espaço para inserção do jovem no mercado de trabalho. Aquino (2009) esclarece que também existiu um fenômeno macro a nível mundial que ameaçou o protagonismo juvenil, que foi a crise do emprego. Nos anos 1990, no Brasil, o emprego dos jovens era uma ameaça, e igual ameaça se apresentava aos que já estavam inseridos. Da mesma forma, os jovens que tinham uma condição de vida melhor, adiaram sua busca por emprego, ficando dependentes financeiramente da família, ampliando a sua permanência na formação educacional, com a intenção de tentar uma inserção de maior qualidade e os que não possuíam muita possibilidade de se sustentar, submetiam-se a empregos com baixa remuneração e qualidade precária, também dependendo de suas famílias. Os dois níveis econômicos geraram desta forma, o prolongamento da juventude, adiando a passagem para a vida adulta (AQUINO, 2009).

Ou seja, o desenvolvimento econômico parece ser o verdadeiro valor da sociedade, não levantando em consideração, os impactos das inserções laborais para a saúde, para o desenvolvimento humano e a qualidade de vida dos jovens, principalmente aqueles sem condições dignas.

A inserção do jovem no mercado de trabalho precocemente tem repercussões em diversas áreas da vida, seja nas relações com família, amigos, fator escolar, e principalmente, sua saúde. Contudo, no Brasil, o trabalho infanto-juvenil ainda apresenta índice alarmante.

No ano de 2014 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostrou que dos 41,1 milhões de crianças e adolescentes nas idades entre 5 e 17 anos, 3,3 milhões apresentavam-se ocupados, representando um aumento de 4,5% em relação ao ano de 2013. As características do trabalho desta faixa etária são: 65,5 são meninos, 63% são negros, trabalham em torno de 26 horas semanais em média, 80% estavam frequentando a escola, 69,2 trabalham em áreas urbanas, 30,8% trabalham no campo e a média do rendimento mensal é de R\$380,00 (BRASIL, 2014).

Dados da PNAD de 2016 revelam que o número de crianças e adolescentes ocupados foi de 1,8 milhões. As horas efetivamente trabalhadas aumentam conforme a idade, sendo 8 horas semanais, em média, para a faixa etária de 5 a 9 anos e de 28,4 horas, em

média, para os adolescentes de 16 ou 17 anos. Em relação ao gênero daqueles inseridos no mercado de trabalho, 34,7% eram do sexo feminino e 65,3% do sexo masculino e havia na época da pesquisa a predominância de crianças pretas, com 71,8% (BRASIL, 2016).

Nesta pesquisa também é apresentada a porcentagem de crianças que frequentavam a escola, e a média resultou em 81,4%. Com relação à atividade exercida, predomina a agrícola na faixa etária de 5 a 13 anos, 47,6%, e 21,4% para o grupo de 14 a 17 anos. Em relação à renda, a estimativa é de R\$514,00 mensais, e observou-se que crianças e adolescentes que não estudavam recebiam mais do que aquelas que frequentavam a escola, o que pode ser explicado pela maior dedicação de horas ao trabalho daqueles que não estudavam (BRASIL, 2016).

Constata-se que houve um aumento do número de horas trabalhadas de 2014 para 2016, o que denota que os adolescentes têm menos tempo para os estudos e outras atividades importantes, condições que não favorecem o desenvolvimento integral dos mesmos. Pode-se, a partir destas informações, constatar a existência de situação de exploração da mão de obra infanto-juvenil, expondo a riscos a população que se encontra menos favorecida, podendo ser um dos motivos também, da evasão escolar.

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), criado no ano 2000, foi uma medida do Governo Federal, para retirar crianças de 7 a 15 anos da inserção no trabalho não regulamentado. As políticas para reduzir o trabalho infantil entre os anos de 1992 e 2008 demonstram êxito. A condição socioeconômica das famílias que tinha melhorado apresentou queda, contudo, o PETI e as condições exigidas pelos programas de transferência de renda, como o caso do Bolsa Família, com obrigatoriedade da frequência escolar, contribuíram de maneira eficaz para a retirada de crianças em situação de trabalho (BARROS; MENDONÇA, 2010).

Gonzalez (2009), afirma que atualmente as políticas que incentivam o jovem estudante a entrar no mercado de trabalho, não discutem sobre qual seria o momento adequado para a essa inserção ou quais habilidades profissionais podem ser desenvolvidas. O autor parte de uma premissa que as políticas se voltem para as famílias, já que o estudo do jovem afeta a renda familiar, caso não trabalhe, compondo uma divisão de papéis diferente. Acrescenta que uma política com a finalidade parcial de adiar a entrada do jovem no mercado de trabalho deveria ser constituída como um direito efetivo, por intermédio da autonomia financeira das famílias, pelos auxílios financeiros e pelas condições legítimas na sociedade, que possibilitem esta condição.

A discussão sobre inserção de adolescentes no trabalho sem que haja prejuízo a outras áreas da vida e que considere a possibilidade de desenvolvimento, é complexa, pois é permeada por valores culturais e pelo modelo econômico.

Segundo Coelho e Aquino (2009), o trabalho que o jovem desempenhava antigamente, pedia pela permanência nos postos de trabalho e a partir desta oportunidade tentava-se melhorar de cargo dentro da empresa. Hoje, a condição de trabalho gera sentimento de insegurança e mudança de ocupação. Existem outras formas de inserção que abrem possibilidades de contratos de trabalho diferenciados ou mais flexíveis, podendo ser parcial ou por tempo determinado, contratos de forma temporária e terceirizada e formas mais precárias de relação de trabalho, ou seja, a situação do emprego na atualidade é de instabilidade.

As políticas de inserção laboral contribuem no sentido de abarcarem trabalhos decentes com proteção legal, porém deveria ser ampliado para trabalhos com maior possibilidade de desenvolvimento psíquico e proteção à saúde, buscando-se melhor adequação das atividades à população jovem. É do interesse da sociedade, que os jovens de hoje não se tornem adultos adoecidos e alienados. Do trabalho depende a dignidade, o desempenho, devendo as políticas públicas garantir atenção integral aos adolescentes trabalhadores, com olhar para as diversas dimensões da vida.

Existe uma mobilização da sociedade, direcionando os jovens para o trabalho, seja pela sua importância como elemento de inserção social e êxito pessoal, seja pela contribuição que esta força de trabalho representa para o crescimento econômico dos países em desenvolvimento (DIAS, 2007; FRENZEL; BARDAGI, 2014). A preocupação está na criação de postos de trabalho para inserção dos jovens no mercado de trabalho, daí o acompanhamento da taxa de desemprego juvenil, considerada elevada. A estimativa global de desemprego para os jovens deve atingir 13,1% em 2017 (OIT, 2016).

De acordo com os dados da PNAD, no grupo de 14 a 17 anos, o nível de desocupados chegou a 10% em 2016 (BRASIL, 2016). Índice este, superior àquele encontrado para a América Latina e Caribe, de 6,7% para o mesmo período (OIT, 2016). Ainda, segundo os dados da OIT, 90,4 milhões de pessoas estavam em empregos vulneráveis em 2016 (OIT, 2016). Se analisarmos os dados de forma conjunta, podemos considerar que o Brasil apresenta maior índice de desemprego juvenil. Mas, o fato de jovens não estarem inseridos no mercado de trabalho, poderia ser considerado positivo, visto que a inserção precoce e/ou inadequada pode afetar o desenvolvimento pleno dos seres humanos.

Estudos apontam as razões da inserção precoce de jovens no mundo do trabalho. A pobreza é um dos principais determinantes da inserção laboral. Crianças e jovens

contribuem, assim, com a renda familiar. Dessa forma, existe um discurso de que a pobreza explica o fenômeno da entrada no mercado de trabalho de forma precoce, tendo a decisão familiar um peso maior. Outro determinante da inserção precoce pode ser atribuído à estrutura do mercado de trabalho, abrindo oportunidades envolventes para os jovens (OLIVEIRA, 2012; MINAYO\_GOMEZ; MEIRELLES, 1997; KASSOUF, 2007).

Guimarães e Asmus (2010) consideram que a pobreza não é o único fator que determina o trabalho infanto-juvenil. Percebem essa questão como sendo complexa, e consideram que a inserção precoce está relacionada à desigualdade, geradora de exclusão, presente em nosso país. Não reduzindo somente a esses fatores, o agravamento deste fenômeno acontece por meio da cultura, da economia e da produção.

O trabalho de crianças e adolescentes é, então, aceito socialmente por questões históricas e culturais, e a erradicação é morosa, pois envolve muitas vezes a sobrevivência da família e o empregador acaba por se aproveitar desta fragilidade. Os jovens não têm poder de reivindicação, por falta de conhecimento dos direitos trabalhistas, não conseguindo também melhorar as condições de trabalho, em comparação com o poder de adultos. Também, podem não perceber, que estão sendo explorados nas relações laborais.

Lima et al. (2011), consideram o discurso sobre trabalho infantil e escola, homogêneo, no sentido de que a escola oculta a não conformidade no ensino de crianças pobres, conferindo à família a culpa do fracasso escolar e do trabalho precoce. Porém, elas são vítimas dos mecanismos sociais, geradores da desigualdade econômica.

O trabalho como forma de tirar da marginalidade, o discurso do aprender uma profissão, mesmo que em condição decadente e insegura com a responsabilidade de um adulto, e ajudar a aumentar a renda da família passa a ser também um dos fatores impulsionadores do trabalho precoce (LOURENÇO, 2014). A autora afirma que não se pode discutir o fenômeno do trabalho precoce, embasado apenas no quesito família ou pela pobreza. Deve-se muito mais que isso, através do ponto de vista da produção capitalista em sua amplitude, pois, é justamente da precariedade das famílias, que a acumulação do capital “ao mesmo tempo em que a cria, a reproduz” (p.300).

Oliveira e Robazzi (2001) dialogam sobre a complexidade do trabalho precoce, no momento que ultrapassa as defesas e direitos individuais de crianças e jovens como cidadãos. Em sua pesquisa buscam os motivos da entrada no mercado de trabalho deste público, afirmando que a baixa renda está presente neste contexto, e também existe o motivo que é determinado pelo sistema de produção, e a estruturação ofertada pelo mercado de trabalho,

pois se os pais recebem pouco, outros membros da família são obrigados a contribuir, aí entra o papel do trabalho adolescente.

No estudo apresentado por Aquino et al. (2010), a condição econômica da família e a escolaridade dos pais aparecem como fatores predominantes para o trabalho de crianças, mas o trabalho na infância dos pais, contribui na repetição do trabalho infantil acontecer com os filhos, sendo uma explicação a mais do que a pobreza. A pobreza familiar não deve ser a única e exclusiva hipótese, diante da grandeza dessa problemática. A falta de organização da estrutura de mercado, a fragilidade de poder de argumentação dos adolescentes, aliadas ao baixo custo para os empregadores, oportunizam situações de trabalho precoce (OLIVEIRA, 2012). Dias (2007), acrescenta:

Existem, também, os fatores culturais e ideológicos, como a ideia de trabalho como virtude, como elemento disciplinador e que afasta o jovem da marginalidade. Ainda, o trabalho do jovem é indicado como uma forma de autonomia e independência do indivíduo, inclusive como consumidor. Essas ideias estão vinculadas ao significado do trabalho como redenção. (p. 46/47)

Em razão deste cenário, nega-se o impacto do trabalho na saúde dos adolescentes trabalhadores (AMAZARRAY, et al. 2009). Os riscos de doenças relacionadas a acidentes de trabalho são maiores para crianças e adolescentes devido à sua condição. É possível que eles desenvolvam antecipadamente doença ocupacional com a gravidade aumentada, forçadas que são a realizar ações de adultos (OIT, 1987; SILVEIRA, 2003). “É preciso, então, ressaltar que o trabalho não exclusivamente dignifica, mas também adoce e faz sofrer. E essa característica é particularmente importante na adolescência, quando o indivíduo está em desenvolvimento” (DIAS, 2007, p. 55).

As crianças e adolescentes necessitam de condições protegidas para alcançarem o pleno desenvolvimento, o que é impedido pelas condições de trabalho.

Crianças e adolescentes precisam de tempo, espaço e condições favoráveis para ultrapassar as várias etapas de transformações biopsicossociais em direção à vida adulta. Por isso ficam mais suscetíveis a adquirir doenças ocupacionais e mais vulneráveis às situações de risco no ambiente de trabalho. (Ruzany e Meirelles, 2009, p. 56)

Na visão destes autores o sofrimento psíquico é iminente em crianças e adolescentes trabalhadores, podendo o trabalho ter um papel inibidor do brincar, e impor a obrigação em comportar-se mais rigidamente, conforme regras de conduta comuns nas relações interpessoais no trabalho, não promovendo desafios adequados à fase de desenvolvimento, podendo ocasionar a vivência de frustrações precoces e sentimento de incompetência, com conseqüente desenvolvimento de baixa autoestima.

### **2.2.1 Consequências do Trabalho na Adolescência**

Todo o processo de desenvolvimento dos seres humanos é resultante de determinações sociais, portanto, as condições de vida e as vivências que elas possibilitam são a base da formação da subjetividade, e o trabalho tem papel importante nesse processo.

O trabalho precoce é considerado culturalmente como elemento positivo, que traz um “amadurecimento” e responsabilidade, que tira os jovens da criminalidade etc. Porém, como elemento da vivência pessoal, ele pode afetar o pleno desenvolvimento da pessoa, ao prejudicar sua atividade criadora, a saúde física e mental (DIAS, 2014), bem como, do ponto de vista social, contraria os avanços conquistados para a proteção integral de crianças e adolescentes, demonstrando as fragilidades do sistema de trabalho, diante do relacionamento patrão-empregado, camuflado pelo intenso processo de reestruturação produtiva.

Minayo-Gomez e Meirelles (1997) esclarecem que um dos custos sociais do trabalho de crianças e adolescentes, é a diminuição do grau de escolaridade, reduzindo, com isso, a expectativa de condição de trabalho favorável. Outro fator é a sobrecarga de tarefas, provocando desgaste físico e mental.

Asmus et al. (1996), trazem informações do relatório da WHO de 1987, onde verificou-se os riscos ocupacionais a que jovens trabalhadores podem estar expostos. Condições não adequadas de trabalho acarretam à saúde e ao desenvolvimento físico da criança, efeito que pode ser imediato, a médio ou em longo prazo. As consequências podem estar associadas à perda de visão e audição, mutilação, desvios na estrutura corporal, retração do crescimento. A consequência da exposição nem sempre é imediata, podendo levar anos para algum sintoma manifestar-se.

Desordens do sistema músculo-esquelético foram identificados em adolescentes em situação de trabalho precoce, sendo que os submetidos a carga maior de trabalho, apresentaram maior chance de desenvolver esses distúrbios (CAETANO, et al. 2008).

O Relatório de Tendências Globais do Trabalho, demonstrou que a incidência de trabalho perigoso, aumenta conforme a idade. Os dados são: 2,2% para crianças de 5 a 11 anos (18,5 milhões); 5,3 entre adolescentes de 12 a 14 anos (19,3 milhões) e 13% entre os adolescentes de 15 a 17 anos (47,5 milhões) sobre a inserção em trabalho perigoso (ILO, 2013).

O trabalho, por suas características na sociedade capitalista, também pode prejudicar o desenvolvimento pleno do adolescente, determinando uma vida de sofrimento, como conclui Dias (2014) em sua pesquisa:

[...] para as jovens entrevistadas, sua inclusão no processo de produção tem o sentido de sofrimento ético-político, caracterizando-se como inclusão perversa, que lhes permite a inserção na produção e no consumo, mas que impede o desenvolvimento pleno do seu potencial humano, uma vez que não se trata de uma atividade de criação e, sim, uma atividade repetitiva e mecânica, que não lhes provê um meio de expansão da liberdade e da felicidade. No momento em que o jovem necessita condições para a abertura de horizontes, de novas conquistas, para exercer sua criatividade e assim viver e apreender o mundo, tem esse processo de transição bloqueado por diversas instituições da sociedade, entre as quais se destaca o trabalho e os nexos que ele estabelece com as demais.

A potência de ação é prejudicada, à medida que a inserção dessas jovens no trabalho bloqueia o seu desenvolvimento ao prejudicar sua capacidade de pensar por conceitos, que constitui a base da criatividade humana e, portanto, do desejo, do sonhar e do agir para transformar. (p.101)

A legislação brasileira garante a proteção contra a exploração econômica, e quanto à realização de qualquer atividade laboral perigosa ou que impeça a educação, ou mesmo seja prejudicial à saúde e ao desenvolvimento, compreendendo os aspectos físicos, mental, espiritual, moral ou social (BRASIL, 1990b).

Então, as leis garantem a proteção, sendo necessário um alinhamento com outras esferas, também com suas complexidades, para reduzir significativamente o número de acidentes. Este tipo de violência não deveria ocorrer, e as oportunidades de trabalho deveriam avaliar os riscos para os trabalhadores. Se fosse uma realidade, o número de acidentes e adoecimento no trabalho poderia ser reduzido consideravelmente.

## CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, consonante com seus objetivos, e está ancorado na perspectiva teórico metodológica da Psicologia Socio-histórica.

Este tipo de investigação intenta o aprofundamento de uma unidade, para a compreensão dos fatores constitutivos de determinado fenômeno, no que se refere ao caminho pelo qual ocorre o movimento para o desenvolvimento (YIN, 2001).

Nesta perspectiva teórico metodológica, busca-se “apreender as mediações sociais constitutivas do sujeito, saindo assim da aparência, do imediato e indo em busca do processo, do não dito, do sentido” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.225), apreendendo, assim, os significados (sociais) e os sentidos (subjetivos), o homem em sua singularidade em relação à atividade que exerce dentro do processo social, apreendendo a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Desta forma, é possível analisar-se um processo dialético de determinações que não são causais, lineares e imediatas, mas que são entendidas como determinações de elementos constitutivos do sujeito como mediações (AGUIAR; OZELLA, 2006).

### 3.1 Percurso

Para melhor acompanhamento e compreensão dos processos envolvidos na pesquisa, optou-se por dividir a explicação dos procedimentos, seguindo as etapas do percurso.

#### 3.1.1 *Estudo Exploratório*

O estudo iniciou-se pela fase exploratória para aproximação do problema, possibilitando o conhecimento do contexto. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados dos acidentes de trabalho com menores de 18 anos notificados<sup>10</sup> ao Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Piracicaba, ocorridos no período de 2010

---

<sup>10</sup> A notificação de acidentes de trabalho ocorridos com menores de 18 anos está inserida nas prioridades de Saúde do Trabalhador no SUS, sendo de notificação epidemiológica obrigatória aos serviços sentinela desde 2004 (Portaria 777/2004) e inserida no Sistema Nacional de Notificação de Agravos (SINAN) desde 2005. No município de Piracicaba há notificação informatizada de todos os acidentes de trabalho atendidos nos serviços de urgência e emergência e hospitais da cidade, dentro do Sistema de Vigilância de Acidente de Trabalho (SIVAT).



a 2016. Os dados são do Sistema de Vigilância de Acidentes de Trabalho (SIVAT), os quais são oriundos dos Relatórios de Atendimento ao Acidentado do Trabalho (RAAT), documento de notificação dos agravos de Saúde do Trabalhador, realizada pelos serviços de saúde do município: Hospitais, Prontos-Socorros e grandes empresas que possuem ambulatório médico. Por tratar-se de notificação epidemiológica realizada por serviço de saúde, o Sistema tem o potencial de captar acidentes com trabalhadores formais e informais. A informação é utilizada pelo CEREST, para a organização das ações de vigilância em saúde.

No banco de dados extraído do SIVAT e fornecido pelo CEREST Piracicaba para a realização da pesquisa, constam as seguintes informações: código da RAAT, nome completo do jovem acidentado, ano do acidente de trabalho, data do acidente de trabalho, data de nascimento e idade do trabalhador, faixa etária, empresa, descrição do Cadastro Nacional Atividade Econômica (CNAE), sexo, tipo de acidente, registro trabalhista, descrição do acidente, diagnóstico, parte do corpo atingida, causa, gravidade (da lesão, conforme classificação do serviço de saúde), se houve afastamento do trabalho e unidade de saúde do atendimento.

Foi realizada uma análise descritiva destes dados, para demonstração da dimensão do problema de pesquisa.

### **3.1.2 *Estudo Principal***

No segundo momento da investigação, foram realizadas entrevistas individuais com adolescentes que sofreram acidente de trabalho, para o estudo propriamente dito.

A entrevista, segundo Gil (2007), é uma técnica de coleta de dados, em que o pesquisador formula as perguntas, e estas são aplicadas aos sujeitos pessoalmente pelo pesquisador, com objetivo de obter dados que sejam úteis à pesquisa.

Diversas são as vantagens de se utilizar entrevista na coleta de dados em pesquisas qualitativas.

(...) Uma delas é a de favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e, por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais (FRASER; ONDIM, 2004, p.140).

Foi realizada uma entrevista piloto, com um jovem que sofreu acidente de trabalho quando era menor de 18 anos no município de Botucatu.

As entrevistas partiram de uma pergunta disparadora: Você poderia me contar como foi o acidente de trabalho e como você se sentiu? Esta pergunta foi antecedida da coleta de algumas informações para caracterização do participante, como: escolaridade; idade no momento da entrevista; com quem residia; se estudava à época do acidente de trabalho; trabalha no momento da entrevista, função e se mesmo emprego da época do acidente; se possuía registro em carteira de trabalho.

Para a seleção de casos com finalidade de convite para participação na pesquisa, considerou-se a gravidade da lesão moderada ou grave causada pelo acidente e o ano de sua ocorrência.

O estudo exploratório mostrou que vinte e cinco casos estavam dentro das condições escolhidas, conforme demonstrado no Quadro 1.

**Quadro 1 – Número de Acidentes de Trabalho Graves e Moderados com Menores de 18 anos registrados no SIVAT Piracicaba, de 2015 a maio de 2017.**

Ano de ocorrência do AT	Número de acidentes classificados graves	Número de acidentes classificados moderados	Total de ocorrências no ano
2017 (janeiro a maio)	0	1	1 pessoa
2016	2	5	7 pessoas
2015	0	17	17 pessoas

Fonte: SIVAT Piracicaba

Para a realização das entrevistas, iniciou-se o contato com os jovens trabalhadores que sofreram acidente dentro do parâmetro escolhido no ano de 2016. Buscou-se contato com os sete casos constantes no banco de dados, porém, conseguiu-se o contato com quatro deles e somente dois concordaram em participar da pesquisa. Para complementação na coleta de dados foram procurados trabalhadores cujo acidente ocorreu em anos próximos ao escolhido, visando atualidade da vivência. Assim, foram contatados adolescentes que sofreram acidente em 2015 (três contatos e duas entrevistas) e no primeiro semestre de 2017 (um convite e uma entrevista).

Para realizar os convites, a pesquisadora ligou para os adolescentes e responsáveis explicando a pesquisa, por tratar-se de menores de 18 anos, e após a explicação, era verificado

o aceite ou não para participação. Havendo aceite, era agendada a entrevista e combinado o local da mesma.

Após agendamento, a pesquisadora foi ao encontro do adolescente para realização da entrevista. Para adolescentes menores de idade, foi marcada a entrevista com a presença do responsável legal.

As entrevistas foram realizadas em Piracicaba, em locais indicados pelos participantes, tendo sido dada opção de realização no CEREST de Piracicaba, e tiveram a duração média de 50 minutos. Foram realizadas cinco entrevistas com adolescentes e analisadas quatro delas. Uma das entrevistas foi descartada, por considerar-se que a mesma carecia de informações consistentes para realização da análise.

Houve dificuldades na fase de convites aos trabalhadores, principalmente por: a) muitos dos telefones disponibilizados não resultaram em contato efetivo com o potencial participante por diversos motivos, como a pessoa não morar mais no local, telefone apenas para recado e sem retorno à pesquisadora, o número não existia. Para esta situação a pesquisadora buscou com os profissionais do CEREST, outras fontes para obter um contato mais atualizado. A opção encontrada foi acessar dados de cadastro no SUS, o que facilitou os contatos; b) recusas em participar da pesquisa, sem que fosse informado o motivo.

Após a realização das entrevistas, a pesquisadora fez a transcrição das mesmas para análise, seguindo os procedimentos éticos envolvidos na pesquisa.

### **3.2 Análise dos Dados**

A análise dos dados das entrevistas foi conduzida com amparo na proposta de Aguiar e Ozella (2006, 2013), na qual após a transcrição das entrevistas, realizam-se leituras flutuantes das falas, destacando os pré-indicadores, que são como palavras-chaves, a partir dos quais se constituem os núcleos de significação, os quais guardam relação com o objetivo da pesquisa. Os pré-indicadores compõem um significado, carregando a expressão da totalidade dos sujeitos da pesquisa, constituindo assim uma unidade de pensamento e linguagem (AGUIAR; OZELLA, 2013).

É realizada a aglutinação dos pré-indicadores por similaridade complementaridade ou contraposição, e a partir daí elabora-se e organizam-se os núcleos de significação. (AGUIAR; OZELLA, 2013). A análise realizada nesta pesquisa chegou a núcleos temáticos, sem alcançar o aprofundamento em significados e sentidos, os quais emergem da análise dos dados de entrevista.

A análise não se prendeu somente às falas, e buscou articulá-las com o contexto social, político, econômico, histórico e entre si.

### 3.3 Procedimentos Éticos

Esta pesquisa considerou os aspectos éticos de respeito pela dignidade humana, e pela especial proteção devida aos participantes da pesquisa científica envolvendo seres humanos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, está assegurado aos participantes, o sigilo de suas identidades, e as entrevistas foram realizadas em ambiente livre de pressões e constrangimentos, onde o entrevistado poderia ter se recusado a participar ou ter interrompido a sessão conforme sua vontade.

Antes das entrevistas foi entregue para adolescentes menores de idade, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Apêndice A), e ao seu responsável legal o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) para autorização da participação do menor de idade na pesquisa; para os que já eram maiores de idade, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE (Apêndice C), realizando-se a leitura conjunta dos termos com os participantes. Após a leitura, estando esclarecidos, foram coletadas as assinaturas, ficando uma via com o jovem e o responsável, quando havia, e a outra via com o pesquisador.

Esta pesquisa faz parte do Projeto Temático “Acidente de trabalho: da análise sociotécnica à construção social de mudanças”, apreciado e aprovado no COEP da Faculdade de Saúde Pública da USP, com Protocolo nº 11886113.5.0000.5421. O estudo faz parte de uma das dimensões do Projeto Temático supracitado, a saber: “Tema 3 - Atenção integral aos acidentados, adolescentes que sofreram acidentes, identificados pelo SIVAT e propor ações voltadas para a implementação de uma efetiva atenção integral a estes trabalhadores, atendidos na rede assistencial e previdenciária do município de Piracicaba; bem como estimar os gastos da rede pública com o atendimento dos agravos”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Projeto financiado pela FAPESP processo nº 2012/04721-1.

## **CAPÍTULO 4 – TRABALHO E ACIDENTE: IMPACTOS NA VIDA DOS ADOLESCENTES**

Neste capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa, em três eixos. Primeiramente uma breve apresentação do contexto da pesquisa, com o perfil socioeconômico do município de Piracicaba, e o dos acidentes de trabalho com menores de 18 anos, dados do estudo exploratório. Posteriormente, apresenta-se a análise e discussão dos dados relativos à voz dos adolescentes que passaram pela situação de acidente no trabalho, iniciando-se pela apresentação dos mesmos, com algumas informações sobre os participantes e dos acidentes de trabalho. Em seguida serão apresentados os resultados decorrentes da análise e discussão das entrevistas, organizados por núcleos temáticos.

### **4.1 Contexto dos Acidentes de Trabalho com Menores de Dezoito Anos no Município de Piracicaba**

O município de Piracicaba está localizado no interior do estado de São Paulo, a 158 km da capital, e apresenta as seguintes características: população de 364.571 pessoas, no último censo em 2010, e estimada em 397.322 pessoas para o ano de 2017, encontrando-se na 17<sup>o</sup> posição no Estado de São Paulo. A extensão territorial conta com 1.378,069 km<sup>2</sup>. A média de salário mensal era de 3,4 salários no ano de 2015 e a população total que estava ocupada, ficou em torno de 37,2%. A taxa de escolarização das pessoas com idade de 6 a 14 anos, está em 97,5% (IBGE, 2017).

Piracicaba integra os 20 municípios com a participação total do Produto Interno Bruto (PIB), com as maiores contribuições para no estado de São Paulo, passando da 16<sup>o</sup> posição em 2002, para a 12<sup>o</sup> posição em 2014, representando um aumento respectivo de 2,9% para 3,2%. Entre as principais atividades econômicas da cidade estão: produção de biocombustível, produção de veículos, máquinas e equipamentos pesados para a construção civil, produção de açúcar e álcool, agropecuária e agroindústria, fábrica de papéis reciclados (SÃO PAULO, 2017).

Além do contexto econômico, é importante a apresentação de um breve histórico sobre a implantação da Saúde do Trabalhador no município de Piracicaba, que contribui no acompanhamento de acidentes de trabalho e outras ações, com intuito da vigilância, promoção e prevenção da saúde dos trabalhadores (SÃO PAULO, 2017).

No período de 1988-1992 houve o início de implantação do Programa de Saúde do Trabalhador em Piracicaba, criando-se o Ambulatório de Saúde do Trabalhador. Devido aos poucos profissionais na época, o atendimento era basicamente individual, não permitindo realizar a vigilância nos ambientes de trabalho (VILELA, 2003).

No ano de 1995, com dois funcionários, foi possível realizar atividades de orientação aos acidentados, e que possuíam doenças do trabalho ou mesmo pelo diagnóstico clínico individual. Dois anos depois, em 1997, houve um aumento da equipe de trabalho e as ações de vigilância, prevenção e promoção da saúde começaram a ser desenvolvidas (VILELA, 2003).

A organização do serviço de Saúde do Trabalhador, se deu com o processamento das informações da CAT, por critérios epidemiológicos e no ano de 2001, pela experiência positiva do processamento das informações da CAT, implementou-se o Relatório de Atendimento dos Acidentados do Trabalho (RAAT), nas unidades públicas e privadas de atendimento, para atingir também os setores informais da economia, de forma ágil e com cobertura ampliada, passando a ser obrigatório o seu preenchimento (PIRACICABA, 2002). Com as informações obtidas da RAAT, começaram a realizar o processamento das informações e a criação do Sistema de Vigilância em Acidentes do Trabalho (SIVAT) (VILELA, 2003).

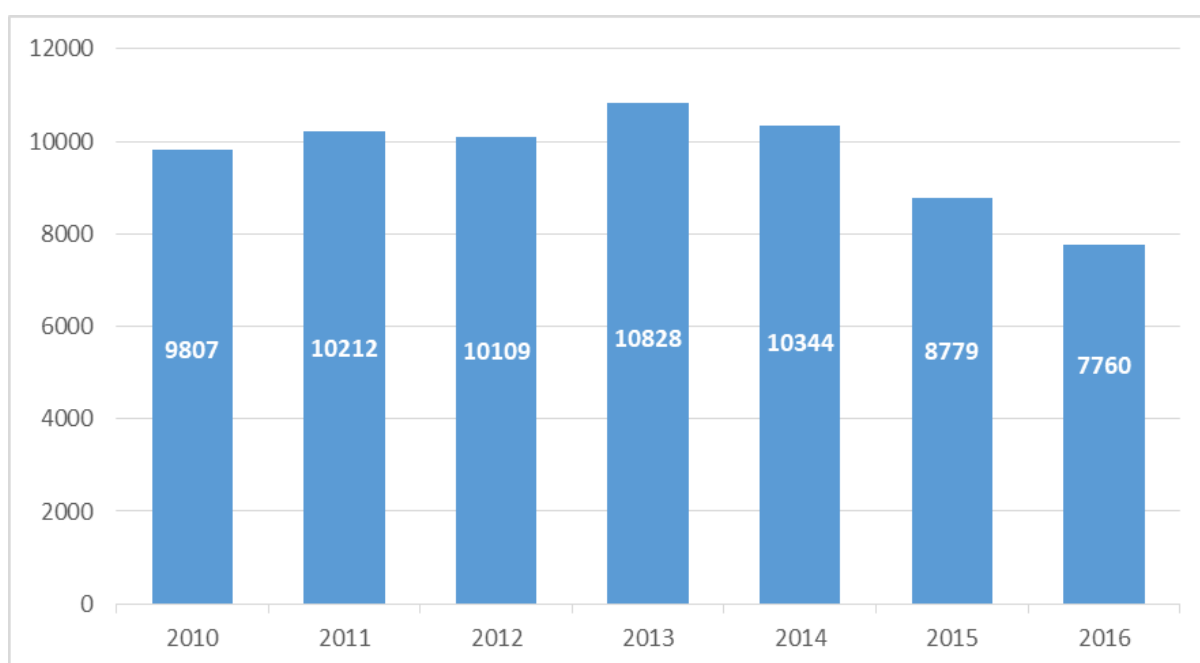
O SIVAT foi criado a partir do projeto de pesquisa “Diagnóstico e Prevenção de Acidentes de Trabalho de Piracicaba – DIATEP”. Este projeto foi desenvolvido em cooperação com diversas instituições (Prefeitura Municipal de Piracicaba, UNESP – Botucatu, UNICAMP, UNIMEP e Ministério do Trabalho e Emprego) e foi financiado pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Ministério da Saúde e sindicatos de trabalhadores da cidade. Posteriormente, o Sistema foi aprimorado no projeto “Ações interinstitucionais para o diagnóstico e prevenção de acidentes do trabalho: aprimoramento de uma proposta para a Região de Piracicaba”, também financiado pela FAPESP. Na expansão do SIVAT foi implementado o recolhimento *on-line* da RAAT. Este produto tecnológico oportunizou ações específicas em empresas com alto índice de acidentes de trabalho e possibilitou uma atuação intersetorial e interinstitucional (PIRACICABA, 2012).

No ano de 2003, o serviço de Saúde do Trabalhador foi credenciado como Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), junto ao Ministério da Saúde, passando a integrar a Rede de Atenção Integral em Saúde do Trabalhador (RENAST), e atender a uma

região de 15 municípios<sup>12</sup>, com atribuições de Vigilância, Assistência, Educação e Informação em Saúde do Trabalhador. A atuação do CEREST, desde o início, contou com parcerias do Ministério do Trabalho e Emprego, INSS, Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo, de entidades sindicais e demais entidades sociais, participantes da Comissão Municipal de Prevenção aos Acidentes do Trabalho e Doenças Relacionadas ao Trabalho (COMSEPRE) (PIRACICABA, 2009).

#### 4.1.1 Acidentes de trabalho com adolescentes no município de Piracicaba

O SIVAT Piracicaba registrou o total de 67.839 acidentes de trabalho no período de 2010 a 2016. Nos anos de 2015 e 2016 ocorreu uma redução de casos. Contudo, no período de 2011 a 2014 apresentava um número acima de 10.000 mil acidentes de trabalho por ano (Gráfico 1). Mesmo com a redução do número de acidentes de trabalho, avalia-se como um índice alto os 7.760 casos registrados no ano de 2016, confirmando-se um problema de Saúde Pública.

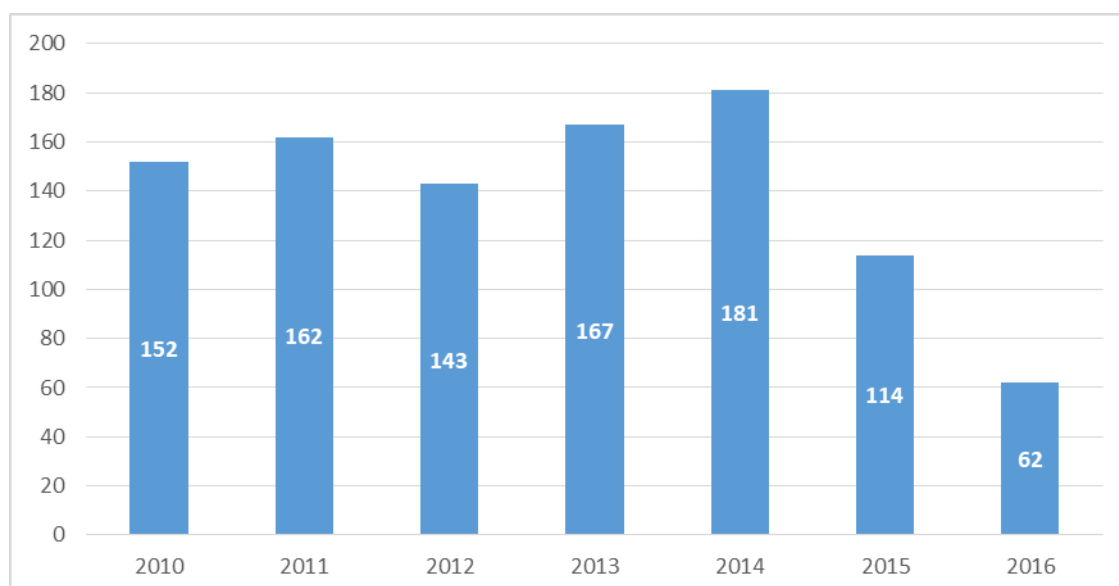


**Gráfico 1 – Acidentes de Trabalho Registrados no SIVAT Piracicaba, de 2010 a 2016.**

**Fonte:** Banco de dados CEREST Piracicaba – SIVAT

<sup>12</sup> A região do Cerest Piracicaba abrange os seguintes municípios: Piracicaba, Santa Maria da Serra, São Pedro, Águas de São Pedro, Charqueada, Saltinho, Rio das Pedras, Mombuca, Rafard, Capivari, Elias Fausto, Limeira, Iracemápolis, Cordeirópolis, Engenheiro Coelho.

Os casos de acidentes de trabalho envolvendo os adolescentes trabalhadores menores de 18 anos acompanharam a redução de casos de acidentes de trabalho totais ocorridos no município de Piracicaba, conforme demonstrado no Gráfico 2.



**Gráfico 2 – Acidentes de Trabalho com Menores de 18 anos Registrados no SIVAT Piracicaba, de 2010 a 2016.**

**Fonte:** Banco de dados CEREST Piracicaba – SIVAT

Nesse período de sete anos, os acidentes de trabalho com jovens, correspondem a 981 casos notificados e em 136 deles as lesões foram classificadas como graves e moderadas pelo serviço de saúde notificante.

Em 2016, no município de Piracicaba foram notificados 62 acidentes de trabalho com adolescentes, número bem abaixo em relação aos anos anteriores do estudo. Dentre eles, havia 20 do sexo feminino e 42 do sexo masculino, sendo que 55 possuíam registro em carteira de trabalho e 7 apresentavam outros vínculos. Os diagnósticos de agravos decorrentes destes acidentes de trabalho foram: alergia; contusão; corpo estranho; entorse; escoriações; esmagamento; ferimento corto-contuso; fratura; queimadura. A maioria destes necessitou afastamento do trabalho de 1 a 15 dias, 29 pessoas e apenas uma pessoa afastada por mais de 30 dias. Em relação à atividade econômica do empregador, a distribuição dos acidentes foi a seguinte: comércio (32); serviços (15); indústria de transformação (11); sem identificação (4).

No ano de 2015, foram 114 acidentes de trabalho com adolescentes registrados no Sistema, sendo que: 38 acidentes ocorreram com adolescentes do sexo feminino e 76 do sexo



masculino; 93 pessoas estavam com registro em carteira de trabalho, 19 estavam trabalhando com outros vínculos e dois eram autônomos. Neste ano, os agravos decorrentes do acidente de trabalho, apresentaram os seguintes diagnósticos: alergia; contusão; corpo estranho; distúrbio respiratório; entorse; escoriações; esmagamento; ferimento corto-contuso; fratura; queimadura. Os afastamentos de 1 a 15 dias foram necessários em 88 dos casos e não necessitaram de afastamento 22 adolescentes. A atividade econômica do empregador pertencia aos seguintes grupos: comércio (46); alojamento e alimentos (22); serviços (18); indústria de transformação (14); construção (7); agricultura (2); serviços públicos (1); transporte (1) e sem identificação (3).

Pode-se verificar nos dois anos de 2015 e 2016, que o setor de comércio apresentou maior número de acidentes de trabalho com jovens. Em comparação com os outros setores, infere-se que o comércio é o setor com maior oferta de oportunidade de trabalho. Quanto aos acidentes de trabalho totais, o DIEESE (2016) nos anos de 2003 e 2013, os acidentes ocorreram em maior número no setor de serviço do que da indústria.

Verificou-se a ocorrência de acidente de trabalho por mais de uma vez, pelo mesmo adolescente, no mesmo ano. Em 2010 foram sete casos de adolescentes que sofreram acidente de trabalho em mais de uma ocasião no mesmo ano, em 2011 foram três casos, e quatro casos com o mesmo jovem em 2012. Em 2016 foram constatados dois casos no mesmo ano, com intervalo de cerca de três meses e um mês entre as duas ocorrências. A recorrência de acidente de trabalho com o mesmo jovem é um dado importante, indicando condições de trabalho bastante inseguras e por se tratar de pessoas em período peculiar do desenvolvimento psíquico e físico.

Percebe-se a necessidade de intervenção pública, como ações de vigilância em saúde do trabalhador, nestes locais em que houve recorrência de acidente de trabalho com o mesmo jovem, no mesmo ano, para modificação das condições de realização das atividades. Pode ser também um indicador para realização de novos estudos que aprofundem a compreensão deste dado.

## **4.2 A Violência no Trabalho dos Adolescentes**

A análise dos dados está dividida pela apresentação dos participantes, o contexto do acidente de trabalho dos entrevistados, análise e discussão das entrevistas, a partir de dois núcleos temáticos: Acidente e Trabalho.

### 4.2.1 Caracterização dos entrevistados

Foram realizadas quatro entrevistas, sendo que dentre os participantes, três são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os participantes do sexo masculino estavam com dezessete anos quando sofreram o acidente ocupacional e a pessoa do sexo feminino possuía menos de 16 anos, todos, portanto, com idade em que é permitido o ingresso no trabalho, conforme a legislação brasileira. Na época das entrevistas, três adolescentes estavam frequentando a escola e um havia desistido. É importante salientar, que todos os jovens estavam em seu primeiro emprego quando vivenciaram o acidente de trabalho.

**Quadro 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa**

Participante (*)	Data entrevista	Idade ao AT	Data do AT	Função	Ramo de atividade empregador	Vínculo	Escolaridade	Situação familiar
Pedro	30/07/2017	17 anos	24/04/2017	Empacotador	Supermercado	CLT	Ensino Médio / Estudando	Morava com pai, a mãe e duas irmãs
Amanda	06/05/2017	15 anos	16/08/2016	Monitora recreativa	Serviços recreativos	Informal	Ensino Médio / Estudando	Morava com a mãe e o padrasto
Charlie	05/05/2017	17 anos	13/09/2016	Aprendiz Caldeiraria	Indústria metalúrgica	CLT Aprendiz	Ensino Médio / Concluído	Morava com a mãe e o pai
Fernando	28/07/2017	17 anos	04/05/2015	Aux. de Serv.Gerais	Educação Infantil	CLT	Ensino Médio / Desistente	Morava com a mãe

(\*) Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos por cada participante.

Os casos entrevistados não estavam dentre os analisados pelo Cerest de Piracicaba. Não há condições de proceder à análise de todos os acidentes pelo elevado volume de ocorrências, embora seja de responsabilidade daquele serviço, a investigação dos acidentes de trabalho graves e fatais, o que inclui os ocorridos com menores de 18 anos. Em dois, dos quatro casos, o Cerest Piracicaba realizou ação após receber a notificação: no caso do aprendiz Charlie, realização de reunião com a empresa que o contratou. O caso da Amanda foi

passado para a Comissão Municipal de Erradicação do Trabalho Infantil (COMETIL), para discussão.

Apresenta-se no Quadro 3, a caracterização dos acidentes de trabalho ocorridos com os participantes da pesquisa, conforme informações contidas no banco de dados do SIVAT Piracicaba. Os dados do SIVAT são retirados do Relatório de Atendimento ao Acidentado do Trabalho, assim, são da perspectiva de trabalhadores do serviço de saúde que preencheram o documento de notificação epidemiológica.

### Quadro 3 – Caracterização dos acidentes de trabalho ocorridos com os participantes da pesquisa

Participante	Descrição do Acidente	Diagnóstico	Parte do Corpo Atingido	Causa	Gravidade	Tempo de afastamento do trabalho	Unidade de Atendimento
Amanda	“Estava patinando e se desequilibrou vindo a cair no chão”	Fratura	Pé	Queda do mesmo nível	Grave	Mais de 30 dias	Centro de Ortopedia e Traumatologia
Charlie	“Prensou o dedo da mão em uma chapa e outra”	Fratura	Mão	Impacto contra pessoa/objeto	Grave	16 a 30 dias	Hospital Fornecedores de Cana
Fernando	“Estava arrumando ventilador quando caiu da escada”	Fratura	Membro Superior	Queda de altura	Moderado	Mais de 30 dias	Hospital Santa Casa
Pedro	Prensou a mão entre o carrinho e a prateleira	Sem informação	Mão	Impacto contra pessoa/objeto	Moderado	1 a 15 dias	Centro de Ortopedia e Traumatologia

Fonte: Dados SIVAT – Adaptação da autora

#### 4.2.2 Análise e discussão das entrevistas

A análise das entrevistas revelou que os participantes da pesquisa abordaram a sua vivência relativa ao acidente de trabalho, a partir de dois núcleos temáticos, os quais ampliam o acontecimento para aspectos de suas vidas, para além do acidente em si. Cada um destes temas foi abordado a partir de diversos aspectos: (1) **O ACIDENTE**: (1a) a **atividade**; (1b) as **causas**; (1c) os **cuidados imediatos**; (1d) as **consequências**; (1e) os **sentimentos**; (2) **O TRABALHO**: (2a) os **motivos**; (2b) as **condições**; (2c) o **futuro**; (2d) os **estudos**.

## (1) O ACIDENTE

O acidente de trabalho é abordado em cinco dimensões, a partir das quais os participantes buscam explicar o evento traumático vivenciado por eles:

- (1a) a **atividade** que estava sendo realizada no momento da ocorrência;
- (1b) as **causas** do acidente, conforme a compreensão dos jovens, destacando-se: atividade não habitual, sobrecarga e imprevisto;
- (1c) os **cuidados imediatos** recebidos pós-acidente, referindo-se aos primeiros socorros e ao atendimento em serviço de saúde;
- (1d) as **consequências** do acidente, apresentadas em três aspectos: imediatas / temporárias, de médio prazo e de longo prazo;
- (1e) os **sentimentos**, relacionados ao acontecimento, os quais geraram sofrimento: impotência, dor, medo e raiva.

### (1a) Atividade

A partir da atividade, consegue-se conhecer o contexto de trabalho no qual os jovens entrevistados estavam inseridos. Na descrição da tarefa realizada no momento do acidente, apreende-se a atividade geral e as nuances desta inserção.

Charlie foi contratado como jovem aprendiz de uma empresa, porém as suas atividades teóricas e práticas eram realizadas em uma instituição de aprendizagem industrial. Ele fala da situação sobre a tarefa que realizava quando ocorreu o acidente, descrevendo em detalhes o momento da prensagem do dedo na chapa de aço. Pode-se verificar que o envio dos aprendizes para realizar a tarefa solicitada exigia uma autorização, por não se tratar de uma atividade dentro da rotina.

*Começou, que nem, eu estava na sala, sala de aula, daí o professor ele pediu... na verdade o coordenador enviou uma solicitação para o professor enviar nós para o depósito [...] Almojarifado, é... pra nós ir para o almojarifado separar e fazer umas contagens de umas chapa, umas chapa de inox, umas chapas de aço carbono.  
[...] tava guiando, cê só guiava até chegar no trilho, na hora que cê colocasse no trilho cê podia soltar, depois que ela fosse, vamos supor, em média de 20 centímetros de comprimento... entrasse no trilho, cê podia soltar, que ela ia embora, que se empurrasse ela ia, então foi nessa hora que prendeu o dedo e não deu tempo de eu tirar, eu tirei mais o dedo ficou. Daí empurraram, foi nessa hora. [...] (Charlie)*

O jovem concorda em participar da atividade proposta, pois o professor é seu superior na hierarquia institucional e tem grande valor para o aluno. Além disso, era uma situação de trabalho, na qual os trabalhadores cumprem o que é solicitado sem muita

contestação, principalmente no caso de jovens na relação com adultos. A gestão teve influência na decisão de enviar os aprendizes para o almoxarifado, porém neste caso a segurança foi negligenciada.

Para Amalberti (2016), o papel do gestor, é cumprir sua tarefa de maneira eficiente, realizando o planejamento das atividades, ou mesmo liderar o coletivo influenciando para comportamentos seguros. O autor diz que as prioridades são geridas conforme o contexto de trabalho, e das orientações que o gestor recebe.

A atividade na situação do acidente de Amanda era de treinamento para nova recreação que a empresa estava propondo.

*Assim, nós... lá no buffet ia abrir uma pista de patinação, né, e os monitores foram chamados para, tipo, uma reunião pra que pudesse aprender, um treinamento, pra que pudesse andar no patins pra conduzir os outros convidados da festa. Aí, eu coloquei o patins certo, fui, dei uma volta, consegui, já tava pegando já o embalo do negócio. Fui dar mais uma volta, na hora que eu virei, eu meio que caí de lado, eu não consegui me apoiar com as mãos e meu pé acabou ficando, só depois que ele foi, e acabou quebrando [...]. (Amanda)*

A empresa ao introduzir uma atividade nova, se dispôs a fazer o treinamento, com a intenção de aprendizagem dos monitores, sem, contudo, tomar medidas preventivas quanto à segurança dos mesmos. Toda atividade para a qual não se tenha experiência pode oferecer maior risco ao trabalhador.

O empregador de Amanda destaca-se em relação a outros, que não se preocupam, nem mesmo, com o treinamento de seus trabalhadores. Nagai et al. (2007), em pesquisa realizada com estudantes de ensino médio para verificar os conhecimentos e práticas na prevenção de acidentes, relatam que, segundo os jovens, os acidentes acontecem pela falta de treinamento no trabalho, geralmente são ensinados por trabalhadores mais experientes e depois de um período de observação são colocados na produção.

A capacitação para o trabalho mostra-se elemento fundamental na prática do trabalhador, ainda que, o treinamento não garanta proteção a ele. Porém, os treinamentos para trabalhos sem muitas exigências são escassos, principalmente para jovens que estão em início de trabalho (SANTOS et al., 2009). Como temos um grande contingente de adolescentes inseridos no mercado de trabalho hoje, realizando diversas atividades, com variados tipos de contrato, não seria possível de imediato, extinguir o trabalho para esta população. Mas, ao menos, poderiam existir políticas para favorecer treinamento adequado para os jovens, em trabalhos não precários, que proporcionem o desenvolvimento psíquico dos adolescentes trabalhadores.

Pelo fato de as empresas possuírem características que visam suprir, em primeira instância, a demanda do cliente, prezando a qualidade, atendimento, cumprimento de prazos, elas necessitam adaptar-se às novas exigências do mercado (flexibilização). A adaptação é repassada para os trabalhadores, com exigência de adequação para essa flexibilização do mercado, devido às mudanças constantes nos processos produtivos (PEDROSO, 2007), ou seja, os trabalhadores devem ser capazes de aprender rápido, para se manterem no mercado de trabalho.

Em processo de aprendizagem profissional, os jovens foram colocados em atividades com um nível de exigências não adequado para as capacidades, e com responsabilidade muitas vezes exigidas para adultos experientes, sem que houvesse nenhuma distinção. Para Oliveira e Robazzi (2001), permanece a ideologia permeando o trabalho importante para qualquer um, independente se é penoso, perigoso, insalubre. Desconsidera quem pode trabalhar, ou quem não deveria trabalhar.

Pedro realizava atividade fora de sua rotina diária, quando ocorreu o acidente. A tarefa era em outro setor e outra função, a de repositor de mercadorias.

*[...] Eu tava indo para o depósito, que eles pediram pra ajudar na mercearia. Peguei um carrinho de limpeza [carrinho com produtos de limpeza para abastecimento de prateleiras], que é um carrinho grande, cheio de coisa sabe? [...] daí eu fui encostando ele de lado, assim que eu encostei ele de lado... prateleira bem no cantinho pegou no meu dedo e o carrinho prensou minha mão. (Pedro)*

Fernando era contratado como ajudante de serviços gerais, e no dia do acidente estava em uma atividade nova, realizando limpeza em cima de uma escada, atividade designada a ele para poupar as mulheres.

*Eu tava limpando o ventilador. [...] Eu estava limpando, aí eu estava subindo a escada, aí não sei muito bem o que aconteceu, só sei que a escada tombou comigo, aí eu caí e quebrei o pulso.  
[...] Aí, como as mulheres já é mais difícil [...] estar limpando ventilador, que dá mais trabalho ficar subindo em escada essas coisa, aí cabia a mim ficar limpando esses ventilador. Aí eles pediam pra mim limpar ventilador a cada alguns meses [...] Aí foi logo no início, acho que eu tinha um mês de trabalho. (Fernando)*

Silveira (2003), em sua pesquisa constatou que as principais ocupações de crianças e jovens acidentados no trabalho, atendidos na Unidade de Saúde no município de Ribeirão Preto nos anos de 2001 e 2002, eram as seguintes: auxiliares (de padaria, zeladoria, almoxarifado, oficina, serigrafia) com 12,4%; empacotador de alimentos em supermercado,

com 10,7%; serviços gerais com 10,7%; dentre outras com menor ocorrência, porém não menos importantes pelo trauma.

Estas funções são predominantemente de carga fisiológica, levando a desgaste físico, o que pode estar contido na gênese da ocorrência de acidentes de trabalho, além do que, a elevada demanda de carga física, traz prejuízos para pessoas em fase de desenvolvimento, pois eles não apresentam estrutura totalmente desenvolvidas, como os adultos, para suportar altas demandas, como as de determinadas funções. A carga física é a característica mais aparente, contudo o desgaste mental gerado por fatores organizacionais e das relações, estão sempre presentes, atuando num todo integrado e complexo para a pessoa.

Costa et al. (2012), apontam que entre estudantes trabalhadores do ensino médio, as funções braçais e domésticas eram de 43,6%, consideradas atividades que não exigem nenhuma capacitação, sendo profissões nas quais se utiliza excessiva força física, o que eleva o risco de acidentes e sem possibilidade de melhoria futura, além de ser de baixa remuneração. O mesmo estudo aponta que 23% dos jovens sofreram acidente de trabalho, uma taxa considerada alta pelos autores, visto que pessoas nesta fase da vida deveriam ter atividades voltadas para o desenvolvimento.

Existiu uma grande variabilidade de tarefas, sem que houvesse tempo para apreensão, com profundidade de seu conteúdo. Além disso, há que se considerar que tais atividades não ofereciam uma condição adequada de aprendizagem, que trouxesse oportunidade de desenvolvimento pessoal ou de habilidades e competências, para aprimoramento e possível trabalho melhor no futuro.

A atividade dos jovens entrevistados, portanto, não contribui para o seu desenvolvimento, o qual, conforme discutido no segundo capítulo depende do percurso da vida e é determinada pelas condições de vida (LEONTIEV, 2004), principalmente por não estimular o processo da imaginação e criatividade, fundamentais para a formação do pensamento abstrato, necessário à formação de conceitos (VIGOSTSKI, 2014).

Do ponto de vista de Sochaczewski (2016), desde o início do capitalismo eram utilizadas diversas frentes de mão de obra de trabalho com crianças, adolescentes, mulheres e homens, para legitimar o processo de trabalho da exploração capitalista. Nos dias atuais, são utilizadas essas mesmas formas de mão de obra, porém algumas são ainda ilegais. Outras foram legalizadas, como no caso dos adolescentes a partir de 16 ou 14 anos, quando estão na condição de aprendiz, atribuindo a isso, o trabalho protegido para esta população. A legalização pode ser um sintoma mascarado para uma exploração “legalizada” em alguns casos, já que a visão capitalista dá os seus “jeitos” para dizer que estão dando uma

oportunidade de trabalho, dos mais jovens adquirir experiência. Essas oportunidades são oferecidas de qualquer modo, com uma única finalidade: adquirir mão de obra com menor custo e obter maior lucro.

É o que trata Barreto e Heloani (2015), quando comentam que a globalização veio para aumentar o lucro das empresas, e com isso veio também, a competição do mercado. Com certeza essa competição para manter-se no mercado, reflete nos trabalhadores, em suas atividades, ou melhor, nas diversas atividades a que são submetidos.

### **(1b) Causas**

Apesar de a análise dos acidentes não ser objeto deste estudo, os participantes, em suas entrevistas, abordaram elementos que poderiam estar na origem do acidente, demonstrando sua busca no sentido de compreender a ocorrência.

Percebe-se a variação de fatores no dia do acidente. A atividade realizada não era a que costumavam fazer no dia a dia, o material para realização do trabalho não era adequado, o ritmo de trabalho, o cansaço e outros fatores, podem estar na gênese da ocorrência, já que o acidente de trabalho é multicausal, e somente uma análise mais detalhada, poderia determinar as causas do acidente.

Binder e Almeida (1997) consideram que o indivíduo contribui inexpressivamente para a ocorrência do acidente. Os maiores pesos são para o quesito tarefa, e o componente material é o segundo aspecto na sequência com maior índice no desencadeamento do acidente de trabalho. Para os autores as causas dos acidentes teriam melhor explicação, se fossem verificadas as origens latentes e ou incubadas.

#### **✓ Atividade não habitual**

No caso dos jovens entrevistados, a atividade não habitual, parece ter contribuído para a ocorrência do acidente de trabalho. Todos os entrevistados realizavam atividades fora da rotina de trabalho, na ocorrência do acidente de trabalho. As atividades não habituais relatadas pelos jovens consistiam em: treinamento para nova atividade proposta pela empresa; atividade em outro setor, realizada pela primeira vez; realização pela primeira vez de atividade esporádica; e atividade de outra função, realizada em alternância com a atividade regular.

Amanda foi chamada pela empresa, para participar de um treinamento, na implementação de uma atividade nova, abrindo mais uma atração para os clientes.



[...] lá no buffet ia abrir uma pista de patinação né, e os monitores foram chamados para tipo uma reunião, pra que pudesse aprender, um treinamento, pra que pudesse andar no patins pra conduzir os outros convidados da festa. [...]. (Amanda)

A jovem Amanda está em situação de trabalho informal e sofreu o acidente enquanto estava recebendo treinamento. Ela afirmou que não tinha experiência de andar de patins. Comentou com os colegas de trabalho que achava a tarefa perigosa e mesmo assim participou do treinamento.

*Eles falaram que a gente ia pegar o jeito de andar certinho que não ia acontecer nada e tal, entendeu? Eu falei que eu não sabia andar, que eu achava que era meio perigoso.* [...]. Não, para os responsáveis não, eu falo entre os próprios monitores [...]. (Amanda)

Charlie relata que a atividade solicitada para fazerem, foi para ajudar a empresa, fora do contexto do qual estavam habituados, outro setor e realizada pela primeira vez.

*Na verdade, isso foi uma atividade a parte.* [...] *isso daí na verdade foi que nem um trabalho... chamamos de trabalho industrial que é aquilo que propaga em ajudar a empresa,* [...] *não é só uma escola é uma empresa, então foi um serviço industrial que nós fez para melhoras no ambiente de trabalho nosso [...]* *Quem é responsável no almoxarifado é a zeladoria,* que são um pessoal terceirizado, [...] *e como que esse serviço não estava no alcance da zeladoria devido, muito excesso de serviço pra eles, daí o coordenador passou para o professor pedindo pra ele se nós podia fazer isso, essa atividade industrial* para o melhoramento do almoxarifado, do ambiente de trabalho nosso ali [...]. (Charlie)

Fernando havia sido contratado há pouco tempo e logo no início da atividade, solicitaram para limpar de tempos em tempos os ventiladores. Não tinha experiência anterior de trabalho.

[...] *Aí eles pediam pra mim limpar ventilador a cada alguns meses.* [...] *Aí, no início do trabalho eu fui limpar o ventilador, aí eu caí.* (Fernando)

Pedro chegou ao trabalho e foi diretamente para o setor para o qual foi contratado. Quando há pouco serviço naquele setor, a empresa solicita que faça outra atividade. Neste caso, ele supria a demanda de outra área da empresa e revezava com a atividade habitual.

[...] *cheguei no caixa e fiquei,* daí sempre quando a gente chega e não tem nada pra fazer no caixa, assim sabe, *eles manda pra mercearia, daí eles mandaram pra mercearia* [...] *mandaram um corredor fixo pra eu ficar sabe,* a tarde inteira, [...] *daí eu "tá bom". Eu tava [...]* *abastecendo lá,* daí chegou *um outro do pacote e falou que eu tinha que ir lá, porque tava apertado,* que a encarregada mandou eu ir lá, e eu tava fazendo o meu serviço, *eu não posso deixar agora, né, aqui tudo..., tava um monte de papelão... no meio do caminho, daí que eu fui com pressa, eu fui pegar o outro carrinho lá e voltei, daí que prendeu.* (Pedro)

A prática da empresa empregadora de Pedro é comum. Segundo Antunes e Praun (2015), a divisão internacional do trabalho, acarretou em novas modalidades de organização do trabalho, que geram maiores danos à saúde dos trabalhadores, tais como: multifunção, polivalência, equipes de trabalho sem dependência, e a prática da pressão psicológica, através da submissão de realização das tarefas.

Os entrevistados estavam em atividades diversas daquelas habituais e a experiência seria um fator de proteção no trabalho, e a sua falta agregou risco para que o acidente de trabalho acontecesse. A atividade nova, com materiais e pessoas que também não tem a experiência, prejudica a colaboração e a cooperação entre os trabalhadores.

Dejours (2004), afirma que a inteligência singular perde o poder de fortalecimento das diferentes formas de saber-fazer, habilidade e técnica pessoal, acarretando em diferentes formas de realizar o trabalho, em consonância o risco transforma-se em desestabilização da coesão do coletivo no trabalho.

Na situação do acidente de Charlie, todos os jovens estavam desempenhando uma atividade fora do âmbito de suas atribuições, cobrindo mão de obra faltante, pois os responsáveis do local não estavam dando conta da demanda de trabalho. Charlie tem um contrato de aprendiz e, nesta situação, a atividade deveria ser de aprendizagem e não de atendimento às necessidades imediatas da escola. Mas, ele demonstrou ter noção de que naquela situação, houve a utilização indevida da força de trabalho dos aprendizes.

*[...] o serviço ali era da zeladoria cuidar, então, quem tinha que cuidar era eles, eu não podia tá ali. Por mais que nós recebemos ordem, nós não poderia tá ali, por causa que isso era um serviço da zeladoria. É... dependendo que eles não tenham tempo, uma hora que eles tiver tempo, eles, agora... eles tem que fazer, quando eles tiver tempo, uma hora ou outra eles vão ter que fazer. (Charlie)*

No ECA são colocadas algumas condições para o trabalho de adolescentes, não sendo permitido o trabalho perigoso, insalubre e penoso, os quais causam danos ao trabalhador, e locais que sejam antagônicos à formação e ao desenvolvimento físico, psíquico, moral e social (BRASIL, 1990a). Contudo, as empresas desconsideram a lei e colocam em risco os adolescentes em formação, a favor de suas demandas. A falta de penalidade para as empresas, ou as penalidades brandas, seria uma das explicações nas omissões das normas de segurança ou gestão dos riscos. A intenção das empresas é a continuidade da produção, por isso a prevenção ou a gestão dos riscos, acontece, de maneira geral, somente após a ocorrência de acidente. Muitas vezes a empresa considera que o custo de um acidente pode

ser menor que o custo de prevenção. Contudo, o investimento em prevenção beneficiaria o conjunto de trabalhadores, o coletivo.

As atividades realizadas pelos jovens entrevistados, de baixa carga cognitiva, facilitam a multitarefa ou multifunção, e este foi um dos motivos para alguns estarem realizando atividade não habitual, no momento do acidente de trabalho. Essa homogeneização das funções de trabalho, de pessoa faz-tudo, abarca competição entre os trabalhadores, enfraquecendo os acordos coletivos, permitindo a redução do número de funcionários, ou mesmo de setores de trabalho, visto que qualquer pessoa pode realizar as tarefas, responsabilizando-se por diversas funções, ou seja, multifunção (LIMA; BARROS; AQUINO, 2013; CARVALHO; MARTINS, 2013).

As empresas exigem dos trabalhadores a realização dessas várias tarefas, não somente aquela função específica acordada no contrato. Este tipo de situação é responsável pela redução de custo de mão de obra por parte das empresas, a favor do acúmulo de capital. Muitos acabam sofrendo com esta situação: a sociedade com perda de empregos, os trabalhadores pela sobrecarga de trabalho, ritmo aumentado, tempo reduzido para dar conta do trabalho, aumentando o risco à saúde e a ocorrência de acidentes.

Os jovens pesquisados não criticaram a quantidade de atividades, em consonância com os resultados de pesquisa realizada por Lachtim e Soares (2011), na qual não foram destacadas muitas críticas dos jovens ao modelo de organização do trabalho, sobre a exigência de os trabalhadores serem polivalentes, pois o movimento se propaga em possuir qualificação, para não cair em desatualização, para não se tornarem descartáveis.

### ✓ Sobrecarga

A sobrecarga no trabalho pode estar na gênese do acidente de trabalho, e pode ser em relação à quantidade de tarefas ou repetição necessária na realização de uma atividade, ou mesmo carregamento de peso. Este aspecto está presente na fala de todos os participantes do sexo masculino, como veremos.

Charlie e os colegas usaram estratégia para realizar a atividade, e mesmo revezando através de rodízio, o cansaço estava presente.

Fernando fala que eram muitos ventiladores para limpar.

*[...] daí eu peguei, daí chegou no meu rodízio de ficar guiando chapa, devido ao cansaço, na hora ali aí todo mundo fazendo, fazendo, ninguém na verdade... tava cansado né, mas ninguém queria demonstrar, daí eu fui pra guiar [...]. (Charlie)*

*Tanto de subir escada, essas coisas, eu não ligava, eu não gostava muito, que era ventilador pra caramba né, imagina limpar tudo isso aí, pelo amor de Deus [...]. (Fernando)*

Para Bezerra (2011), existem alguns fatores que causam prejuízo à saúde dos trabalhadores infanto-juvenis, um deles é pelo excesso de carga física. O autor afirma ainda, que as consequências para os adolescentes, podem ser a curto ou em longo prazo, variando de acordo com a atividade e por determinadas condições, não favorecendo o desenvolvimento pessoal. A sobrecarga é apenas um dos muitos elementos envolvidos no processo de trabalho, que podem inviabilizar o crescimento pessoal dos adolescentes que trabalham.

Charlie e todos os adolescentes aprendizes foram solicitados para a atividade de organizar as chapas, conforme espessura e tamanho. A quantidade para uma tarde de trabalho era grande. Iniciaram a atividade com as chapas de menor espessura e quando foram pegar a de maior espessura já se encontravam cansados.

*[...] deparamos com vários pallets de chapa [...] tinha mais ou menos, em média, umas 500 chapas de várias espessuras [...]. Nós tava em 9 pessoas. [...] colocamos em média de umas 80 chapa dessa, daí devido ao cansaço, cansaço assim físico nosso, daí nós ia fazendo um rodízio, trocando, daí teve uma hora que acabou as 80 chapas [...], fomos pegar a de espessura maior,  $\frac{3}{8}$  que era se eu não me engano 3 metros por, 3 metros por 1,50 de altura,  $\frac{3}{8}$  de espessura e pesando em média 120 quilos cada uma. (Charlie)*

Conforme apontam alguns autores, um dos riscos ocupacionais para crianças e adolescentes é o desgaste físico e mental, causando estresse emocional e exaustão corporal (ASMUS et al., 1996; MINAYO-GOMEZ; MEIRELES, 1997).

As consequências do desgaste físico verificado por Barata et al. (2000), são a existência de maior desatenção, redução do reflexo e também redução da capacidade de enfrentamento de situações potencialmente inseguras, induzindo à ocorrência de diferentes agravos entre trabalhadores com desgaste físico e/ou mental.

Na visão de Charlie, a quantidade de chapas não inviabilizava a finalização no mesmo dia.

*Não, era só nesse dia mesmo. Era uma atividade que dava tempo de fazer num dia mesmo porque... por mais que seja um número meio grande de chapa era uma coisa rápida. (Charlie)*

Como afirma Cardoso (2013), a intensidade do tempo de trabalho, é entendida a partir do conhecimento exigido do posto de trabalho, quais as capacidades e possibilidades de atuação e resposta dos trabalhadores no ambiente que está inserido, entendido de forma ampliada, do panorama macro. Para o autor, as exigências de uma carga de trabalho elevada,

fazem com que aumente a pressão ou as necessidades, devendo-se conhecer a vivência do trabalhador, carga de trabalho e o contexto no período e local estabelecido.

Pedro reforça em sua fala o peso do carrinho com que trabalha.

*[...] eu tive que empurrar o carrinho de volta, que ele é pesado, ele não volta [...]. Nossa, ele é. Ainda mais que é produto de limpeza né, ele pesa mais o carrinho. [...] Nossa [expressão de ser algo muito pesado]. [...] acho que é duas vezes o seu peso [risos]. É pesado. É muito peso. [...] A gente costuma pegar todo dia esse carrinho. (Pedro)*

A sobrecarga de trabalho é muitas vezes suportada para garantir a permanência no emprego, mas pode envolver também, questões culturais, como a naturalização do desgaste no trabalho, bem como o estereótipo social, de que os homens têm que ser fortes e resistentes, sem demonstrar suas fraquezas.

Segundo Dejours (2004), o homem encobre o medo para convencer os companheiros a passar pelos mesmos riscos, e essa demonstração de coragem encontra na defesa, quando compartilhada pelos colegas de forma coletiva, a interrupção do medo e do sofrimento no trabalho. De acordo com o autor, entre os trabalhadores há a ideia de que aguentar o sofrimento calado é ser forte, e se a pessoa não consegue aguentar a pressão, ou é considerado mulher ou um fraco.

Amanda expressa a noção do risco que estava correndo, ao participar da atividade. Mas, ainda por questões de relacionamento com a empresa e a curiosidade pertencente à fase de transição, participou do treinamento. A jovem não se opôs em realizar a atividade, motivada pelo medo de gerar instabilidade na relação com seu empregador.

*É, assim, eu não queria que tivesse acontecido, sabe? Por mim, se eu não precisasse ter colocado o patins eu não teria feito aquilo, porque colocar o patins e andar já é uma coisa perigosa, a gente sabe disso né? (AMANDA)*

Este fator também causa desgaste mental por gerar ansiedade, já que comentou com colegas que achava perigoso. Fez uma atividade a pedido da empresa, faz ou corre o risco de ter conseqüências, como punição ou ser dispensada do trabalho.

### ✓ **Imprevisto**

A análise das entrevistas mostrou que os jovens trabalhadores, consideram o acidente de trabalho como um imprevisto, situação que não poderia ser evitada.

*Ah, porque o carrinho, conforme ele veio assim pra cima de mim, não tinha o que fazer né [...]. (Pedro)*  
*Ah, me senti meio que impotente né, porque eu não podia fazer nada em relação a aquilo. (Amanda)*

[...] não tinha o que fazer, tinha acontecido já. Foi um imprevisto, não tem o que fazer. (Charlie)

A falta de experiência laboral faz com que os jovens vejam o evento do acidente de trabalho como desfecho, sem que pudesse existir alternativas para a prevenção. Eles não fizeram nenhum apontamento sobre riscos envolvidos nas atividades, nem barreiras de prevenção automáticas ou mesmo técnicas. Mattos e Chaves (2010) têm o entendimento de que o jovem se depara com uma realidade hostil da inserção laboral, pelas práticas de trabalho diárias, que não acompanham a necessidade de desenvolvimento dos adolescentes. Dessa forma, o jovem é esquecido. Sozinho, enfrenta os riscos presentes no seu cotidiano.

Charlie não consegue pensar de forma ampliada, demonstra uma visão estreita, para associar todos os fatores que são envolvidos em um acidente de trabalho.

*É uma coisa que não tem como, que não tinha como, você não sabia que podia acontecer, então, não tinha um imprevisto, se não tinha previsto, que nem, que ia acontecer, cê não ia saber se ia acontecer ou não, então, foi uma coisa que simplesmente aconteceu né, foi um imprevisto, na hora assim, aconteceu, surgiu assim. (Charlie)*

Para Fernando, a ideia do evento é de um acontecimento muito rápido, algo do momento, também não levando em conta todos os fatores presentes no contexto da atividade.

[...] *É porque na hora a gente nem vê, mano tipo, quando a gente vai ver a gente já caiu. É... eu sei que eu tava em cima da escada, aí eu tava segurando o ventilador e limpando, aí quando eu fui ver eu caí. Entende?* (Fernando)

Bernardo (2009) ao afirmar que o sistema produtivo tem exigência de pessoas dinâmicas e dispostas a fazer qualquer tipo de atividade também afirma que muitos jovens possuem esse perfil colocado por esses atuais modelos de organização de trabalho. Então, mesmo se tratando de grandes empresas, essa exigência se reflete nas demais cadeias produtivas. O fato que é a naturalização da condição precária de trabalho é inconcebível sob o olhar da segurança.

A experiência faz grande diferença nas condições de trabalho, conforme apontam Pereira, Mendes e Moraes (2017), confirmando que os operadores experientes conhecem algumas variabilidades do trabalho, conseguindo lidar com imprevistos, sabendo resolver situações de forma estratégica para normalizar as operações e fatores ligados à história. O passado torna-se presente para confrontar as novidades. Já no caso dos novatos ou sem experiência, acaba gerando desconforto por não possuírem a competência de uma pessoa com domínio da situação.

Toda atividade, por mais simples que possa parecer, necessita de uma pessoa com capacidade de resolução, ou seja, quanto mais conhecimento e experiência, mais saberá lidar com antecipação de um risco, com imprevistos. Partindo do entendimento de que o desenvolvimento psicológico é mais completo em adultos, que possuem maior nível de experiência acumulada, isso contribui, por vezes, para o afastamento de um acidente de trabalho; os adolescentes estão menos preparados do ponto de vista de maturação psicológica, para enfrentamento de situações inesperadas.

A afirmação de Porto (2000), ao falar que no Brasil a implementação de gestão dos riscos ainda é inconstante, e que as decisões para evitar acidentes ocorrem apenas após uma ocorrência, é realidade também constatada nesta pesquisa. O autor também coloca, que a culpabilização da vítima através do ato inseguro, é usado como explicação para os acidentes. Quanto a esta situação, na fala de alguns jovens entrevistados, é possível verificar, sem tanta objetividade, que talvez eles pudessem ter feito algo para evitar, como se a responsabilidade tivesse que partir deles.

### **(1c) Cuidados Imediatos**

Os cuidados, e em alguns dos casos, o não cuidado, referem-se ao atendimento recebido no instante seguinte ao acidente, na empresa, e posteriormente no serviço de saúde.

#### **✓ Primeiros cuidados**

Nos casos em que houve o primeiro socorro, este atendimento foi prestado por funcionários presentes no local de trabalho, que auxiliaram a vítima acidentada. Houve situações de não cuidado, em que o jovem acidentado tomou providências imediatas para amenizar a dor ou cuidados com a lesão, às vezes orientado por adultos.

O participante Charlie ficou sem reação pela situação traumática vivenciada, por este motivo, seguiu comandos de orientação para saber a quem recorrer e o que fazer.

*Tirei a luva e do jeito que eu tirei a luva assim, aí começou a escorrer sangue na mão, aí eu olhei assim, tinha o osso já tava pra cima, com fratura exposta, né. Daí ele pegou e falou assim [colega aprendiz], pra eu correr lá que não podia ficar assim, daí chamou o professor, daí o professor pegou e mandou eu descer lá na coordenação [...]. (Charlie)*

*[...] você tem os primeiros atendimentos ali no local mesmo, na escola. É... primeiros socorros, ver o que aconteceu, se é uma coisa que dá para resolver ali, antes de levar para o hospital. Daí eu cheguei lá né, na sala da coordenadora, [...] fiz a lavagem, daí na hora eu lavei tudo assim com álcool em gel, com água corrente. Primeiro, daí eu passei álcool, daí eu não tava sentindo ainda, né, tava amortecido, né, eu peguei lavei com álcool e*

*esfreguei assim, aí o coordenadora falou que era pra mim colocar uma gaze que nós ia para o hospital. Daí eu fui para o hospital. (Charlie)*

Fernando e Amanda foram socorridos prontamente pela empresa. As empresas optaram por levá-los imediatamente para o hospital, com meios próprios, provavelmente por precaução, preocupação com a situação dos jovens.

*[...] E eu fiquei parada, no chão. Aí o pessoal veio na minha direção, aí, eles perguntaram o que aconteceu, tal, aí eu falei que eu tinha caído e que eu não tava conseguindo me mexer. Aí eles foram aos poucos tirando o equipamento, sabe, o capacete, a luva que tem que usar, a tornozeleira, aí pra virar o pé eles tiveram que virar bem devagarzinho tal, pra abrir e poder tirar o patins, se não... Aí depois, até chamar a ambulância ia demorar muito e tava inchado já e roxo. Aí o moço lá do buffet, um dos responsáveis ele me carregou até o carro dele e me levou pra... pro lugar, pro hospital lá. (Amanda)*

*Tipo, caí, aí as mães já veio socorrer eu lá, tal, aí elas perguntou se eu conseguia levantar, aí eu fui tentar, sei lá, parece que meu braço estava pesado, pesado, pesado. Aí eu falei acho que não. Aí decidiram ligar pra ambulância, a ambulância começou a demorar, aí a mulher mesmo me levou de carro, entendeu? (Fernando)*

A circunstância de Pedro foi de não atendimento, ele não apresentava nenhuma lesão aparente, relata que a queixa foi tratada com indiferença no primeiro pedido de ajuda. Diante dessa situação, viu o gerente e fez a queixa para ele, quando então, foi orientado a fazer medida paliativa, que não resolveu. O jovem continuou até o fim do expediente trabalhando, sem conseguir movimentar a mão normalmente e sentindo dor.

*Daí eu falei com o meu amigo que tava doendo, [...] menino que comanda lá sabe? Daí ele falou assim que... que “logo passa”, “não foi nada”, daí eu falei “tá bom”, daí eu peguei empurrei o carrinho de volta e fui voltar para o pacote [...] ...daí eu cheguei lá eu vi o gerente né, o gerente viu minha mão assim e falou “ah enfia a mão debaixo do... ali do... do freezer ali, daí fica com a mão um pouquinho ali, daí vê se para a dor, daí pode né, amortecer a dor daí, daí eu fui lá e fiquei e daí parou um pouco, assim, mais inchou a mão daí, mas mesmo assim eu fazia assim [movimentando para mostrar a dor] doía a mão. (Pedro)*

Em estudo realizado por Santana et al. (2007), na condição de acidentados, metade dos casos relatou ter recebido os primeiros atendimentos imediatamente após o acidente. O acidente de trabalho, em muitos casos, gera traumas físicos e/ou psicológicos e pode deixar sequelas. Assim, é fundamental o atendimento imediato e adequado.

Para alguns dos adolescentes entrevistados, foi constatado um atendimento precário da instituição empregadora, não oferecendo a atenção devida, em uma situação em que houve uma lesão grave, com um jovem trabalhador. É muito importante que o



atendimento adequado seja oferecido à vítima de um acidente de trabalho, sobretudo tratando-se de adolescentes, visto ser experiência traumática, mesmo que não ocorra lesão grave. Trata-se de uma violência pelo risco de incapacidade temporária, permanente ou mesmo a morte que pode gerar, como aponta Santos et. al (2009).

No ECA está previsto a garantia de proteção e socorro em qualquer circunstância, assim como respeito à dignidade (BRASIL, 1990a). É previsto, além disso, que o cuidado deve ser sem o uso de tratamento cruel ou degradante, caracterizados pela humilhação, ridicularização, sofrimento físico ou lesão (BRASIL, 2014). Ao que tudo indica, os direitos pelo cuidado nesta situação não corresponderam ao que o jovem tem direito, ocorrendo o descumprimento da legislação.

#### ✓ **Atendimento em serviço de saúde**

Todos os entrevistados passaram por um serviço de saúde devido ao acidente, manifestando incapacidade temporária para o trabalho.

O jovem Pedro teve a queixa ignorada pela empresa, continuou seu trabalho até o fim do expediente, mesmo com dor, e somente após o término do horário de trabalho fez contato com o seu pai, que o levou para o hospital. Durante o atendimento médico, foi encontrada uma lesão interna.

*[...] fui com o meu pai, meu pai me levou. [...] Ah, daí eu falei para o meu pai: - Pai eu machuquei! [...] Daí eu fui lá, cheguei no COT [nome do hospital], o médico tirou Raio X, não quebrou nada, mas ele viu que deu um rasgo bem na minha veia, sabe, não sei que... [...] É por dentro, ele enxergou, foi por dentro daí [...]. (Pedro)*

Amanda, devido à lesão, enfrentou um processo tenso e cansativo. Passou por dois procedimentos cirúrgicos e teve que retornar algumas vezes ao hospital para fazer acompanhamento.

*[...] O médico veio, tirou raio-x, viu que tava quebrado, enfaiçou, pra ver se voltava no lugar o osso, porque tinha afastado. Aí, depois de uma semana eu peguei, voltei lá, falou que não teve jeito, que o osso não ia voltar mais. [...] Depois que ele falou isso, ele ainda tirou mais raio-x pra confirmar. Aí, ele falou que não tinha jeito, que ia ter que esperar uma vaga, que é SUS né, o convênio é o SUS. [...]. Pra fazer cirurgia. Aí eu fiquei internada nesse hospital de quarta até sábado, mais ou menos, depois eu fui pra outro hospital que tinha vaga pra fazer a cirurgia. [...] Aí, depois no final do ano, que isso foi em que? Outubro, setembro, mais ou menos, aí, no final do ano, em dezembro, eu tive que fazer outra cirurgia pra retirar um dos pinos, né que tava..., que não ia ser mais necessário, aí eu fiquei mais 2, 3 semanas. (Amanda)*

Fernando também comenta do percurso que fez no serviço de saúde, necessário para a sua recuperação, mas teve um processo desgastante.

[...]. *Quebrou, aí eles pegou, tentaram colocar no lugar e engessaram, só que daí não ficou bom. Aí, tentar mais uma vez, tentaram colocar no lugar, engessaram, mesmo assim não ficou bom, aí tive que fazer cirurgia. Aí eles colocaram dois ferros cada, meio que cruzado aqui* [mostrando o pulso, o local onde colocaram os ferros], *engessou de novo, aí depois de um tempo tirei o gesso, eles tiraram o ferro, fiz fisioterapia, de boa.* [...]. (Fernando)

Santana et al. (2007), verificaram em seu estudo que 47,6% dos acidentados do trabalho, foram encaminhados para o atendimento médico em hospital. É importante que as empresas criem mecanismos mais eficientes de atendimento às vítimas, a fim de agilizar o cuidado necessário. Na presente pesquisa, todos os adolescentes foram encaminhados para atendimento hospitalar. A mobilização da rede para atendimento destes casos é fundamental para a saúde das vítimas.

A situação de acidente de trabalho torna o jovem mais vulnerável. Diante disto, indica-se maior atenção no atendimento aos jovens que sofreram agravos no ambiente de trabalho. Sobre os cuidados da empresa para com a vítima após o acidente ocupacional, a literatura ainda é reduzida.

Segundo Bastos (2011), o acompanhamento pós-acidente de trabalho, merece atenção por afetar a saúde mental, ao atingir os campos subjetivo, individual e das relações afetivas e sociais. O autor aponta que os impactos para a pessoa, devem ser motivo de demanda de suporte da esfera pública, comunidade, empregador e também para a família, que necessita de reorganização, pois às vezes não está preparada com a necessidade de cuidado ao trabalhador acidentado.

Recomenda-se preparo das empresas no atendimento nos casos de acidente de trabalho, e é prioritário que se faça prevenção de riscos. Inegavelmente existe a carência de pessoas capacitadas para lidar com a situação. A falta de um profissional na empresa, com treinamento especializado, pode acarretar em instabilidade psicológica para as pessoas acidentadas.

#### **(1d) Consequências do acidente de trabalho**

Os acidentes de trabalho trouxeram consequências na vida dos jovens, imediatas e de médio prazo, e em alguns casos prevêm-se repercussões em longo prazo.

### ✓ Imediatas/Temporárias

Todos os jovens passaram por momentos difíceis em relação às conseqüências, imediatamente após o acidente de trabalho.

O discurso de Charlie aborda o impacto no momento do acidente, e deixa claro que o jovem passou por uma situação traumática.

*Ah, no momento do acidente eu fiquei em estado de choque, sangue quente, então na hora nem dor teve por causa que foi uma devido ao impacto da fratura assim, então eu perdi o sentido do dedo na hora, então foi uma, amenizou a dor, então na verdade assim, eu fiquei em estado de choque, assustado. (Charlie)*

Como Charlie imediatamente após o acidente não estava sentindo dor, achou que não era algo sério, até tirar a luva e ver que tinha uma fratura exposta em seu dedo indicador, deixando-o sem reação.

*[...] perguntaram se aconteceu alguma coisa eu falei que não, porque na hora eu não cheguei a tirar a luva bem na hora assim no almoxarifado, saí fora do almoxarifado. [...] Tirei a luva e do jeito que eu tirei a luva assim aí começou a escorrer sangue na mão, aí eu olhei assim tinha o osso já tava pra cima, com fratura exposta né, [...].  
Na hora eu fiquei bastante assim que nem assustado, porque que nem é... ah, que nem na hora do acidente eu fiquei em estado de choque, na hora eu não tinha reação, não sabia o que falar porque eu não estava sentindo nada praticamente. Então eu fiquei em estado de choque pela correria assim, pelo que tinha acontecido e a correria na hora do ambiente [...]. (Charlie)*

O participante ficou abalado por ter sua rotina suspensa. Houve um distanciamento com os pares, e para esta fase, a relação com jovens da mesma idade e que compartilham do mesmo assunto, é muito importante.

*Mas o que eu fiquei mais assim, vamos dizer tipo que nem abalado, assim, foi não tá frequentando a X [instituição de aprendizagem industrial] durante esse mês por causa de não pode, né, por causa do uso do dedo, por causa que você tá acostumado ali no ambiente, então virou rotina, né. É que foram 2 anos de curso, então virou rotina. (Charlie)*

Todos os jovens entrevistados apresentaram limitações físicas temporárias decorrentes do acidente, gerando afastamento do trabalho e da escola (daqueles que estudavam na época), ocasionando, dessa forma, interrupção na rotina cotidiana, que gerou desconforto.

*[...]. Então, no caso, que nem, acabou... que nem, você afastado os 30 dias do X [instituição de aprendizagem industrial], então cê tem que ficar de manhã e de tarde em casa, foi uma coisa que não se adaptou, né, por causa que foi uma coisa que ficou fora do padrão, da rotina. (Charlie)*

*Aí ele deu uns 15 dias pra mim [se referindo ao médico]. [...] ele falou pra mim é... ficar alongando um pouco os dedos assim sabe, ficar fazendo um pouco isso aqui [mexendo os dedos], não fazer muita força, porque já tava, né, pesado e o resto eu não lembro o que ele tinha falado e a medicação que ele passou. Ah, não foi muito legal, porque nem gosto de ficar muito afastado [...]. (Pedro)*

*Aí eu fiquei internada nesse hospital de quarta até sábado mais ou menos, depois eu fui pra outro hospital que tinha vaga pra fazer a cirurgia. [...] Na primeira cirurgia eu fiquei um mês em casa. [...] queria tá fazendo as coisas que eu fazia normalmente, não queria estar passando por aquela situação. (Amanda)*

*Acho que foi uns dois meses [se referindo ao tempo em que ficou afastado]. [...] Ah, eu fiquei um tempo afastado (Fernando)*

Bosonello et al. (2002), consideram que o afastamento causado por acidente de trabalho, pode ser um motivador de estresse, levando a manifestação de transtornos psíquicos e alterações orgânicas nos trabalhadores.

Os traumas físicos dos jovens entrevistados, não os impossibilitaram permanentemente para o trabalho, apenas temporariamente, sendo que em dois casos a lesão foi considerada grave e nos outros moderada. Diferentemente, na pesquisa de Farias e Lucca (2013), com jovens em idade produtiva e com baixa qualificação profissional, constatou-se que para a maioria das vítimas, houve acidente de trabalho grave com incapacidade parcial permanente.

O jovem Fernando também teve como consequência imediata do acidente, o registro na carteira de trabalho. A empresa estava explorando o jovem, ao não realizar o contrato formal de trabalho.

*Eu trabalhei parece que um mês, parece que, sem ser carteira assinada. Aí, parece que foi exatamente no mesmo dia que eu cá acho, foi o dia que eu comecei a trabalhar com carteira assinada. Foi naquele dia que eu comecei parece, que me falaram né, a partir daquele dia, que ele tinha parece que registrado eu, uma coisa assim, entendeu? (Fernando)*

A situação parece tê-lo deixado surpreso, visto que, já estava trabalhando na empresa há cerca de um mês, uma condição extremamente delicada, pelo registro ter ocorrido, aparentemente, em decorrência do acidente de trabalho.

#### ✓ De médio prazo

Três dos jovens entrevistados estavam frequentando a escola quando sofreram o acidente e tiveram algum tipo de perda em relação à atividade escolar, considerada como principal nesta fase do desenvolvimento.

Charlie frequentou a escola nesse período, mas não conseguia escrever, o que prejudicou o seu desempenho. A relação com os colegas ficou afetada, por gerar desconfiança dos mesmos quanto à transparência da avaliação ou se receberia ajuda pela sua condição.

*Ah, que nem quando aconteceu isso né, nessa época eu estudava ainda. [...]. Frequentei a escola normal, fazia prova, mas era tudo daí no caso oralmente, porque eu não podia escrever. [...]. É, eu sou destro no caso né. [...]* (Charlie)

*Que nem fosse, que nem o ditado popular que fala que tivesse comprando, assim né, o professor, pra que nem, falar assim (...) que nem a turma dizia [inaudível] que nem diz sabotando né, no caso. Que nem, todo mundo tinha que fazer as atividades avaliatórias na sala ali, todo mundo e eu daí tinha que fazer separado com o professor e com o coordenador, então para que não ocasionasse e a turma não falar assim que eu tava sabotando nas atividades, né.* (Charlie)

Amanda e Pedro ficaram um período sem frequentar a escola, o que consideraram prejudicial. Tal consequência pode ter repercussões na aquisição de conhecimento, com implicações para o futuro.

*[...] eu tive que faltar um mês da escola pra me recuperar né e isso acabou pegando bastante na parte da escola, porque eu perdi prova, tive que fazer um monte de coisa, tive que correr atrás depois, isso mexeu bastante com a rotina.* (Amanda)

*Ó na escola eu não tava afastado porquê... ah não, tava afastado sim da escola. Ele deu quinze dias pra mim da escola e do serviço, falou. [...]. Ah, em relação a escola eu entreguei lá o atestado. Eu não queria me afastar da escola, porque prejudica né.* (Pedro)

Amanda teve ocorrências como: correr atrás do conteúdo, transtorno em relação ao aceite do sistema para aprovação, afastamento da escola causando prejuízo, perda de conteúdo de estudo para realizar o ENEM, dificuldade para aprender o conteúdo sozinha.

*[...] passei com um pouquinho de dificuldade, por causa das faltas né, porque minha escola, você falta, você apresenta atestado, só que eles só dão baixa no final, aí acabou dando problema lá no site, mas eles conseguiram resolver e eu passei normal.* (Amanda)

*Eu acho que prejudicou um pouquinho, [...] é bem mais fácil quando você vai aprender com o professor, [...] eu já tive que correr atrás de tudo sozinha, procurar as coisas na internet tal, e tem coisa que pode ter passado, que eu não peguei.* (Amanda)

*Ah, pra mim é importante né, porque vai me ajudar no futuro e pra mim naquela situação [se referindo a época em que ficou afastada da escola] tava meio preocupada, porque ano que vem eu já vou ter que fazer Enem, [...] já estavam passando coisa que eles só iam revisar no ano que vem, [...] por eu não ter aprendido com os professores, se eu conseguiria aprender sozinha, [...] eu comecei a correr atrás, [...] eu consegui pegar com os professores tal, porque eles me explicaram de novo, eles estavam vendo a minha situação, mais o resto eu consegui pegar sozinha.* (Amanda)

Outra consequência em médio prazo para Amanda foi passar por outra intervenção invasiva, devido a necessidade de uma segunda cirurgia. Esse procedimento trouxe mais um período de limitação física, afastamento da escola e dos pares, da rotina.

*Aí, depois, no final do ano, que... isso foi em que? Outubro, setembro mais ou menos, aí no final do ano, em dezembro eu tive que fazer outra cirurgia pra retirar um dos pinos né, que tava,... que não ia ser mais necessário, aí eu fiquei mais 2, 3 semanas [ficar em casa por causa da cirurgia]. (Amanda)*

Fernando relatou ter mudado a rotina e também apresentou limitação física por um período.

*[...] cuidei muito pra não forçar né, forçava demais, aí eu não forçava, não fazia... não pegava nada muito pesado, entendeu, até senti que tava realmente curado, entendeu?  
Ah, era meio ruim, mais tem jeito ou outro assim, também, aí só dava pra você fazer com uma mão né, não dava pra fazer com as duas, a outra tava engessada né. [...]. Ah, foi difícil. Quem nem, às vezes eu tinha que voltar lá, assinar meus papel no serviço, daí eu tinha que assinar com a esquerda e era brabo, né. É difícil. (Fernando)*

Amanda ainda apresenta um pouco de limitação em alguns movimentos e também houve alteração na rotina de trabalho. Agora, ela e os outros monitores não andam de patins, só colocam o equipamento nos convidados. Ela também não os acompanha, devido à limitação causada pela cirurgia.

*Foi bem ruim. [...] Eu fazia educação física, tal normal, eu saio normal, só que assim, às vezes quando eu to saindo eu percebo que eu, quando eu to andando, às vezes eu percebo que um lado do pé fica mais dolorido que o outro, por conta da cirurgia que eu fiz [...]  
Tipo forçar, por exemplo a pessoa vai ela escorrega, ela cai de bunda, às vezes eu não consigo segurar, ou agachar assim muito. [...] Por causa da cirurgia. [...] às vezes eu agacho eu sinto mais um lado do que do outro sabe. Aí eu tava ficando só lá na parte de colocar equipamento. (Amanda)*

A consequência em médio prazo, pode ser vista também nas empresas em que Amanda e Charlie trabalhavam, colocando novas regras após o acidente de trabalho ocorrido com eles. Além da mudança nas regras, como proibindo outros aprendizes de entrarem no almoxarifado, e não deixando mais os monitores usarem patins, para Amanda o relacionamento da empresa em relação a ela melhorou.

*Sim, eu continuei a fazer as atividades normal, tudo normal, a seguir os padrão, tudo normal. [...]. Daí o que mudou no padrão [...] hoje em dia mesmo, se você for na instituição os alunos não podem mexer no almoxarifado mais. (Charlie)  
[...] eu trabalhava normal tal, mais eu acho que eles eram um pouquinho mais rígidos, sabe, agora eles já tão mais tipo, não é rígido em relação a tratamento sabe, mais eu falo em relação eles não pegam muito no meu pé,*

*sabe, por eu já trabalhar lá a bastante tempo, por ter acontecido isso, por esses fatores eles já não mais pegam tanto no meu pé. [...] Acho que pra mim mudou pra melhor, pra eles eu já não sei, tipo não sei se isso é ruim. [...] pra eles em questão de atrapalhar em alguma coisa da empresa deles, mas pra mim foi melhor. (Amanda)*

As empresas optaram por realizar uma estratégia simplista e limitada, não deixando mais frequentar o local, e outra desistindo de implantar a atividade proposta. Em nenhuma delas, os adolescentes relataram qualquer outro tipo de intervenção, no sentido da segurança e saúde do trabalhador, que beneficiasse mais pessoas como, por exemplo, um programa de treinamento, discussão para melhorias do ambiente, avaliação de riscos presentes, criação de barreiras, cumprimento das normas de segurança, ou outras estratégias possíveis (COSTA et al., 2012; SANTOS et al., 2009).

Para Neto (2015), as ações da maioria das empresas permanecem no plano simplista, o que não contribui para as mudanças necessárias em longo prazo, apenas soluciona o problema de forma imediata, ou pode camuflá-lo.

Uma consequência prudente em médio prazo seria a condução de uma análise de acidente de trabalho adequada, que se constituísse em mudanças sistêmicas. Llorry (1999, apud ALMEIDA, 2014, p. 4680), considera que os acidentes com análises detalhadas, conduzem à oportunidade de aprendizagem organizacional, que devem conduzir a mudanças estruturais e não somente a paliativos temporários.

Todos os jovens participantes da pesquisa tornaram-se facilitadores do processo de recuperação, com participação ativa nos autocuidados. Todos eles conseguiram retornar ao trabalho após o afastamento, pois a incapacidade ocasionada pelo acidente foi temporária.

*Sim, pra mim não mexer... não mexer aquele dedo né, não bate e ficar... não procurar fazer esforço né, que possa afetar aquele membro né. Coisas leves ele falou que eu podia ta fazendo, só não podia fazer esforço. (Charlie)*

*Eu fiquei a maior parte do tempo em repouso, eu não poderia... eu não podia encostar o pé no chão, tive que aprender a andar de muleta né, que é muito difícil. (Amanda)*

*Ah, eu fiquei um tempo afastado, fiz a fisioterapia tudo lá, aí cuidei muito pra não forçar, né. Forçava demais, aí eu não forçava, não fazia... não pegava nada muito pesado, entendeu, até sentir que tava realmente curado, entendeu? (Fernando)*

*Ah ele falou pra mim é... ficar alongando um pouco os dedos assim sabe, ficar fazendo um pouco disso aqui [mostra como fazia os exercícios com os dedos], não fazer muita força, porque já tava, né, pesado e o resto eu não lembro o que ele tinha falado e a medicação que ele passou. (Pedro)*

### ✓ De longo prazo

O presente estudo não objetivou o acompanhamento longitudinal dos jovens participantes, porém nas entrevistas aparecem elementos que indicam possíveis consequências tardias, razão pela qual se destacam nos resultados.

Dois participantes, Amanda e Fernando, ficaram com marcas aparentes no corpo, o que pode ser traumático ou estigmatizador, particularmente para jovens.

Amanda apresenta a preocupação de sentir dores futuras, com impossibilidade de realizar determinadas atividades físicas, bem como receios estéticos.

*Hum, ele falou que caso conforme eu for envelhecendo caso comece a surgir dor, aí é pra voltar no médico pra ver o que está acontecendo e tal.*

*Que seria mais uma preocupação pra minha vida [risos], né futuramente, né, e seu eu quisesse, por exemplo fazer... quando eu fosse mais velha fazer esporte algum esporte assim e tal, às vezes se começasse a sentir dor e não passasse eu iria me preocupar e iria achar que era alguma coisa, iria ter que correr para o médico.*

*Acho que... por exemplo, meu tornozelo é... direito ele é mais fininho que o outro, por não conter o pino e a placa, já o outro que tem a cirurgia ele já é mais gordinho e acho que essa é uma diferença que é perceptível. A cicatriz também que, né, não é muito bonita [risos].*

*[...] eu faço dança também, né, e às vezes determinado movimento eu não consigo fazer.*

*[...] tipo, bota que eu não acho pra comprar, porque meu pé hoje em dia fica mais gordinho, aí não entra e fica mais difícil procurar este tipo de sapato.*

*[...]. (Amanda)*

Fernando referiu-se à cicatriz como algo que vai ficar para a vida toda. Ele terá de conviver com esta marca.

*[...] engessou de novo, aí depois de um tempo tirei o gesso, eles tiraram o ferro, fiz fisioterapia, de boa. Aí ficou esse negócio aqui [se referindo a cicatriz]. (Fernando)*

A participante Amanda considerou a experiência traumática, tanto que fica preocupada, quando está desempenhando esta atividade com os convidados. O fato de trabalhar ainda no local e ter que ver outras pessoas com possibilidade de passar o que ela passou, faz com que ela trabalhe em estado de tensão.

*Foi. Foi meio traumático [risos], por ser a primeira vez, né.*

*Eu quando vou... eu trabalho lá ainda, como eu vou colocar nas outras pessoas eu penso né, eu fico preocupada com elas, isso me faz me sentir mal. Sinto uma preocupação grande. (Amanda)*

A marca física e a psicológica do trauma que passaram, faz parte da vivência para toda a vida. Bastos (2011), afirma que o acidente de trabalho torna a pessoa mais frágil ou a



privação de uma parte dela, trazendo alterações corporais, e modificando o potencial para a ação no trabalho e na vida pessoal.

### **(1e) Sentimentos**

Com a situação de acidente de trabalho, os adolescentes revelaram através da fala, alguns sentimentos. Manifestaram impotência, dor, medo, preocupação, aflição, pânico, ódio, raiva, demonstrando sofrimento diante dos fatos. Cada entrevistado passou por situações que têm um significado particular.

É através da fala que os jovens conseguem expressar o que sentiram em relação ao acidente de trabalho. Poder usar a palavra para expressar momentos tão complexos, é de suma importância. Vigotski (2014) aponta que a linguagem verbal, apresenta-se como a melhor opção para expressar o movimento, a dinâmica e a complexidade de algum acontecimento.

#### **✓ Impotência**

A impotência na fala dos jovens aparece, no sentido de não conseguirem apresentar estratégias de defesa para evitar o evento do acidente e por isso ficam sem reação. A impotência apontada nesse momento é um gerador de sofrimento, de não saber como agir para impedir o trauma.

Amanda não conseguiu fazer nada em relação à situação que estava passando.

*Ah, me senti meio que impotente né, porque eu não podia fazer nada em relação a aquilo. (Amanda)*

Charlie pensa até hoje, em como poderia ter evitado o acidente. A impotência diante do fato, o deixa inclusive inquieto em busca de resposta.

*[...] é uma coisa assim né, que até hoje a gente para e pensa né, nossa, como que eu poderia estar evitando? É uma coisa que não tem como, que não tinha como, você não sabia que podia acontecer [...]. (Charlie)*

Fernando expressa a rapidez de um evento, não conseguindo refletir no momento.

*É, porque na hora a gente nem vê, mano tipo, quando a gente vai ver a gente já caiu. [...]. (Fernando)*

Pedro sente-se impotente diante do peso do carrinho que carregava, cheio de produtos, tornando-o incapaz de segurar e conseguir evitar a lesão. Sentiu-se impossibilitado de lidar com a dor, e procurou um adulto que pudesse socorrê-lo.

[...] não tinha o que fazer né, porque ele é pesado [se referindo ao carrinho que carregava os produtos para abastecer a gôndola], ele prensou a minha mão e não voltou.

[...] daí eu fui atrás dele com a mão doendo [mostrando através de gesto como foi buscar ajuda] não sabia o que fazer [...]. (Pedro)

### ✓ Dor

Para alguns, a dor estava presente no instante seguinte ao acontecimento, para outros, a dor apareceu também durante a recuperação. A dor tem níveis, cada um sente em uma intensidade, e é sempre geradora de sofrimento.

A dor que Amanda sentiu, foi imediatamente após a queda. Também sentiu dores fortes e tomou medicação para aliviar o sofrimento, o que trouxe reação e ficava sonolenta.

*Eu... porque assim, quando você tá andando de patins se cai normal, né, tipo de bunda no chão, só que aí eu caí de um jeito e não tava conseguindo me mexer, tava meio que gritando sabe? – Ai, tá doendo, tá doendo!* (Amanda)

[...] mas depois da cirurgia não precisava mais da imobilização, porque era só o curativo no local e volta do pé, pra fixar bem, aí eu já eu senti um pouco mais de dor pra encostar assim, virar um pouco o pé, porque tinha os pontos, tava meio cicatrizando ainda, aí eu tive que tomar remédio forte. (Amanda)

[...] às vezes eu dormia bastante, porque era remédio forte pra dor [...]. (Amanda)

Após o trauma, Pedro, passando por um momento de dor, ficou sem reação, necessitando de amparo. Foi atrás de alguém para auxiliá-lo. O tipo de lesão não foi considerado grave pelo encarregado da empresa, chegando a naturalizar a situação, como algo que acontece com frequência, como se fosse uma batida superficial com dor momentânea.

Quando Pedro fala a palavra “diabo”, ele expressa o sentimento de insatisfação por não ter respaldo da empresa. A passividade da resposta “tá bom”, quando seu sofrimento é ignorado, a forma como age quando diz “empurrei o carrinho de volta” e a mudança repentina de setor, são demonstrações de descontentamento, irritação com o tratamento recebido em tal situação. Não resta muita alternativa e continua trabalhando.

[...] ele falou: - “ah, isso daí passa” [...], daí eu falei “ah, tá bom então”. [...] daí, diabo, voltei para o pacote, ah falei, vou voltar para o pacote. (Pedro)

[...] Ah, que nem, na hora que ele falou isso, eu tava morrendo de dor e tava bravo também, né, que ele falou isso “logo passa”, uma dor que não vai passar, né, bateu na veia aqui [mostrando o local que bateu], fez um rasgo daí. (Pedro)

Para Fernando e Charlie, a dor imediata foi amenizada pela fratura causada pelo acidente de trabalho, pois não sentiram dor no momento imediato após o acidente.

[...] *nem sei se eu cheguei a sentir dor também né, só lembro que não senti meu braço também. Eu não sentia meu braço. [...] Acho que deve ser pra tirar pra dor, essas coisas, pra tirar é... como é que fala, anti-flamatório essas coisas também [se referindo a medicação]. (Fernando)*

Ah, *no momento do acidente eu fiquei em estado de choque, sangue quente, então na hora nem dor teve por causa que foi uma devido ao impacto da fratura, assim, então eu perdi o sentido do dedo na hora, então foi uma, amenizou a dor [...]. (Charlie)*

### ✓ Medo

O medo e a preocupação pela vivência nas situações estão inseridos nas falas. É um sentimento de não saber lidar com a condição do momento e do que viria.

Amanda e Fernando ficaram com medo dos procedimentos de saúde que teriam que passar, por tratar-se de uma situação completamente nova e que exigia cuidados.

*Em relação a cirurgia, porque eu tenho medo [sorriso nervoso de lembrar da situação], eu tinha medo de cirurgia, né, porque eu nunca tinha feito aquele tipo de cirurgia tal, aí eu não sabia o que ia acontecer, aí eu fiquei meio... (Amanda)*

Ah, *aflição né, que nem eu falei pra você, já não sou muito fã de médico, não gosto muito desses coisas.... Aí dá medo, aflição, essas coisas, entendeu? (Fernando)*

Ah, *medo né, porque nunca tinha passado por nada disso, tipo, nunca tinha passado por cirurgia, nunca tinha tomado ponto nem nada e eu já não gosto muito dessas coisas, puxei meu pai que já é outro medroso, aí eu tive um pouco de medo, entendeu? (Fernando)*

Fernando expressa também, medo em relação ao futuro, decorrente de gravidade da lesão.

*Hum, digamos, medo. [...]. Por dois motivos: um que eu não sou muito fã de hospital e outro que medo, sei lá, que seja alguma coisa grave, entendeu? Nunca se sabe também. (Fernando)*

Amanda relata ter ainda, receio com algumas situações em que possa ocorrer acidente com outras pessoas, que fizerem a mesma atividade na qual sofreu o acidente.

[...] *eu trabalho lá ainda, como eu vou colocar nas outras pessoas eu penso né, eu fico preocupada com elas, isso me faz me sentir mal. Sinto uma preocupação grande. [...] E a gente ser submetido a colocar um negócio e não sabendo andar, isso meu deixa ruim sabe, meio com medo de acontecer novamente, com outras pessoas. (Amanda)*

*Que seria mais uma preocupação pra minha vida [risos], né futuramente né, e se eu quisesse, por exemplo fazer... quando eu fosse mais velha fazer esporte, algum esporte assim e tal, às vezes se começasse a sentir dor e não passasse eu iria me preocupar e iria achar que era alguma coisa, iria ter que correr para o médico. Ah, não sei dizer exatamente. Eu acho que senti uma preocupação, tipo tanto com o que tava acontecendo como com o que poderia acontecer depois. [...]. (Amanda)*

Amanda fala também, dos receios de seus pais, incluindo os relativos às necessidades geradas pelo acidente.

*Eu acho que eles ficaram um pouco menos preocupados do que eles já estavam [a mãe e o padrasto], porque ia ser mais difícil se eles não fossem ajudar com remédio [empresa], como que eu ia me locomover se eu não tivesse as muletas, e acho que eles um pouco mais aliviados, mas ainda estavam meio preocupados.* (Amanda)

### ✓ Raiva

Dois motivos geraram o sentimento de raiva em Pedro: por não ter conseguido evitar o acidente, e pelo não cuidado por parte da empresa. .

[ficou com raiva] *do carrinho vim em mim e dele que falou que passa também né.* (Pedro)

*Então, daí depois dali que bateu o ódio né, eu fui lavei a mão pra ver se tentava alguma coisa né, mas não adiantou em nada, daí eu peguei e voltei para o pacote [...]. Ah, que nem na hora que ele falou isso eu tava morrendo de dor e tava bravo também né, que ele falou isso “logo passa” [...].* (Pedro)  
*Ah, eu falei: - “Nossa!”.* Não sei nem o que falar, *eu fiquei com raiva deles!* [risos]. (Pedro)

Vigostski (2014), afirma que, quando o comportamento humano está voltado para o habitual, sem ocorrências de variação, não ocorre nenhuma alteração relevante de sentimentos ou no comportamento. Mas o corte desse equilíbrio provoca o surgimento de reações instantâneas, com bastante intensidade, aparecendo através da ansiedade e emoções. O autor fala que as emoções positivas, referem-se à felicidade, orgulho etc. e a ruptura do equilíbrio de maneira positiva, traz o fortalecimento e a superação das dificuldades com as quais nos deparamos. Quando esse rompimento não é benéfico, quando o contexto é mais resistente que nós, causa sentimento de impotência e fragilidade, aparecendo emoções negativas em forma de raiva, medo, tristeza.

Mesmo com o surgimento de novos interesses na vida desses jovens, os sentimentos vivenciados na situação do acidente de trabalho são marcas psicológicas, que de alguma forma afetou negativamente esse momento da vida dos adolescentes pesquisados. É uma marca que ficará nos passos seguintes da sua vida. Como afirma Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2010), quando apontam que o indivíduo é marcado pelas experiências vivenciadas, tornando-se um ser único, mesmo apresentando as mesmas características dos outros jovens.

Pode-se, portanto, afirmar que os jovens participantes desta pesquisa, expressaram sentimentos que revelam características negativas, tendo que superar os acontecimentos estressantes. Para eles a experiência do acidente de trabalho pode ser traduzida como ruim,

por ter gerado sofrimento, desencadeado pelo sentimento de impotência, dependência, angústia, ódio das pessoas, raiva da situação, tensão com a recuperação ou gravidade da lesão.

## (2) O TRABALHO

Ao falar de suas vivências relativas ao acidente de trabalho, os jovens participantes da pesquisa, revelaram aspectos de importância em suas vidas, em torno do tema trabalho, expressando-os a partir (2a) dos **motivos** para o trabalho, (2b) das **condições** do trabalho, (2c) do **futuro** de trabalho, conforme os desejos do momento, e da situação dos (2d) dos **estudos**, que concorrem com o trabalho.

### (2a) Motivos

Os motivos de trabalho dos jovens foi em relação a conquistar a independência, adquirir bens de consumo, ajudar a família e buscar conhecimento.

O jovem Fernando relata que fica com o dinheiro para comprar bens para si, pois a pensão recebida do pai, que era utilizada para compor a renda familiar, ajudando nas despesas comuns, entregava para a mãe. Conseguiu o emprego através de uma indicação do pai, que trabalhava para o dono da escola.

[trabalho] pra meu benefício mais, pra comprar minhas coisas, entendeu? Só isso. [...]. É, por causa que na época, a minha mãe também ficava com a pensão, então, antigamente eu recebia pensão do meu pai, entendeu? Por isso que eu não ajudava muito. Aí eu ficava com o dinheiro pra mim do meu pagamento e ela ficava com a minha pensão. (Fernando)  
É que meu pai conhecia o dono lá faz bastante tempo. Aí, meu pai trabalha pra ele, meu pai ele é pedreiro né, aí meu pai trabalha pra ele a um bom tempo. Aí o cara que era zelador lá ele saiu de lá, aí nisso meu pai conversou com ele e eu entrei no lugar, entendeu? (Fernando)

A jovem Amanda buscou o trabalho para adquirir alguma independência financeira. Assim, consegue comprar bens de seu interesse e sente certa liberdade ao conseguir fazer coisas das quais gosta, sem depender da mãe em todas as ocasiões. Também relata que, dependendo do momento da família, tem algumas dificuldades financeiras, então consegue ajudar com pelos menos um pouco para a gasolina, quando necessita se locomover do trabalho para casa.

Ah, pra mim, eu crio uma independência trabalhando, então, tipo, eu gosto de trabalhar e eu ganho o meu dinheiro né, não dependo tanto mais da minha mãe. [...]. Pra comprar, pra sair, passear, ou se não, pra comprar um sapato novo, assim, como, se eu quiser, ou se não, uma roupa nova quando minha mãe já não pode comprar, eu compro com o meu dinheiro. (Amanda)

*É, assim, depende muito do momento que a gente tá vivendo sabe. Como meu padrasto é corretor de imóveis ele não tem o salário fixo, então, às vezes acaba ganhando menos e tal, e se..., aí eu ajudo tipo, por exemplo, minha mãe não tem tanto dinheiro pra colocar gasolina pra ir me buscar no trabalho, aí eu ajudo ela com a gasolina, mas é só com isso, só com isso.* (Amanda)

Para Pedro, o motivo do trabalho foi principalmente para ajudar em casa, devido a condição atual da família, levando-o a buscar uma oportunidade, e também pelo desejo de poder comprar o que gosta.

*[...] eu queria pagar minhas coisas, ter minhas coisas também, não precisar do meu pai e da minha mãe e pra ajudar eles também aqui em casa. [...]. É eu fui atrás né, fui tentando... encontrar alguma coisa[...] (Pedro)*  
*Minha mãe desempregou agora, porque o moço demitiu ela que não dava mais, demitiu quase agora de pouco. [...] só tá eu e a minha outra irmã trabalhando, a mais velha. [...] Ah eu na verdade queria ajudar ele [o pai] faz tempo né, que ele teve um desgaste no quadril que ele precisou operar, daí ele não podia trabalhar, né, daí só tinha minha mãe trabalhando e só, daí eu falei “eu quero trabalhar pra ajudar ele”.* (Pedro)

Somente Charlie se refere à entrada no mercado de trabalho em busca de conhecimento, com interesse na formação para uma profissão.

*Foi mais que nem, ah... foi busca de conhecimentos novos né, tipo, de conhecimentos novos, não... porque, que nem, simbolicamente se surgisse uma vaga de emprego naquela época, no momento assim, é... nós ia busca, eu ia busca, que nem, no caso eu falo assim, mais o que eu fiz mais mesmo foi pra adquirir mais conhecimento, porque eu gosto de adquirir conhecimentos novos, adquirir coisas novas, diferentes, coisa que eu não sei ainda, né.* (Charlie)  
*Sim, aham, aí meu tio falou pra mim, daí no caso que ia sair, né, [...] esse negócio lá no X [empresa que faz aprendizagem] e a prova, [...] daí ele falou se queria, daí ele conversava com a turma e pegava uma pra mim né, a carta da empresa notificando que eu ia fazer pela empresa. É, daí eu gostei da ideia e fui seguir. [...] Sim, porque ele que segue essa profissão na verdade, ele é caldeireiro, ele exerce essa profissão, né. Ele contou pra mim como que era, então eu acabei gostando.* (Charlie)

Todos os jovens da pesquisa observaram o potencial para inserção, a partir de situações diversas: interesse ao ver outras pessoas na atividade; busca de conhecimento; desemprego ou incapacidade temporária de familiares; indicação do pai; interesse na formação para uma profissão. Cada jovem viu a possibilidade de trabalho para suprir as necessidades e interesses do momento.

O interesse em buscar uma oportunidade, para Amanda, foi através de uma experiência que teve como convidada. Houve uma identificação pela experiência que viu, e

pelo relato de uma pessoa que trabalhava na função. O interesse que sentiu na época, a fez buscar oportunidade nesse tipo de trabalho.

*[...] eu tinha sido convidada numa festa em outro buffet. Eu fui, aí eu vi que tinha umas meninas trabalhando lá, né, como monitora, eu falei, nossa, eu acho interessante, eu gosto de criança, vai que dê certo. [...] Aí, eu fui pesquisar mais, né, se tinha mais alguns buffets na cidade. Aí, eu achei eles, aí eu acabei enviando meu currículo pra eles e eles me chamaram para o treinamento. (Amanda)*

A jovem Amanda acredita que o trabalho foi positivo, a fez crescer, criar responsabilidade, mesmo sofrendo o acidente de trabalho. Dessa forma, percebe-se que os riscos de acidentes são subestimados numa conclusão minimizada e precoce do valor social que o trabalho apresenta, além da independência que o trabalho agrega na vida dos jovens, já que nesta fase é importante sentirem-se não mais dependentes dos adultos, buscando através do trabalho, a independência, adquirindo responsabilidade.

*Isso acho que me faz crescer um pouco como pessoa sabe, mesmo acontecendo o acidente acho que... foi tipo bom pra..., o trabalho foi bom pra eu criar responsabilidade também. (Amanda)  
Ah eu gosto da... de ser monitora, porque eu gosto bastante de criança, do ambiente de trabalho com criança. É uma responsabilidade grande, por ser o filho das outras pessoas né, mas eu gosto bastante. (Amanda)*

Nesta pesquisa, os jovens apontaram motivos diversos para o interesse e os motivos na hora de ir à busca de uma oportunidade, e em relação ao salário que recebiam. Já na pesquisa de Sales e Pereira (2016), a maioria dos jovens ajudava nas despesas de casa, porém, não eram responsáveis pela renda principal da família e, assim como os jovens participantes desta pesquisa, também utilizavam o salário, para adquirir bens para si.

O trabalho, para os jovens, traz uma satisfação pela independência, não dependendo mais totalmente dos pais para conseguir comprar bens que desejam. Esta satisfação, mesmo que temporária, é adquirida através do trabalho.

No entanto, para Amarrazy et al. (2009), o sentido do trabalho esvazia-se, quando se resume à necessidade e à razão de valor moral que atribuem com a ideia de que trabalhar valoriza a pessoa. Diante disso, o autor coloca que é preciso refletir a construção da identidade pessoal em formação, pela questão de trabalhar por necessidade, sem a percepção dos jovens do que seja o real significado do trabalho, como passível de gerar mudanças na natureza, e também para a sociedade, motivadas pelo prazer, oportunizando pensar sobre o significado de quem faz o trabalho.

Ao entrarem no mercado de trabalho, com o intuito de satisfação de necessidades e desejos, os jovens não esperam por um acontecimento como o acidente de trabalho, que traz repercussões traumáticas para suas vidas.

### **(2b) Condições de trabalho**

Nas falas dos jovens participantes, aparecem indicações das condições em que trabalhavam, relacionadas a ambiente, equipamentos e aspectos da organização do trabalho. Todos esses fatores demonstram, em parte, o cotidiano de trabalho. Por detrás de cada fala é possível identificar a dimensão do macrocontexto envolvido nos processos de trabalho, em como o sistema capitalista influencia nas condições e ambientes, no controle dos riscos no trabalho, ou falta dele.

Fernando, em seu primeiro emprego, trabalhou um mês sem registro em carteira de trabalho, e apenas após sofrer o acidente de trabalho aconteceu a regularização de seu vínculo trabalhista.

*Eu trabalhei parece que um mês parece que sem ser carteira assinada. Aí parece que foi no... exatamente no mesmo dia que eu caí acho foi o dia que eu comecei à trabalhar com carteira assinada. Foi naquele dia que eu comecei parece, que me falaram né, à partir daquele dia, que ele tinha parece que registrado eu, uma coisa assim, entendeu? [...]. É, um negócio que até eu falei, nossa foi pra comemorar eu acho [risos], eu brinco com essas coisas, tipo, sei lá, exatamente no mesmo dia [risos]. [...] Foi o que me falaram né. Que ele tinha aca... Falaram que quando eu caí ele tinha acabado de registrar eu. Foi o que me falaram naquela época. (Fernando)*

O trabalho precário está ligado a dois aspectos presentes na relação do contrato de trabalho, fazendo parte do cotidiano de muitos trabalhadores na atualidade: o primeiro é o sentimento de insegurança em realizar o trabalho, ligado ao fato ou risco de perder o emprego; o segundo, pertence ao corte da ascensão da trajetória profissional linear, o que era comum até o século passado (SÁ, 2010).

Um dos aspectos referidos pelo participante Pedro refere-se ao equipamento utilizado para realização da atividade. Ele trabalha todos os dias com o carrinho torto.

*[...] o carrinho ele é torto também, daí eu... a estante bem no cantinho assim ô, a mão tava agarrando assim detrás, daí tacou bem aqui na minha mão, daí o carrinho ficou. [...] A gente faz todo dia na verdade né. A gente costuma pegar todo dia esse carrinho. (Pedro)*

As condições de trabalho de Amanda, são descritas pelo ambiente no qual trabalha, e equipamentos da atividade que realizava no momento do acidente.

*[...] era um local fechado, próprio pra andar em patins sabe, era liso não é aquele patins em gelo, é aquele patins que são duas rodinhas na frente e*



*duas atrás, aí já era liso e tal o lugar e tinha grades e cerca para o pessoal segurar e não poder passar dali. E tinha os banquinhos pra colocar os equipamentos e tal. [...] quando você compra o patins eles já vem com equipamento né, que seria o capacete, a cotoveleira, uma luva especial por causa de impacto e a joelheira e o patins, já vem tudo, seria isso. [...] (Amanda)*

Charlie tem conhecimento das normas de segurança, conhece os equipamentos de segurança para o seu trabalho, e estava usando enquanto trabalhava.

*[...] a CIPA, eles pedem... caem em cima disso, porque a norma... porque que nem é norma do local de trabalho, sem esses equipamentos de proteção, EPI, Equipamento de Proteção Individual, você não pode estar no local. [...] alguns são indicados por empresas para começar um curso no X [empresa que realiza a aprendizagem], [...] que me enviou os equipamentos, como que fui, sou funcionário deles, fui funcionário deles nessa época, então eu adquirir os equipamentos através da empresa”. (Charlie)*

*Sim, ela vem até no braço e essa luva é uma luva de alta resistência que ela era um couro mais, de espessura mais grossa, e tinha outra proteção na palma da mão e nos dedos, era tipo uma espécie de outro couro para proteger se fosse mexer com alguma chapa quente, alguma coisa que tivesse quente que se pegasse pra não acontecer de atravessar o couro e queimar. (Charlie)*

No relato dos jovens pode-se perceber a inadequação de equipamentos para o trabalho, e o EPI como único recurso de segurança, sendo que este deveria ser utilizado como último recurso, em circunstâncias temporárias, até que se adotem as medidas coletivas de segurança no trabalho, conforme a legislação brasileira (BRASIL, 1994).

São relatados também, aspectos da organização do trabalho, calcada na multitarefa, e das relações interpessoais, com seus conflitos e contradições, que por vezes, deixa o jovem em situação indefinida ou constrangedora.

*Ah, tipo eu tô fazendo ali, eles.... eles são tudo errado, eu tô fazendo uma coisa eles quer que eu faço outra, entendeu? Daí eu não acho isso legal. Eu tô fazendo o corredor de limpeza lá, sempre chega outra lá e tira eu entendeu? É que tem um encarregado de manhã e um encarregado a tarde, daí sempre esse encarregado de manhã eu pego ele, daí ele sempre manda eu pra algum lugar, daí ele dá um... bastante serviço pra mim sabe? O que eu tenho que fazer ele fala pra eu ir fazer, daí chega o encarregado de tarde [risos] manda eu fazer outra coisa, daí eu falo assim: - “Não tenho que fazer isso”, - “Ah mais ele que se dane, não sei o que, não sei o que lá”. Não tem o que fazer [risos]. [...], eu penso que eles têm que, sei lá, se organizar mais, né, nesses negócio aí de vai, não vai, de arruma, não arruma. (Pedro)*

A jovem Amanda fala das regras do seu trabalho, passadas como orientações do tratamento que os monitores devem ter com os clientes. Normas de conduta para não haver problemas de relacionamento com o consumidor, não prejudicando os negócios da empresa.

*Eles explicam, por exemplo, como tem que tratar a criança tal, o jeito que você vai falar e por exemplo, eles impõem pra gente também não se prejudicar na hora, sabe. Por exemplo: - “Ai, uma mãe vem e fala alguma coisa pra você, aí umas das regras seria ser amigável tal, aí você vem e já fala mais rígida com a mãe ou com a criança, isso já atrapalha um pouquinho, porque a mãe vai ficar meio, né, meio brava.*

*[...] tinhas as regras tal, caso você chegasse atrasado em muitas festas, caso você quebrasse algum brinquedo, caso você meio que fizesse alguma coisa errada ou muito errada assim eles iriam tipo, eles já avisavam desde a primeira festa que eles iram te excluir desse grupo.* (Amanda)

A empresa tem regras que acha importante seguir para manter o seu negócio, mantendo a satisfação dos clientes. O modo que a empresa expõe as normas pode ser um dos motivos pelo qual a jovem não se sentiu à vontade de falar aos responsáveis sobre considerar perigosa a tarefa de andar de patins. Outros fatores também são possíveis, como o medo de punição ou de ser dispensada do trabalho.

Charlie tem conhecimento da hierarquia da empresa, e também, que uma empresa terceirizada era responsável pela atividade que foi solicitada para os aprendizes, a qual estava fora do contexto de trabalho deles.

*[...] então, o professor sabe que não pode estar fazendo isso sem ordem do diretor, no caso de acontecer acidente, por causa que, quem é responsável no almoxarifado é a zeladoria, que são um pessoal terceirizado [...] que trabalha lá [...].* (Charlie)

Algumas normas das empresas não são seguidas, pois não consideram os riscos para os trabalhadores. Esta situação gerou um desconforto para as pessoas, afetando as relações e prejudicando o jovem aprendiz. A desorganização e desarticulação do processo produtivo gera insatisfação dos trabalhadores.

Pedro relata que ficou ansioso enquanto estava procurando emprego, por causa da demora da empresa em dar um retorno, se havia passado ou não na entrevista. Ele disse que havia muitas pessoas buscando uma oportunidade de trabalho também. Percebeu que o mercado de trabalho é concorrido.

*É, fiquei ansioso né, falei “nossa, será que vão chamar eu? [...] porque não tinha só eu mandando, tinha uns par lá né [referindo-se a outros jovens que enviaram currículo em busca de emprego].* (Pedro)

Uma das questões presentes em nossa sociedade, é o desemprego estrutural, com isso tem-se maior concorrência para as vagas de emprego, realidade vivenciada por Pedro, ao dizer que quando foi entregar o currículo para uma vaga, havia muitos outros buscando emprego.

As condições de trabalho dos jovens pesquisados estão ligadas também à diferença no tipo de contrato, de atividade desempenhada. A exploração do trabalho jovem acontece pela maior fragilização do vínculo empregatício, precarização do trabalho. Participam de atividades solicitadas pelas empresas, mesmo apresentando risco à saúde.

Porém, é a organização do trabalho, que irá determinar a responsabilidade das relações de trabalho, direcionando as normas, quem faz as atividades na instituição, como é feito, quando, equipamentos necessários, o tempo investido, a qualidade e o prazo. Portanto, é a organização do trabalho o mecanismo de todo o processo produtivo (ABRHÃO; TORRES, 2004).

E, para que o processo produtivo funcione, alguns comportamentos são esperados na relação com as empresas. As regras das empresas exigem que os jovens sigam o que lhes é dito, tenham comportamentos de obediência, procurem ser rápidos nas atividades. Comportamentos, geralmente, que as empresas consideram mais adequados na hora de contratar como bom comportamento: emocional estável, identificação com a empresa, são mais valorizados do que a iniciativa, autonomia e extroversão, mais voltados às regras da empresa (CAMARA; SILEIRA, 2001).

Pode ser por esses motivos que os participantes não questionam, apenas reproduzem as atividades solicitadas, o que os torna presos, com pouco poder de ação, impedindo a exposição da subjetividade, tornando-os pessoas sem potencial para agir.

Por outro lado, Amanda revela que o seu trabalho é divertido.

*[...] lá parece um parquinho de diversão, porque tem roda gigante, tem a patinação né, tem o barco viking, então é as crianças também, e a gente também gosta de ficar olhando ou senão ir as vezes com as crianças.*  
(Amanda)

Fernando e Pedro também relataram satisfação no trabalho, afirmando gostar do que faziam. Pedro sente-se útil realizando seu trabalho, valorizado em poder ajudar.

*Era um bom serviço. Eu gostava de trabalhar lá.* (Fernando)  
*Ah, é uma atividade boa, [...] e eu gosto também porque ajuda as pessoas né, nós ajuda a levar até o carro, sabe, quando a pessoa não aguenta, ou ela nem precisa pedir eu já tô levando também [risos].* (Pedro)

O trabalho pode ser fonte de prazer e também fonte de sofrimento. O sofrimento surge do impedimento da subjetividade, e o prazer quando existe a possibilidade de liberação da carga psíquica permitida pela atividade (DEJOURS, 2004). Os jovens da pesquisa gostam das atividades que fazem, e quando existe essa identificação, a pessoa se sente participante do

processo de trabalho, não apenas aquele que cumpre as obrigações como alguém alienado (LIMA et al., 2014).

### (2c) Futuro

Pedro e Amanda, que ainda estão trabalhando na empresa na qual sofreram o acidente, pensam em sair futuramente do trabalho. Falam das expectativas para o futuro, porém, no momento vão permanecer no trabalho.

*Ah, eu pretendo sair o quanto antes daquele supermercado [risos] e trabalhar com o meu pai. [...] É porque eu preciso do dinheiro, daí eu não posso sair agora entendeu, e o meu pai não pode me ajudar agora também, porque ele tá aí né, com a situação ruim ainda, com o serviço que não tem muito, ele tá correndo atrás, aí é duro ficar né. (Pedro)*

*Tem, tem vários na verdade [motivos que quer sair do emprego atual]. Primeiro que eu não gosto de pessoas ficar também botando palpite também assim sabe, é muito falatório lá dentro, não gosto muito disso. E segundo que eu não acho... não, eles acham, né, como aquilo uma profissão, é uma profissão, mais pra mim não é, eu quero uma profissão mesmo sabe, tipo igual à do meu pai, assim sabe, mecânico. (Pedro)*

Amanda fala da sua pretensão futura de fazer uma faculdade, após terminar os estudos do ensino médio.

*Assim, eu... assim... por enquanto ainda vou continuar trabalhando lá, né, pra ganhar um dinheirinho, mas eu não penso em futuramente estar trabalhando com eles, por conta da minha rotina que vai mudar, eu vou terminar meus estudos, tal, então provavelmente eu saia de lá. Daqui a um tempinho.*

*Eu pretendo terminar meus estudos, fazer vestibular e entrar na faculdade [...] e depois procurar um trabalho na área. [...] gosto muito da parte de humanas, [...] por enquanto ainda vou continuar trabalhando lá, né, pra ganhar um dinheirinho, mas eu não penso em futuramente estar trabalhando com eles, por conta da minha rotina que vai mudar, eu vou terminar meus estudos, tal, então provavelmente eu saia de lá, daqui a um tempinho. (Amanda)*

Os outros dois jovens não estavam mais trabalhando. O jovem Charlie por ter encerrado o tempo de contrato de aprendiz, que é de dois anos, não sendo efetivado como funcionário por parte da empresa, porém, se houvesse vaga teria interesse em continuar nessa profissão. Fernando foi demitido da empresa um dia antes da entrevista. Tem o desejo de comprar uma moto por achar um meio de transporte mais rápido.

*Não, a possibilidade até teria, mas eu falo assim, ciente por que? [...]. Então, como que você assinou só o contrato de dois anos então você tava ciente se não tivesse uma vaga de emprego, [...]. a empresa ela era muito forte e devido à crise para a exportação das peças, [...], decaiu muito, então o que que aconteceu? Falta de serviço, e de vez de eles estar contratando,*

*eles acabou demitindo os funcionários, uma porcentagem dos funcionários para manter a empresa. [...]. (Charlie)*  
*[...] por isso que eu não vejo a hora de comprar a minha moto. [...] Podia comprar a minha, porque pelo menos moto é bem mais rápido, buzão cê já acorda meio tarde, até chegar lá... [...] Se tratando do futuro, é,, eu não sei dizer [quando perguntado o que pretende no futuro]. Ah, vou entregar meus currículos em metalúrgica essas coisas, nuns lugares assim. Eu vou ver isso aí certinho ainda. (Fernando)*

Em todos os casos analisados, percebe-se essa primeira experiência de trabalho, como uma passagem, desejando algo melhor no futuro, mesmo não sabendo exatamente o que querem, como em alguns casos. O que permeia os jovens são algumas situações que os desmotiva no trabalho atual, como por exemplo: distância do trabalho, acordar cedo, não considerar a função como uma profissão, repetição da atividade, o trabalho não ser na área de estudo que pretende no futuro.

A mudança desejada vem para eles como algo que traga satisfação, que tenha algum sentido e valor na vida. As indicações de condições de ambiente de trabalho inadequadas, e o sofrimento ligado ao acidente, podem ter repercutido em seu processo de desenvolvimento. O maior desafio que esses jovens deveriam ter no momento, seria o estudo, possibilitando a passagem da fase de transição para a fase adulta, com todas as potencialidades proporcionadas pelas condições que os permeiam.

Como Vygotsky (2012) apresenta, o interesse é diferente em cada fase da vida. Como os jovens participantes da pesquisa afirmam, querem algo diferente para o futuro, pois surgirão outros interesses, outras forças impulsionadoras, após este momento. Vygotsky (2012), fala que faz parte do desenvolvimento dos interesses, as novas atrações e a maturação decorrente deles.

Leontiev (2004), afirma que na fase de transição, o adolescente tem percepção de si, se torna mais crítico com o que está ao seu redor, e desenvolve a sua forma de enxergar o mundo.

Constata-se que as atividades não estão a contento da capacidade e o potencial dos jovens participantes. Eles esperam algo melhor para suas vidas. A que ponto estes trabalhos trouxeram desenvolvimento psíquico, proporcionando um amadurecimento, desenvolvimento de capacidades, habilidades, propiciando a estimulação da criatividade?

## **(2d) Estudo**

Dos jovens que estavam estudando, Amanda foi a que mais perdeu conteúdo e afastamento das relações com os pares, por ter ficado mais tempo afastada da escola. O estudo

é a principal atividade, que contribui para o desenvolvimento psíquico dos adolescentes, estimulando a imaginação para que se concretize, pela criatividade.

Os prejuízos decorrentes do acidente de trabalho são tão importantes quanto a discussão do trabalho precoce na vida dos jovens, por haver uma competição desta atividade com a escolar, pois o tempo que o jovem teria para a dedicação ao estudo, pode ser transferido para o seu trabalho. O acúmulo de atividades, também repercute em sua qualidade de vida por ter todo o seu tempo preenchido.

*Daí eu saio, volto aqui pra casa, almoço e já vou lá para o X [supermercado que trabalha] e já deu a hora né, que já é duas horas. (Pedro)*  
*[...] eu costumo pegar no máximo 3 festas por semana, porque eu estudo período integral, aí é mais de sábado e domingo, sábado e domingo que eu pego e é mais ou menos isso. Tem semana que eu vou e tem semana que eu não vou, por conta de horário e de dia, mais é mais ou menos 3 festas na semana com a duração de mais ou menos de 3, 4 horas de festa. (Amanda)*

Porém, o retorno imediato do trabalho pode ser mais atrativo do que a educação, em uma sociedade capitalista, por possibilitar a aquisição de bens de consumo. Por vezes, o jovem que necessita trabalhar abandona a escola, pela falta de atratividade oferecida aos alunos pelo sistema de ensino, já que realizar as duas atividades é desgastante. Porém, para outros jovens, com condições de vida mais favoráveis, há possibilidade de prolongamento da permanência na escola, com retardamento do ingresso no mercado de trabalho e mais dedicação aos estudos, portanto com maior chance de preparação para assumir trabalhos mais qualificados.

Um dos jovens entrevistados optou por deixar a escola, como ocorre com muitos jovens inseridos precocemente no trabalho.

*Tem um bom tempo. Devo ter parado ah sei lá, com uns... foi no final do... quase fazendo dezessete anos por aí [quando perguntado com que idade parou de estudar]. [...]. Eu não era muito fã de escola ... (Fernando)*

O trabalho acaba por competir com a escola, torna-se atrativo por ter retorno que vá suprir as necessidades de consumo imediatas, enquanto a educação configura-se em investimento em longo prazo. Mas o trabalho é um tomador de tempo, ocupando boa parte daquele que seria destinado a outras atividades importantes para a formação do jovem, como dedicação ao estudo, o lazer, a cultura, por exemplo.

Em parte, a priorização da atividade trabalho na vida dos jovens, está relacionada à visão que a nossa sociedade tem de que a melhor forma de tirar adolescentes e crianças de situação socioeconômica desfavorável, acontece por meio do trabalho, a qual pode ser considerada como reducionista (CRUZ; NETO; MOREIRA 2001). Os autores afirmam que o

sistema de ensino de qualidade, é a melhor opção para formar jovens críticos, agregando a um saber acima das ideologias, com oportunidade de adquirir conhecimento dos seus direitos, preparando-os para a vida, capacitando-os na superação de problemas.

Na fase da adolescência, tem um determinado momento, o mundo dos adultos deixa de ser referência para os adolescentes, e o que prevalece é o interesse nas relações íntimas, o contato com os pares, e, desta forma, o interesse voltado para o estudo tem uma queda deixando de ser a atividade principal (MESQUITA, 2010). O que o autor quer dizer é que, na escola, ocorre o contato com outros jovens, possibilitando as relações íntimas. O que muda é o interesse, e por isso a qualidade no estudo tem uma queda acentuada.

Desta forma, pode-se considerar que este fator também motive a desistência da escola, e motive a continuidade no trabalho, porque o trabalho é necessidade imediata (difícil desistir dele), e permite também os vínculos com pares que tenham o mesmo interesse. Porém, Pereira e Sales (2016), discordam, pois consideram que a conciliação entre trabalho e estudo, traz dificuldades para a vida dos jovens, e é provável que a maioria deles, se pudesse escolher, optaria por apenas estudar e não trabalhar.

Por um lado, a sociedade acredita estar tornando as pessoas jovens mais responsáveis, mais dignas ao aceitar o trabalho de forma precoce, porém se esquece, como apresentado por Dias (2007), que o trabalho também é gerador de adoecimento e sofrimento.

Um jovem cansado não terá a mesma rentabilidade nos estudos, do que outro que apenas estuda, além de que, o trabalho pode provocar danos fisiológicos e psicológicos, dificultando a aprendizagem e conseqüentemente, o desenvolvimento. Caetano et. al (2008), afirma essa condição de prejuízo na musculatura e parte óssea em adolescentes que iniciaram a vida laboral precocemente, apontando que os que tinham maior desgaste físico, a chance desse dano era maior.

Os resultados desta pesquisa sugerem que a inserção do jovem no processo produtivo caracteriza-se como inclusão perversa, conforme apresentado por Dias (2014). Segundo a autora, através do trabalho que o jovem adquirirá experiência, e poderá consumir bens conforme sua necessidade imediata, porém, por não se tratar de atividades com possibilidade de criação, sendo em sua maioria consideradas repetitivas e monótonas, sem estímulo à imaginação, esta inclusão é perversa. No presente estudo, a perversidade se materializa também na ocorrência do acidente com lesão.

Os benefícios de manter os adolescentes na escola estão diretamente ligados com o aumento da expectativa e condições de trabalho favorável na vida adulta e o inverso disso traz custos a toda a sociedade (MINAYO-GOMEZ e MEIRELLES, 1997).

O desenvolvimento global das pessoas terá melhor qualidade, quando, no momento da adolescência, elas participarem de ambientes que proporcionem saltos qualitativos, colaborando para o pleno amadurecimento, permitindo tornarem-se adultos capazes de realização pessoal e social, sabendo lidar com as adversidades apresentadas pela vida. A educação formal contribui para proporcionar um desenvolvimento de qualidade. O trabalho nesse momento da vida, como relatado pelos entrevistados, pode atrapalhar o estudo, o que também afeta a qualidade do desenvolvimento psíquico, reduzindo as possibilidades de utilização da criatividade.

A legislação, protege contra trabalhos com a função de exploração econômicas dos jovens, é contra trabalhos perigosos ou com prejuízos à educação (BRASIL, 1990a) e o que vemos na presente pesquisa, são trabalhos que parecem inofensivos do ponto de vista social, porém, neles ocorrem acidentes de trabalho que colocam em risco a saúde e prejudicam os estudos por competir com a escola.

Assim, a ocorrência de acidente de trabalho, trouxe ainda mais prejuízo na dimensão estudo, para o desenvolvimento psicológico e físico dos jovens participantes desta pesquisa, acrescentando sofrimento em suas vidas. Necessita ser discutido, inclusive, com indicação de revisão do ECA, para direcionar ações voltadas a experiências vivenciadas por jovens nessa condição de trabalho, dito protegido.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo compreender a vivência de adolescentes que sofreram acidente de trabalho. Os resultados indicam que o acidente de trabalho ocasionou consequências psíquicas e físicas para a vida dos jovens, apontando que o trabalho não acompanha as necessidades para o desenvolvimento, importante nesta fase de transição, competindo com a atividade escolar. Os resultados da pesquisa podem ser considerados de relevância, por apontar o contexto dos adolescentes nas relações de trabalho, e por levar em consideração a voz dos jovens trabalhadores, vivenciando a experiência traumática do acidente ocupacional, violência presente, como vimos na vida de muitos jovens do município de Piracicaba. Por esse motivo, e por tantos outros abordados na presente pesquisa, sugere-se que sejam realizados outros estudos explorando este tema, com proposta relacionada a aspectos referente aos núcleos temáticos analisados.

O presente estudo apresentou algumas limitações, iniciando-se com a dificuldade de contato com os adolescentes, para participação na pesquisa. Em decorrência desta, outro aspecto refere-se ao número de participantes, pois um maior número de entrevistados poderia ter favorecido análise mais ampla do problema, foco do estudo, apesar de tratar-se de estudo qualitativo, no qual a quantidade de participantes não é elemento central. A realização do estudo em uma cidade de médio porte do estado de São Paulo, embora ela tenha importância no contexto de desenvolvimento nacional, pode ser apontada como outro limite devido à diversidade de cenários socioeconômico e cultural do país.

Apesar destas limitações, os resultados demonstraram a importância da investigação, por possibilitar dar voz aos jovens trabalhadores, diante da vivência delicada pela qual passaram, precocemente encarando as dificuldades em condições de trabalho precárias, que colocou suas vidas em risco.

Nesta dissertação, pode-se constatar que os adolescentes estão inseridos em situação de trabalho adulto precarizado, sem diferenciação que os coloque em proteção necessária, para esta fase de desenvolvimento. Assim, também vivenciaram acidentes semelhantes aos que ocorrem com os trabalhadores adultos, sem disporem dos mesmos mecanismos de enfrentamento. O trabalhador jovem, não tem poder de atuação e defesa de seus direitos sociais, por apresentar-se em situação de vulnerabilidade, decorrente de seu momento de vida.

Na origem da ocorrência dos acidentes de trabalho dos participantes desta pesquisa, estão fatores como, a atividade ser diferente do habitual, a falta de experiência, bem

como a falta de elementos de segurança, verificado também em outras pesquisas realizadas com adultos. Verificou-se que o contexto do trabalho relacionado às relações de trabalho, ambiente e condições, sobrecarga, dentre outros fatores, influenciam no aumento dos riscos de acidente de trabalho.

Os participantes estão inseridos em uma situação na qual não existe um coletivo e nem uma cultura de segurança para realizar questionamentos sobre o planejamento. Percebe-se que os responsáveis pela gestão da produção e da segurança não se preocupam com a proteção do vulnerável, não acionam a segurança prevista em lei, nem adotam concepção de antecipação do risco.

A eliminação do trabalho adolescente seria uma alternativa plausível, porém sabe-se dos outros determinantes presentes em nossa sociedade, para que ainda exista o trabalho jovem precoce no país. Demandaria também, uma articulação com outras esferas: políticas, sociais, econômicas e culturais.

A pesquisa apresentou a falta de reconhecimento dos direitos individuais e coletivos, e as impossibilidades de enfrentamento. Os destaques são em relação: aos desafios técnicos e políticos da prevenção de acidentes de trabalho com a população jovem, principalmente no contexto de crise econômica, de escassez de recursos e de elevada competitividade; a urgência de políticas de estímulo à cultura de segurança, com estratégias que priorizem a eliminação das práticas de naturalização de riscos, e de reconhecimento da condição de cidadania dos adolescentes.

A maioria dos jovens entrevistados, não recebeu treinamento anterior para realizar a atividade na qual sofreu o acidente de trabalho, o que seria fundamental, apesar de desempenharem funções de menor complexidade, com baixa exigência de qualificação e sem contribuição para o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores.

Para os jovens participantes da pesquisa, o acidente de trabalho provocou afastamento por incapacidade temporária do ambiente laboral, gerando também ausência em outras atividades de rotina, como a escolar, e trouxe a vivência de sentimentos negativos como a ansiedade, a raiva, o ódio e o medo. Acarretou, portanto, marcas físicas e psicológicas.

Neste sentido, as políticas públicas devem priorizar o atendimento e tratamento de adolescentes envolvidos nos acidentes de trabalho, visto a necessidade de cumprimento das normas estabelecidas para a Saúde do Trabalhador, sendo importante a busca ativa das vítimas, considerando que o acidente de trabalho pode incorrer em consequências em longo prazo. As estratégias de vigilância e promoção da saúde no acompanhamento das empresas

são fundamentais, para evitar novas ocorrências com aqueles que já se encontram inseridos no mercado de trabalho. As políticas públicas necessitam criar condições a fim de que a análise dos acidentes de trabalho com jovens seja prioridade concreta.

Está claro, que existe um grande contingente de adolescentes inseridos no mercado de trabalho, e que as condições de trabalho, conforme as analisadas nesta pesquisa, não oferecem as condições de trabalho consideradas propícias, conduzindo a um desenvolvimento saudável. O ECA tem a incumbência de proteger os jovens, da exploração de trabalho que gera danos ao desenvolvimento físico e psíquico, e que não prejudique a escola. É necessário, portanto, rediscutir a legislação e as diretrizes das políticas públicas, criando soluções, para que se consiga eliminar as inserções precoces e precárias, viabilizando a priorização do estudo e a permanência do adolescente nas escolas, evitando, desta forma, colocá-los em situações perigosas.

A necessidade de recursos financeiros, bem como a de adquirir experiência, em contexto de grande competição no mercado de trabalho empurra os jovens para o emprego precoce e esta situação, contraditoriamente, faz com que os adolescentes não tenham capacitação específica e aprofundada. O conhecimento da atividade fica superficial, aumentando o risco para a saúde do trabalhador.

A falta de discussão de ações de prevenção, promoção e proteção da saúde de adolescentes que estão inseridos em atividades laborais, promove a naturalização das condições de trabalho desfavoráveis por parte das entidades governamentais, e a sociedade em geral.

Existem poucos estudos qualitativos que tratam de dar voz aos adolescentes, ainda mais em se tratando de uma questão tão complexa quanto o acidente de trabalho, o que pode ser considerada uma abertura para que novas pesquisas sejam realizadas. Dessa forma poderá ser ampliada a compreensão dos mecanismos de que dispõe o sistema de produção, ao tratar da inserção de jovens no mercado de trabalho, e verificar a vivência e o lugar que ocupam em nossa sociedade, no momento atual. Pode-se inclusive, potencializar a participação desta população na discussão de políticas públicas que envolvam a saúde dos adolescentes trabalhadores.

Ao criar condições para compreender tal situação, abre-se oportunidade para entender as atividades para as quais os adolescentes são colocados, e porque tal situação ocorre. As nuances obtidas a partir desta pesquisa são importantes, porém não conclusivas, diante da complexidade do sistema produtivo.

Seria de extrema importância, criar uma estratégia de comunicação direta com os jovens, numa linguagem de fácil acesso, com a intenção de levar informações sobre a violência que o trabalho pode trazer, quando não adequado às condições de desenvolvimento dos adolescentes, principalmente dos riscos de acidente, pois, quando entram no mercado de trabalho, em geral, buscam por independência financeira, para comprar bens de consumo, ou pela necessidade de ajudar a família, desconhecendo os riscos envolvidos nos processos laborais. Isto pode ser uma estratégia de aproximação deste problema que é muitas vezes naturalizado, e não tem tido muitas consequências para as empresas.

As estratégias sociais para combater este tipo de evento, devem levar em conta o macro contexto do processo produtivo, desde a inserção no trabalho, até a ocorrência do acidente ou do adoecimento. A começar pelo sistema de ensino, que deveria propiciar aos jovens, condições para maior permanência nos estudos, e priorizar o desenvolvimento integral dos jovens, para que se tornem adultos saudáveis, com capacidade para o trabalho de qualidade.

Caso não haja mobilização social para proteger jovens trabalhadores menores de dezoito anos da lógica capitalista adoecedora, poderemos ter no futuro uma população dessas mesmas pessoas, já adultas, fortemente adoecidas e sem potência de ação.

Portanto, já que existe um grande contingente de jovens inseridos no mercado de trabalho, por diversas razões, e que as políticas públicas não dão conta de eliminar rapidamente o trabalho precoce, seria importante, ao menos, proporcionar condições mais favoráveis nos ambientes onde os adolescentes estiverem inseridos, conduzindo a um desenvolvimento e amadurecimento saudável, orientando para atividades de aprendizagem, com possibilidade de fluidez da criatividade.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO; TORRES, 2004 Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 067-076, Set./Dez. 2004.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Rev. Bras. Estud. Pedag.* 94, n. 236, 299-322, 2013.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleo de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência. Prof.*, 26, n. 2, 222-245, 2006.
- ALMEIDA I. M; FILHO J. M. J. Acidentes e sua Prevenção. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 32, n 115: 7-18; 2007.
- ALMEIDA, I. M. et al. Modelo de Análise e Prevenção de Acidentes - MAPA: ferramenta para a vigilância em Saúde do trabalhador. *Ciênc. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, p. 4679-4688, Dec.2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232014001204679&lng=](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014001204679&lng=)
- ALMEIDA, I. M; VILELA, R. A. G; SILVA, A. J. N, (colaboradores). Modelo de análise e prevenção de acidentes de trabalho – MAPA. Piracicaba: CEREST, 2010.
- ALMEIDA, I. S; AMARAL, J. S; GOMES, C. S; DIAS, M. O, SILVA, P. F. C. Grupo de adolescentes como estratégia de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos. *Adolesc Saúde*.v. 2, n.11, p. 87-91, 2014.
- ALMEIDA, P. C. A.; BARBOSA-BRANCO, A. Acidentes de trabalho no Brasil: prevalência, duração e despesa previdenciária dos auxílios-doença. *Rev. bras. saúde ocup.* [online]. 2011, vol.36, n.124, pp.195-207. ISSN 0303-7657. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572011000200003>.
- AMALBERTI, R. Gestão de segurança: teorias e práticas sobre as decisões e soluções de compromisso necessárias. Tradução Dayane Mussulini; revisão Flora Maria Gomide Vezzà. Botucatu: FMB-UNESP, 2016.
- AMAZARRAY, M. R. et al. Aprendiz versus Trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 2, n. 3, p. 329-338, 2009.
- ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. Unicamp, 1998.
- ANTUNES, R; PRAUN, L. The society of illness at work. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2015, n.123, pp.407-427. ISSN 0101-6628. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.030>.

AQUINO, J. M.; FERNANDES, M. M; PAZELLO, E. T; SCORZAFAVE, L. G. Trabalho infantil: persistência intergeracional e decomposição da incidência entre 1992 e 2004 no Brasil rural e urbano. *Rev. econ. contemp.* [online]. 2010, vol.14, n.1, pp.61-84. ISSN 1415-9848. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-98482010000100004>.

AQUINO, J. M.; FERNANDES, M. M; PAZELLO, E. T; SCORZAFAVE, L. G. Trabalho infantil: persistência intergeracional e decomposição da incidência entre 1992 e 2004 no Brasil rural e urbano. *Rev. econ. contemp.* [online]. 2010, vol.14, n.1, pp.61-84. ISSN 1415-9848. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-98482010000100004>.

AQUINO, L M. C. A juventude como foco das políticas públicas. In J. A. Castro, L. M. C. Aquino & C.C. Andrade (Orgs.). Brasília: IPEA, p. 25-39, 2009.

ARAÚJO, A. M. C; LOMBARDI, M. R. Trabajo informal, género y raza en Brasil al inicio del siglo 21. *Cad. Pesqui.*, São Paulo , v. 43, n. 149, p. 452-477, Agosto. 2013 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010015742013000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742013000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742013000200005>.

ARAÚJO, T. M; KARASEK R. Validity and reliability of the job content questionnaire in formal and informal jobs in Brazil. *SJWEH Supplements*, n. 6 p. 52-59, 2008.

AREOSA, J. As percepções de riscos dos trabalhadores: qual a sua importância para a prevenção de acidentes de trabalho? In: Veloso Neto H.A., Areosa J., Arezes P., organizadores. Impacto social dos acidentes de trabalho. Vila do Conde: Civeri Publishing; p. 65-97, 2012.

AREOSA, J. Comentário ao artigo “A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho” – Christophe Dejours e a Psicodinâmica do Trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n. 33, v.2, 29 – 41, 2013.

AREOSA, J. Do risco ao acidente: que possibilidades para a prevenção? *Revista Angolana de Sociologia*. [online], 4, 2009.

AREOSA, J; DWYER, T. Acidentes de trabalho: uma abordagem sociológica. *Configurações [Online]*, 7 | 2010, posto online no dia 18 Fevereiro 2012, consultado o 21 junho 2017. URL: <http://configuracoes.revues.org/213>; DOI: 10.4000/configuracoes.213.

AREOSA, J; NETO, H. V. Sociedade dos riscos emergentes”, in H. V. Neto; J. Areosa; P. Arezes (eds.), Manual sobre riscos psicossociais no trabalho. Vila do Conde: Civeri Publishing, p. 6-23, 2014

ASMUS, C. I. R. F et al. Riscos ocupacionais na infância e na adolescência: uma revisão. *Jornal de Pediatria*. v. 4, n. 72, mai-jun, 1996.

- AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G; MENDES A. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 20, n. 1, p. 34-55, 2014 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682014000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 jan. 2018. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p34>.
- AYRES, L. S. M; PEREIRA, L. C.; CARDOSO, A. P. O abrigo e as redes de proteção para a infância e a juventude. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 125-136, jan/abr., 2009.
- BARATA, R. C. B; RIBEIRO, M. C. S. A; MORAES, J. C. Acidentes de trabalho referidos por trabalhadores moradores em área urbana no interior do Estado de São Paulo em 1994. *Inf. Epidemiol. SUS*, jul-set, v.9, n. 3, p. 199-210, 2000.
- BARRETO, M.; HELOANI, R. Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais. *Serviço Social e Sociedade*. [online] n. 123 [citado 13 maio 2017], p. 544-561, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n123/0101-6628-ssoc-123-0544.pdf>. Acesso em 13 mai. 2017.
- BARROCO, S. M; SUPERI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*. V. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.
- BARROS, R. P.; MENDONÇA, R. Trabalho infantil no Brasil: Rumo à erradicação. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n. 1506, 2010.
- BASTOS, H. L. Acidentes de Trabalho e suas Repercussões na Saúde Mental. Disponível em: <https://www.administradores.com.br/artigos/carreira/acidentes-de-trabalho-e-suas-repercussoes-na-saude-mental/55797/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2018.
- BEZERRA, S. C. Considerações sobre o trabalho infantojuvenil. 2011. Acessado em: 28 de janeiro de 2014. Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/download/consideracoes\\_trabalho\\_infanto\\_juvenil.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/download/consideracoes_trabalho_infanto_juvenil.pdf)
- BERNARDO, M. H. Flexibilização do discurso de gestão como estratégia para legitimar o poder empresarial na era do toyotismo: uma discussão a partir da vivência de trabalhadores. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 12, n. 1, 93-109, 2009.
- BINDER M.C.P; ALMEIDA, I. M. Acidentes do Trabalho: Descompasso entre avanços do conhecimento e a prevenção. In Mendes, R. *Patologia do Trabalho*. Belo Horizonte: Atheneu, p. 701-751, 2013.
- BINDER, M. C. P; ALMEIDA, I. M. Estudo de caso de dois acidentes do trabalho investigados com o método de árvore de causas. *Cad. Saúde Públ: Rio de Janeiro*. v.13, n. 4, 749-760, 1997.

- BOCK, A. M. B.. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Esc. Educ.*, Campinas v. 11, n. 1, p. 63-76, junho 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1)
- BORSONELLO, E. C; SANTOS, L. C.; SCHMIDT, M. L. G; ANDRADE, T. G. C. S. A influência do afastamento por acidente de trabalho sobre a ocorrência de transtornos psíquicos e somáticos. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2002, vol.22, n.3, pp.32-37. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000300006>.
- BRAGA, P. D; MOLINA, M. C. B; FIGUEIREDO, T. A. M. Representações do corpo com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Ciência & Saúde Coletiva* [online] 2010, v.15, n.1. p. 87-95. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/630/63012432010.pdf>. Acesso em: 06 janeiro 2018. ISSN 1413-8123.
- BRITO, J. C. Enfoque de gênero e relação saúde/trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2000, vol.16, n.1,p.195-204. ISSN 1678-4464. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2000000100020>.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De15452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De15452.htm). Acesso em 25 set. 2017.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990a. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 24 de fev. 2017.
- BRASIL. Decreto nº 99710, de 21 de novembro de 1990b. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d99710.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm). Acesso em 07 de março de 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. OPAS no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Organizado por Elizabeth Costa Dias, colaboradores Ildeberto Muniz de Almeida et al. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Notificação de acidentes do trabalho fatais, graves e com crianças e adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, p. 32, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; Saúde do Trabalhador - Protocolos de Complexidade Diferenciada)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan: normas e rotinas. Série A. Normas e manuais técnicos, 2007. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0098\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0098_M.pdf)>. Acesso em 16 ago 2017.



BRASIL. Decreto nº de 12 de junho de 2008. Regulamenta os artigos 3º, alínea “d”, e 4º da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm). Acesso em 03 abril 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Lei nº 12.864, de 24 de setembro de 2013. Altera o caput do art. 3º da Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, incluindo a atividade física como fator determinante e condicionante da saúde. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12864.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12864.htm). Acesso em 23 abr. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm). Acesso em 17 jan. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro. 2009

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pnad 2014. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>. Acesso em 23 mar 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, p. 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em 06 out 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pnad Contínua. Trabalho Infantil 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101388.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Panorama município de Piracicaba, IBGE: 2017. Acesso em: 17 jan. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/piracicaba/panorama>.

BRASIL. Portaria n. 25, de 29 de janeiro de 1994. Norma regulamentadora n.9 – Riscos Ambientais. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho. Acesso em 01 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR09/NR-09-2016.pdf>

BRASIL. Portaria nº 204, de 17 de fevereiro de 2016. Disponível em:  
<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0204\\_17\\_02\\_2016.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0204_17_02_2016.html)> Acesso em:  
13 mai 2017.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).  
Panorama município de Piracicaba, IBGE: 2017. Acesso em: 17 jan 2018  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/piracicaba/panorama>.

CAETANO, V. C; RIBEIRO, L. C; CRUZ, D. T. ASMUS, C. I. R. F. Desordens músculo-  
esqueléticas em adolescentes trabalhadores. *Ver. Bras. Crescimento desenv. Hum.* São  
Paulo. V. 18. N. 3, p. 264-274, 2008.

CAMARA, S. G; SARRIERA, J. C. Critérios de seleção para o trabalho de adolescentes-  
jovens: perspectiva dos empregadores. *Psicol. estud.* [online]. 2001, v. 6, n. 1, p.77-84. ISSN  
1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722001000100010>.

CAMPOS, J; DEL, A. P., PEREIRA, Z. Depressão na adolescência: habilidades sociais e  
variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção. *Estudos em Psicologia.* 14 (2):  
408-428, Acesso em 01 de fevereiro de 2018. Disponível em: [http://www.redalyc.org/  
comocitar.oa?id=451844508003](http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=451844508003)

CARDOSO, A. C. M. Organização e intensificação do tempo de trabalho. *Soc. Estado*  
[online]. 2013, vol.28, n.2, pp.351-374. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000200009>.

CASTRO, L. A politização (necessária do campo da infância e da adolescência. *Revista  
Psicologia Política* [Online], 7 (14). 2008. Disponível: [http://www.fafich.ufmg.br/  
~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=32](http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=32). Acesso em 12/12/2017.

COELHO, R. N; AQUINO, C. A. B. Inserção laboral, juventude e precarização. *Rev. psicol.  
polít.*, São Paulo , v. 9, n. 18, p. 275-289, dez. 2009 . Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X200900020000](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X200900020000).

CONTI, M. A; GAMBARDELLA, A. M D; FRUTUOSO, M. F P. Insatisfação com a  
imagem corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. *Rev. bras.  
crescimento desenvolv. hum*, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 36-44, ago. 2005 . Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822005000200005&ln  
g=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000200005&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 13 dez. 2017.

CORDEIRO, R; PRESTES, S. C; CLEMENTE, A. P. G, DINIZ, C. S; SAKATE, M;  
DONALISIO, M. R. Incidência de acidentes do trabalho não-fatais em localidade do Sudeste  
do Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2006, vol.22, n.2, pp.387-393. ISSN 1678-4464.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000200016>.

CORDEIRO, R.; SKATE, M. C.; A. P. G.; DINIZ, C. S; DONALISIO, M. R. Subnotificação  
de acidentes do trabalho não fatais em Botucatu, SP, 2002. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n.  
2, p. 254-260, 2005 (a).

- CORDEIRO, R; VILELA, R. A. G; MEDEIROS, M. A. T; GONÇALVES, C. G. O; BRAGANTINI, C. A; VAROLLA, A. J; STEPHAN, C. O sistema de vigilância de acidentes do trabalho de Piracacicaba, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 21, n.5, 1574-1583, set-out, 2005(b).
- COSTA, C. P. M; OLIVEIRA, D. C; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M.; SANTO, C. C. E. A ocorrência de acidentes de trabalho na adolescência e o uso de equipamentos de segurança. *Ver. Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 423-8, 2012.
- CRUZ, R. M; MACIEL, S. K. Perícia de danos psicológicos em acidentes de trabalho. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 120-129, dez. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-2812005000200012&lng](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-2812005000200012&lng)>
- CRUZ NETO, O; MOREIRA, M. R. Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1998, vol.14, n.2, pp.437-441. ISSN 1678-4464. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1998000200021>.
- DAUNIS, R. *Jovens: desenvolvimento e identidade*. Troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal. p. 304, 2000.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Prod.* [online]. 2004, vol.14, n.3, pp.27-34. ISSN 0103-6513. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>. Acesso em: 08 jan 2018.
- DIAS, M.D.A. Jovens Trabalhadoras e o Sofrimento Ético-Político. *Psicologia & Sociedade*, vol. 26, núm. 2, 2014, pp. 93-102.
- DIAS, Maria Dionísia do Amaral. *A saúde de trabalhadores jovens como indicador psicossocial da dialética exclusão/inclusão. Estudo de caso com jovens operárias em indústrias de confecção*. 2007, 194f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). PUC, São Paulo.
- DIEESE. *Anuário de saúde do trabalhador*. São Paulo: DIEESE, 2016.
- DIESAT. Boletim Informativo do DIESAT. Trabalho decente é um direito de todos. São Paulo: DIESAT, setembro, 2010. Disponível em: [http://www.setorgrafico.org.br/saude\\_do\\_trabalhador/Informativo%20do%20DIESAT%20-%20setembro%20de%202010.pdf](http://www.setorgrafico.org.br/saude_do_trabalhador/Informativo%20do%20DIESAT%20-%20setembro%20de%202010.pdf)
- FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostki. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.
- FARIAS, S. H; LUCCA, S. R. Perfil dos trabalhadores vítimas de acidente de trabalho grave usuários de prótese do programa de readaptação profissional. *Revista Baiana de Saúde Pública*. v. 37, n. 3, p. 725-738, 2013. Acesso em: 16 jan 2018. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2013/v37n3/a4471.pdf>
- FERREIRA, A. F. F. Trabalho Infantil e produção acadêmica nos anos 90: tópicos para reflexão. *Estudos Psicol.*, v.6, n.2, 213-225, 2001.

- FERREIRA, M. C; MENDES, A. M. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estud. Psicol.* Natal [online], 2001, vol.6, n.1, pp.93-104. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100010>.
- FISCHER, F. M. et al. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, [online]. 2003(a), v.8, n.4, pp.973-984. ISSN 1678-4561. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000400019>.
- FISCHER, F. M; MARTINS, I. S; OLIVEIRA, D. C. Relatório final do projeto: saúde, educação e trabalho nos municípios de Monteiro Lobato e Santo Antônio do Pinhal, SP. São Paulo. v.3, 2000.
- FISCHER, F. M; OLIVEIRA, I.S; OLIVEIRA, D.C; TEIXEIRA, L.R; LATORRE, M.R; COOPER, S.P. Occupational accidents among middle and high school students of the state of São Paulo. *Rer. Saúde Pública*, v. 37, n.3, p. 351-6, 2003(b).
- FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL (FNAPETI). O trabalho infantil doméstico no Brasil: avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2008-2011), 2013, Junho. Disponível em: <[http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/doc/pnad\\_ti\\_ibge\\_web\\_1043.pdf](http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/doc/pnad_ti_ibge_web_1043.pdf)>. Acesso em: 04 set 2016.
- FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Rev. bras. saúde ocup.* [online]. 2010, vol.35, n.122, pp.229-248. ISSN 0303-7657. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006>.
- FRASEE, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.
- FRENZEL, H. S; BARDAGI, M. P. Adolescentes trabalhadores brasileiros: um breve estudo bibliométrico. *Rev. Psicol., Organ. Trab.* [online]. 2014, vol.14, n.1 [citado 2018-01-11], pp. 79-88. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-665720140001000](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-665720140001000)>.
- FUNDACENTRO. Diretrizes sobre sistemas de gestão da segurança e saúde no trabalho. São Paulo, p. 48, 2005.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. Atlas, 2007.
- GONZALEZ, R. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In J. A. Castro, L. M. C. Aquino & C.C. Andrade (Orgs.). Brasília: IPEA, p. 25-39, 2009.
- GUIMARÃES, R. M; ASMUS, C. I. F. Desigualdades sociais e trabalho infantil no Brasil. *Cad. Saúde Cole:* Rio de Janeiro. v. 18, n. 4, p. 572-7, 2010.

HORTA, N. C; SENA, R. R. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Physis* [online]. 2010, vol.20, n.2, pp.475-495. ISSN 1809-4481. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312010000200008>.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). *Global child labour trends 2008 to 2012*. International Programme on the Elimination of Child Labour (IPEC). Geneva: ILO, 2013.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil?. *Nova econ.* [online]. 2007, vol.17, n.2, pp.323-350. ISSN 0103-6351. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512007000200005>.

LANCMAN, S. (Org.). *Políticas públicas e processos de trabalho em saúde mental*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cad. psicol. soc. trab.* [online]. 2003, vol.6, pp. 79-90. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v6/v6a06.pdf> Acesso em: 06 jan 2018. ISSN 1516-3717.

LACHTIM, S. A. F; SOARES, C. B. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trab. educ. saúde (Online)*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 277-294, out. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000200007>.

LÈON, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: Freitas MV, org. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa; 2005. p. 9-18.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. El desarrollo psíquico del niño em la edad preescolar. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (orgs.) *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS* (Antología). Moscou, Progreso, p.57-70, 1987.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. México: Editorial Cartago, 1984.

LIMA, C. A; BARROS, E. M. C; AQUINO, C. A. B. Flexibilização e intensificação do trabalho e suas consequências para o trabalhador: manifestação da precarização do trabalho e suas consequências para o trabalhador. *Revista Labor*, v. 1, n. 7, p. 102-125, mar. 2017. ISSN 1983-5000. Acesso em: 15 jan. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/Labor/article/view/6708>.

LIMA, L.; PIRES, D. E. P.; FORTE, E. C. N; MEDEIROS, F. Satisfacción e insatisfacción en el trabajo de profesionales de salud en atención básica. *Esc. Anna Nery* [online], 2014, vol.18, n.1, pp.17-24. ISSN 1414-8145. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140003>.

- LIMA, M. B; RIBEIRO, D. F; ANDRADE, A. S. Percepções de crianças e adolescentes sobre o seu trabalho informal. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 48-66, abr. 2011.
- LLORY, M; MONTMAYEUL, R. O acidente e a organização. Tradução: Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, p. 192p. 2014.
- LOURENCO, E. A. S. Reestruturação produtiva, trabalho informal e a invisibilidade social do trabalho de crianças e adolescentes. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2014, n.118, pp.294-317. ISSN 0101-6628. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282014000200005>.
- LUCAS, M. R. Trabalho, racionalização e emancipação: de Marx ao marxismo, e a volta. *Trabalho, Educação, Saúde*, v.14, n. 3, 643-677, set-dez, 2016.
- MATTOS, E; CHAVES, A. M. Trabalho e escola: é possível conciliar? A perspectiva de jovens aprendizes baianos. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.3, pp.540-555. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000300008>.
- MARTINS, I. S; FISCHER, E. M; OLIVEIRA, D. C; TEIXEIRA, L. R; COSTA, L.A.C; MARINHO; S. P; PERESTRELO, J. P. P; LATORRE, M. R. D. O; COSTA, L. A. R. Growth and work among elementary and high school students in São Paulo, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 19-25, fev. 2002. ISSN 1518-8787. Available at: <<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/25297>>. Acesso em: 06 jan 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102002000100004>.
- MESQUITA, A. M.. *A motivação do aprendiz para a aprendizagem escolar: a perspectiva histórico-cultural*. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara.
- MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 10 (Supl.1), p. 07-18, 1994.
- MINAYO-GOMEZ, C.; MEIRELLES, V. Z. Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 13 (Supl. 2), p. 135-140, 1997.
- NAGAI, R; LEFÈVRE, A. M. C; LEFÈVRE, F; STELUTI, J. TEIXEIRA, L. R; ZINN, L. C. S; SOARES, N. S; FISCHER, F. M. Conhecimentos e práticas de adolescentes na prevenção de acidentes de trabalho: estudo qualitativo. *Rev. Saúde Pública* [online]. 2007, vol.41, n.3, pp.404-411. ISSN 1518-8787. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000300012>.
- NAIME, F. F. Manual de tratamento da dor [livro eletrônico]: dor aguda e dor de origem oncológica: tratamento invasivo. Barueri, SP: Minha Editora, 2013. ISBN 978-85-7868-106-7.
- NAVARRO, L., GERVAI, S., NAKAYAMA, PRADO, A. S. (2016), A dificuldade de aprendizagem e o fracasso escolar. *J Res Spec Educ Needs*, 16: 46–50. doi:10.1111/1471-3802.12267.

NETO, H. V. Estratégias de gestão e intervenção sobre riscos psicossociais do trabalho. *International Journal on Working Conditions*. n. 9, p. 21, 2015.

NEVES, M. A.; PEDROSA, C. M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Soc. estado*. [online]. 2007, vol.22, n.1, pp.11-34. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922007000100002>.

NOVAES, R. Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas. [Edição brasileira] OBSERVATÓRIO da Cidadania. Dignidade e direitos. Rio de Janeiro, n. 11, p. 118, 2007. Disponível em: <<http://www.socialwatch.org/node/9346>>. Acesso em: 13 dez 2017.

OLIVEIRA, A. G. C. *As políticas públicas e os esforços para a erradicação do trabalho infantil no Brasil*. 2012, 57f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

OLIVEIRA, S. G; RESSEL, L. B. Grupos de adolescentes na prática de enfermagem: um relato de experiência. *Cienc Cuid Saúde*. [online]. 2010, v. 1, n 26, p. 144-148. ISSN 1984-7513. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaudearticle/view/10563/5758>. Acesso em: 17 dez 2017.

OLIVEIRA, D. C; FISCHER, F. M; TEIXEIRA, M. C. T. V; SÁ, C. P; GOMES, A. M. T. Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, [online] 2010, v. 15, n. 3, p. 763-773. Disponível em: <http://producao.usp.br/handle/BDPI/12945>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, F. A persistência da noção de ato inseguro e a construção da culpa: os discursos sobre os acidentes de trabalho em uma indústria metalúrgica. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* [on line] 2007, 32 (Janeiro-Junho). Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=100515514003>> ISSN 0303-7657. Acesso em: 25 set. 2017.

OLIVEIRA, B. R. G.; ROBAZZI, M. L. C. C. O Trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Rev Latino-am Enfermagem*, São Paulo, v. 9, n. 3, p.83-89, maio 2001. <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf>

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Panorama Laboral 201*. Empleo, desempleo, mercado de trabajo, salario mínimo, brecha de género, estadísticas, condiciones de trabajo, América Latina, América Central, Caribe. Lima, p. 156, 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Entrevista - OIT. *Revista SER Social*, [S.l.], v. 14, n. 31, p. 497-512, mar. 2013. ISSN 2178-8987. Disponível em: <[http://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/8497/6486](http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/8497/6486)>. Acesso em: 07 out. 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Piores formas de trabalho infantil. Um guia para jornalistas*. Supervisão Editoria Veet Vivarta; Programa para eliminação do trabalho infantil (IPEC), Brasília, p. 120, 2007.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Trabalho decente nas Américas: uma agenda hemisférica, 2006-2015. XVI Reunião Regional Americana, Brasília, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Children at work: special health risks. Technical Report Series, 765, p. 5-47, 1987.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cad. Pesqui.* [online]. 2008, vol.38, n.133, pp.97-125. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>.

PEREIRA, A. C. E.; MENDES, D. P.; MORAES, G. F. S. Do prescrito ao real: a imprevisibilidade e a importância do trabalho coletivo em um centro de usinagem de uma empresa metal-mecânica do interior do Estado de Minas Gerais. *Laboreal* [online]. 2017, vol.13, n.1, pp.24-38. ISSN 1646-5237. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiii0117ep>.

PEDROSO, M. N. C. A formação do novo trabalhador frente a reestruturação do trabalho e da produção. *Sociedade em Debate: Pelotas*, 13, 1, p. 121-137, 2007.

PEREIRA, C.; ROCHA, E.; PEREIRA, M. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. *ALCEU*. V. 10, n. 19, p. 5-15, jul/dez, 2009.

PERES, J. F. P.; MERCANTE, J. P. P.; NASELLO, A. G. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de Psiquiatria*. RS, 27(2), 131-138, 2005. Acesso em 23 jan. 2018. Disponível em: <http://www.clinicajulioperes.com.br/wp-content/uploads/2012/04/ResilienciaPERESetal2005.pdf>

PIRACICABA. Decreto n. 9.951 de 08 de agosto de 2002. Dispõe sobre a Notificação Obrigatória de Acidentes de Trabalho através do Relatório de Atendimento dos Acidentados do Trabalho – RAAT. Piracicaba, SP. Acesso em 31 de janeiro de 2018. Disponível em: [http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/DECRETO-MUNIC\\_IPAL-9951-DE-08-DE-AGOSTO-DE-2002.pdf](http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/DECRETO-MUNIC_IPAL-9951-DE-08-DE-AGOSTO-DE-2002.pdf)

PIRACICABA. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Piracicaba. Informativo SIVAT: Sistema de Vigilância de Acidentes de Trabalho – Piracicaba. Trabalhar sim, adoecer não. [online] 2012. Disponível em: [http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/FOLDER\\_SIVAT-FINALIZADO.pdf](http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/FOLDER_SIVAT-FINALIZADO.pdf). Acesso em 26 set 2017.

PIRACICABA. Piracicaba em defesa da vida. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Piracicaba. Secretaria Municipal de Saúde - CEREST Piracicaba. Disponível em: <http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/index.php/institucional/historico>, 2009. Acesso em: Acesso em 26 set 2017.

PORTO, M. F. S. Análise de riscos nos locais de trabalho. Cadernos de saúde do trabalhador. Instituto Nacional de Saúde no Trabalho. Junho, p. 42, 2000.



REZENDE, Marina Pereira, *O impacto do trabalho precoce na adolescência: um estudo de Enfermagem*. 2008, 113f. Tese (Doutorado em Enfermagem). USP, Rio Preto, São Paulo.

RIBEIRO, P. C. P; OLIVEIRA, P. B. R. Culto ao corpo: beleza ou doença? *Adolesc Saúde*. Vol. 8, n. 3. P. 63-69, 2011

ROBAZZI, M. L. C. C; SILVEIRA, C. A; MARZIALE, M. H. P; HASS, V. J. Acidentes de trabalho infanto-juvenil constatados através de registros hospitalares. *Cienc Cuid Saude*, Jul/Set, v. 6, n. 3, p. 342-35, 2007.

RODRIGUES, C. S; MARTINS, L. M. A escola pública e as competências para o mercado: realidade e mito. *Psicologia Escolar e Educacional* [online] 2013, 17 (janeiro – junho): Acesso em 14 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/11044>

RUZANY, M.H; MEIRELLES, Z. V. Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. *Adolesc Saúde*, v. 3, n. 6, 52-60, 2009.

SÁ, T. “Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral », *Configurações* [Online], 7 | 2010. Acesso em: 18 Fevereiro 2012, consultado o 14 Janeiro 2018. URL : <http://journals.openedition.org/configuracoes/203> ; DOI : 10.4000/configuracoes.203.

SALES, M. M; PEREIRA, E. Os sentidos do trabalho protegido para os jovens em situação de vulnerabilidade social. *Pretextos – Revista da graduação em psicologia da PUC Minas*, n.1, v. 2, jul-dez 2016. Acesso em 19 janeiro 2018. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/psicologia/\\_assets/pretextos-n1-v2-jul-dez-016.pdf#page=112](http://portal.pucminas.br/psicologia/_assets/pretextos-n1-v2-jul-dez-016.pdf#page=112) ISSN 2448-0738

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2005, vol.22, n.1, pp.33-41. ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100005>.

SANTANA, V. S; ARAÚJO, G. R; ESPÍRITO-SANTO, J. S; ARAÚJO-FILHO, J. B; IRIART, J. A utilização de serviços de saúde por acidentes de trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. [online] 2007, 32 (janeiro-junho): Acesso em: 15 janeiro 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbso/v32n115/12.pdf>

SANTANA, V.; ITAPARICA, M.; AMORIM, A.M.; ARAÚJO FILHO, J.B.; ARAÚJO, G.; OLIVEIRA, M.; COOPER, S. Acidentes de trabalho não fatais em adolescentes. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(2):407-420, mar-abr, 2003.

SANTOS, M. E; MAURO, M. Y. C; BRITO, C. G; MACHADO, D. C. Trabalho precoce e acidentes ocupacionais na adolescência. *Esc. Anna Nery Enferm.* n. 13, v. 4, p. 824-32, 2009.

SÃO PAULO. Resolução SS, 63, de 30 de abril de 2009. Regulamenta o Fluxo de Notificações de Agravos à Saúde do Trabalhador, no âmbito do Estado de São Paulo. Disponível em: <[http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/resolucao\\_63.pdf](http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/resolucao_63.pdf)>. Acesso em 22 set. 2017.

SÃO PAULO. PIB dos municípios paulistas 2002-2014. Fundação Seade. São Paulo. Acesso em: 17jan. 2018. Disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/midia/2017/07/PIB\\_2002\\_2014\\_FINAL\\_reduzido.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/midia/2017/07/PIB_2002_2014_FINAL_reduzido.pdf)

SCHOEN-FERREIRA, T. H. AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E. E. M. Adolescência através dos séculos. *Psic. Teor e Pesq.* [online]. 2010, v. 26, n. 2, p. 227-234. ISSN 0102-3772. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>. Acesso em: 16 dez 2017.

SCHOEN-FERREIRA, T. H; AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estud. psicol. (Natal)*[online]. 2003, vol.8, n.1, pp.107-115. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.

SILVA, L. A; REZENDE, G. J; SOUZA, M. I. T; ROBAZZI, M. L. C; DALRI, R. C. M. B; FALEIROS, S. A. Pain in patients undergoing orthopedic surgery. *Journal of Nursing UFPE* on line, [S.l.], v. 7, n. 10, p. 5883-5889, june 2013. ISSN 1981-8963. Available at: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/12213>>. Date accessed: 21 jan. 2018. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v7i10a12213p5883-5889-2013>.

SILVA, A. A. K; CORREIA, A. E. C; LIMA, I. F. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. *Revista Iberoamericana de Bibliotecologia* [on line] 2010, 33 (Janeiro-Junho): Acesso a consulta em 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1790/179015628009> ISSN 0120-0976.

SILVEIRA, R. C. P. *As crianças e os adolescentes acidentados no trabalho e atendidos em uma unidade distrital de saúde em Ribeirão Preto (SP)*. Dissertação (Departamento de Enfermagem) Ribeirão Preto SP, p. 128, 2003.

SOCHACZEWSKI, S. A Produção da Vida. *Revista Ciências do Trabalho*, n 7, p. 89-100, 2016.

TORRES, C. A; PAULA, P. H. A; FERREIRA, A. G. N; PINHEIRO, P. N. C. Adolescência e trabalho: significados, dificuldades e repercussões na saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação* [online], 2010, 14 (outubro-dezembro): Acesso em: 20 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1801/180115837004/>> ISSN 1414-3283

UCHIDA, S; SZNELWAR, L. I; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho e subjetividade. In: HELOANI, R; SOUZA, R. M. B; RODRIGUES, R. R. J (org). *Sociedade em transformação* [livro eletrônico]. – Londrina: EDUEL, 2015. 1 Livro difital: il.

UNFPA - FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Direitos da população jovem: um marco para o desenvolvimento*. 2ed., Brasília: UNFPA, 2010.

VILELA, R. A. G.; ALMEIDA, I. M; VEZZA, F. M. G. A investigação de acidentes industriais: uma entrevista com Michel Lllory. *Saude soc.*[online]. 2013, vol.22, n.1, pp.262-269. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902013000100023>.

VILELA, R. A. G; IGUTI, A. M; ALMEIDA, I. M. Culpa da vítima: um modelo para perpetuar a impunidade nos acidentes do trabalho. *Caderno de Saúde Pública*, v. 20, n 2, 570-579, mar-abri, 2004.

VYGOTSKI, L. S. *Imaginação e criatividade na infância*. 1. ed. WMF Martins Fontes: 2014.

VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas IV: Paidología del adolescente – Problemas de la psicología infantil*: Madrid, Machado Grupo de Distribución, S. L, 2012. Tradução: Lydia Kuper.

VYGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes. Tradução: Paulo Bezerra, 2009.

VYGOTSKI, L.S. *La imaginación y el arte en la infancia*. 2. ed. Madrid: Akal, 1990.

WALDVOGEL, B. C. A população trabalhadora paulista e os acidentes de trabalho fatais. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 17, n. 2, p. 42-53, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Young people's health: a challenge for society*. Report of a WHO study group on young people and health for all by the year 2000. Geneva: WHO, 120 p., 1986.

WUNSCH FILHO, V. Reestruturação produtiva e acidentes de trabalho no Brasil: estrutura e tendências. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1999, vol.15, n.1, pp.41-52. ISSN 1678-4464. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1999000100005>.

YIN, R. K. *Estudos de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Bookman, 2001.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – Menor de 18 anos



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Saúde Pública  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) RESOLUÇÃO 466/2012

CONVIDO, você, \_\_\_\_\_ para participar do Projeto de Pesquisa intitulado "Acidentes de Trabalho com Adolescentes: compreendendo as consequências aos jovens trabalhadores", que será desenvolvido por mim Juliana Cunha, formada em Psicologia e mestranda em Saúde Coletiva, com orientação do profissional Professora Maria Dionísia Amaral Dias da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP

Caso concorde em participar da pesquisa você deverá assinar este Termo de Assentimento e seu Representante Legal assinará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participantes de pesquisa entre 11 a 17 anos/11/meses e 29 dias.

Trata-se de um subprojeto (Tema 3 - Atenção integral aos acidentados) vinculado ao projeto temático " Acidente de trabalho: análise sócio técnica à construção social de mudanças", e este projeto é financiado pela FAPESP (Processo nº 2012-04721-1), pelo pesquisador responsável: Rodolfo Andrade de Gouveia Vilela. Considerando a importância da dimensão trabalho na vida das pessoas e no processo saúde-doença, a pesquisa tem como objetivo geral conhecer os significados, sentidos e impactos do trabalho para adolescentes que sofreram acidente no trabalho.

Para tanto, utilizará como procedimento principal de coleta de dados entrevistas, individuais e/ou em grupos, com pessoas que tenham sofrido acidente de trabalho antes de completar 18 anos, a partir de 2014.

Além disso, solicito que você participe da entrevista que levará em torno de 50 minutos de duração. A entrevista será gravada e transcrita e após a transcrição dos dados o material será apagado

O benefício que você terá em participar será com o intuito de conhecer os significados e sentidos do trabalho para adolescentes que sofreram acidente de trabalho e indicar elementos de interesse para ações de prevenção de acidentes e de programas terapêuticos e de reabilitação profissional para adolescentes acidentados, que atenda as características específicas desta população.

Fique ciente, que a participação neste estudo é voluntária e que mesmo após ter dado consentimento para participar da pesquisa, você poderá retirar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo na continuidade do tratamento, ou qualquer outra atividade em que você esteja participando.

Este Termo tem duas vias de igual teor, das quais uma via será entregue a você devidamente rubricada, e a outra via será arquivada e mantida pelos pesquisadores por um período de cinco anos após o término da pesquisa.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Saúde Pública  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

Qualquer dúvida adicional você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo Projeto Temático e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, através dos telefones (11) 3061-7779 ou Av. Dr. Arnaldo, 715 - Cerqueira César, São Paulo - SP. Os dados de localização dos pesquisadores estão abaixo descritos:

Após terem sido sanadas todas minhas dúvidas a respeito deste estudo, **CONCORDO** em participar de forma voluntária, estando ciente que todos os meus dados estarão resguardados através do sigilo que os pesquisadores se comprometeram. Estou ciente que os resultados desse estudo poderão ser publicados e revistas científicas, sem no entanto, que a identidade do entrevistado seja revelada.

Piracicaba, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

**Nome Juliana Cunha**

**Endereço:** Rua Dr. José Barbosa de Barros, n 1630, Botucatu

Telefone: (14) 9989-22111

Email: julicnh@yahoo.com.br

**Nome: Prof. Doutora Maria Dionísia do Amaral Dias**

**Endereço:** Distrito de Rubião Júnior, s/n Botucatu

Telefone: (14) 3880-1353

Email: dionisia@fmb.unesp.br



**Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Responsável**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Saúde Pública  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
RESOLUÇÃO 466/2012**

CONVIDO, o Senhor (a) \_\_\_\_\_ responsável pelo adolescente \_\_\_\_\_ para participar do Projeto de Pesquisa intitulado "Acidentes de Trabalho com Adolescentes: compreendendo as consequências aos jovens trabalhadores", que será desenvolvido por mim Juliana Cunha, formada em Psicologia e mestranda em Saúde Coletiva, com orientação da profissional Psicóloga e Professora Maria Dionísia Amaral Dias da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP. Trata-se de um subprojeto (Tema 3 - Atenção integral aos acidentados) vinculado ao projeto temático "Acidente de trabalho: análise sócio técnica à construção social de mudanças", e este projeto é financiado pela FAPESP (Processo nº 2012-04721-1), pelo pesquisador responsável: Rodolfo Andrade de Gouveia Vilela. Considerando a importância da dimensão trabalho na vida das pessoas e no processo saúde-doença, a pesquisa tem como objetivo geral conhecer os significados, sentidos e impactos do trabalho para adolescentes que sofreram acidente no trabalho.

Para tanto, utilizará como procedimento principal de coleta de dados entrevistas, individuais e/ou em grupos, com pessoas que tenham sofrido acidente de trabalho antes de completar 18 anos, a partir de 2014.

Na qualidade de responsável pelo adolescente \_\_\_\_\_ estou ciente e autorizo o(a) mesmo(a) a participar da entrevista, que durará aproximadamente 50 minutos. A entrevista será gravada e transcrita e após a transcrição dos dados o material será apagado.

Os benefícios da participação do seu filho(a) será com o intuito de conhecer os significados e sentidos do trabalho para adolescentes que sofreram acidente de trabalho e indicar elementos de interesse para ações de prevenção de acidentes e de programas terapêuticos e de reabilitação profissional para adolescentes acidentados, que atenda as características específicas desta população.

Informo que a participação do seu filho (a) neste estudo é voluntária e que mesmo após o senhor ter dado o consentimento para que ele participe da pesquisa, o senhor poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo na continuidade do seu tratamento.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem duas vias de igual teor, das quais uma via será entregue ao Senhor (a) devidamente rubricada, e a outra via será arquivada e mantida pelos pesquisadores por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Qualquer dúvida adicional você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo Projeto Temático e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, através dos telefones (11) 3061-7779 ou Av. Dr. Arnaldo,



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Saúde Pública  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

715 - Cerqueira César, São Paulo - SP. Os dados de localização dos pesquisadores estão abaixo descritos:

Após terem sido sanadas todas minhas dúvidas a respeito deste estudo, **CONCORDO** na qualidade de "Representante Legal" a participação de meu (minha) filho(a) de forma voluntária, estando ciente que todos os seus dados estarão resguardados através do sigilo que os pesquisadores se comprometeram. Estou ciente que os resultados desse estudo poderão ser publicados em revistas científicas, sem no entanto, que a identidade do entrevistado seja revelada.

Piracicaba, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome:

Representante Legal do adolescente participante da pesquisa

Eu, Juliana Cunha, pesquisadora, aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, e Maria Dionísia do Amaral Dias, pesquisadora associada no projeto temático, orientadora no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, declaramos que foram fornecidas todas as informações ao participante.

Maria Dionísia do Amaral Dias  
Deptº de Saúde Pública da Faculdade de  
Medicina de Botucatu – UNESP

Juliana Cunha  
Aluna de mestrado  
PPG Saúde Coletiva, FMB-UNESP

**Juliana Cunha (pesquisadora)**

**Endereço:** Rua Dr. José Barbosa de Barros, n 1630, Botucatu  
**Telefone:** (14) 9989-22111  
**Email:** julicnh@yahoo.com.br

**Prof. Doutora Maria Dionísia do Amaral Dias (orientadora)**

**Endereço:** Distrito de Rubião Júnior, s/n Botucatu  
**Telefone:** (14) 3880-1353  
**Email:** dionisia@fmb.unesp.br

**Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Maior de 18 anos**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Saúde Pública**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL**  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

---

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

**Projeto Temático: "Acidente de Trabalho: da análise sócio técnica à construção social de mudanças"**

Projeto Financiado pela FAPESP (Processo nº 2012-04721-1)

**Pesquisador Responsável:** Rodolfo Andrade de Gouveia Vilela

Prezado (a) Senhor (a).

Agradecendo a sua atenção, apresento a seguir uma síntese da pesquisa para a qual solicito a sua participação.

Título da Pesquisa – *Acidentes de Trabalho em Adolescentes: compreendendo a vivência dos jovens trabalhadores.*

Trata-se de um subprojeto (Tema 3 - Atenção integral aos acidentados) vinculado ao projeto temático acima identificado.

Considerando a importância da dimensão trabalho na vida das pessoas e no processo saúde-doença, a pesquisa tem como objetivo geral conhecer os significados, sentidos e impactos do trabalho para adolescentes que sofreram acidente no trabalho.

Para tanto, utilizará como procedimento principal de coleta de dados entrevistas, individuais e/ou em grupos, com pessoas que tenham sofrido acidente de trabalho antes de completar 18 anos, a partir de 2014.

**Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, ficam assegurados os seguintes direitos aos participantes:**

1. Sua participação é voluntária e nesta pesquisa está isenta de qualquer ônus financeiro e, portanto não estão previstos ressarcimentos nem indenizações.
2. A pesquisa envolve risco mínimo aos participantes e será controlado pelos procedimentos éticos aqui estabelecidos.
3. Você tem direito a interromper sua participação a qualquer momento da pesquisa sem qualquer prejuízo ou penalização.
4. Como benefício a pesquisa trará conhecimentos sobre os impactos psicossociais do trabalho adolescente e indicações para políticas públicas visando a prevenção dos efeitos negativos do trabalho e de acidentes a pessoas com menos de 18 anos de idade.
5. Todas as informações obtidas serão utilizadas de forma a proteger a identidade e privacidade dos sujeitos participantes.
6. As entrevistas serão gravadas e após a transcrição e análise, os registros serão destruídos.
7. As informações não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou grupos.
8. Ao final da pesquisa os resultados serão informados aos participantes.
9. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins de natureza científica e acadêmica tais como, elaboração de dissertação de pós-graduação, apresentações em congressos e publicações de artigos científicos em revistas especializadas.
10. Você deverá receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa. Para tanto poderá procurar esclarecimentos com o pesquisador responsável pelo Projeto Temático e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no telefone (11) 3061-7779 ou Av. Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César, São Paulo - SP, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.

[1ª via pesquisador / 2ª via participante da pesquisa]





**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Saúde Pública**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE AMBIENTAL**  
Av. Dr. Arnaldo, 715. 2º andar, CEP 01246-904. São Paulo

---

**Declaro estar ciente do exposto e manifesto meu desejo participar da pesquisa.**

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Nome e assinatura do sujeito:**

\_\_\_\_\_

**Nome e assinatura do responsável:**

\_\_\_\_\_

Eu, **Juliana Cunha**, pesquisadora, aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, e **Maria Dionísia do Amaral Dias**, pesquisador associada no projeto temático, orientadora no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, declaramos que foram fornecidas todas as informações ao participante.

**Maria Dionísia do Amaral Dias**  
Deptº de Saúde Pública da Faculdade de  
Medicina de Botucatu – UNESP  
(14) 3880.1353 / 3880.1366 / (14) 9145.1540  
[dionisia@fmb.unesp.br](mailto:dionisia@fmb.unesp.br)

**Juliana Cunha**  
Aluna de mestrado  
PPG Saúde Coletiva, FMB-UNESP  
(14) 99892.2111  
[julicnh@yahoo.com.br](mailto:julicnh@yahoo.com.br)